

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ENGENHARIA
MESTRADO EM AMBIENTE CONSTRUÍDO**

GABRIELLA INHAN DE SOUZA

**RUDOLPH ATCON, ENTRE O EDUCACIONAL E O URBANÍSTICO NA
DEFINIÇÃO DE DIRETRIZES PARA *CAMPI* UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL**

**JUIZ DE FORA
2015**

GABRIELLA INHAN DE SOUZA

**RUDOLPH ATCON, ENTRE O EDUCACIONAL E O URBANÍSTICO NA
DEFINIÇÃO DE DIRETRIZES PARA *CAMPI* UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ambiente Construído, Área de Concentração em Projeto da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído.

Orientador: Klaus Chaves Alberto

JUIZ DE FORA

2015

GABRIELLA INHAN DE SOUZA

**RUDOLPH ATCON, ENTRE O EDUCACIONAL E O URBANÍSTICO NA
DEFINIÇÃO DE DIRETRIZES PARA *CAMPI* UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ambiente Construído, Área de Concentração em Projeto da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído.

Orientador: Klaus Chaves Alberto
Aprovada em 28 de janeiro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Klaus Chaves Alberto
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Marcos Olender
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Ítalo Itamar Caixeiro Stephan
Universidade Federal de Viçosa

Prof^a. Dra. Sônia Maria de Castro Nogueira Lopes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ao Gustavo, meu amado marido.

À Lis, minha filha tão desejada.

Aos meus incentivadores pais, Fátima e Sergio.

À Fernanda, minha irmã querida.

Ao Klaus, meu orientador dedicado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu querido orientador Klaus Chaves Alberto pela paciência e incentivo durante esses anos. Sem dúvida contribuiu muito para a minha formação intelectual, bem como me inspirou na vida pessoal.

À minha amada família, que torceu pela concretização de um sonho, em especial ao meu pai, Sergio de Souza, pelo empenho em conseguir uma importante publicação de Rudolph Atcon na Universidade de Bogotá; à minha querida tia de coração e alma, Eline Lhamas, pelo auxílio nos dados do meu estudo; e à minha prima Luciana Inhan pela contribuição intelectual.

À minha sócia Mara, pela compreensão na minha dedicação aos estudos.

A todos os meus amigos que durante essa trajetória souberam compreender meu momentâneo afastamento.

A todos os companheiros, amigos e professores de mestrado, que muito contribuíram para o meu desenvolvimento, em especial ao professor Antônio Colchetes pela possibilidade do meu acesso a dois importantes textos.

Ao arquiteto Alcyr Meira, pelo carinho e contribuição.

Aos pesquisadores e responsáveis por núcleos de pesquisas, arquivos e prefeituras universitárias, pela disponibilidade nas referências.

Às bolsistas Jéssica Ventura e Thaísa Souza, do Núcleo de Pesquisa Ágora, pelo suporte dado.

Aos membros da banca, pelas importantes contribuições.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

“A universidade é a legítima formadora do pensamento da comunidade no espiritual, moral, intelectual, cívico, artístico, social e econômico, ao nível educacional mais avançado.”

Rudolph Atcon (1968, p.1)

RESUMO

O presente trabalho investiga a atuação do consultor norte-americano Rudolph Atcon no processo de revisão do ensino superior no Brasil na década de 1960. Atcon nasceu na Grécia e naturalizou-se norte-americano, país onde teve uma formação ampla, cursando engenharia civil (1943) e artes liberais (1951), e fazendo pós-graduação em filosofia das ciências e lógica simbólica. A partir de 1951 desenvolveu diversos trabalhos no Brasil. Neste contexto destaca-se sua atuação no campo do ensino superior que iniciou-se nos primeiros anos da CAPES (Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e, posteriormente, na década de 1960, no contexto dos acordos do Ministério da Educação Brasileiro (MEC) com o *United States Agency for International Development* (USAID). Estes acordos tinham como objetivo a criação de convênios para estimular a educação brasileira através de assistência técnica e financeira, reformulando o sistema existente. Neste período, em 1966 estimulou a criação do CRUB (Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras), onde atuou como secretário, e redigiu um importante texto sobre o planejamento de espaços universitários, o *Manual Sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário* (1970). Este livro teve ampla divulgação nas universidades brasileiras justamente no período de ampliação física das mesmas. Além do Brasil e Estados Unidos, prestou serviços a muitas universidades de países da América Latina como Venezuela, Chile, Honduras e Colômbia; na América Central: São Domingos e México.

O objetivo do estudo é o entendimento do pensamento de Atcon sobre a estrutura universitária, tanto no campo educacional quanto no físico, e seu impacto no planejamento de algumas universidades brasileiras. Neste sentido foram feitas análises de dois tipos de cidades universitárias, no primeiro tipo foram estudados os *campi* que o próprio consultor destacava como modelos físicos de suas diretrizes: Ufes e a UFPA; a segunda seleção buscou uma universidade sem sua atuação direta, porém instituída no mesmo período das demais, com o objetivo do entendimento de como as ideias que o consultor defendia circulavam no país. Para essa análise foi selecionado campus da Unicamp. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram priorizadas fontes primárias tais como as publicações do próprio Rudolph Atcon no Brasil, incluindo cartas extraídas do Centro de Documentação da UNESCO e do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC); e documentos que remontam o início das universidades selecionadas. Para um entendimento mais amplo do período ainda foram utilizadas fontes secundárias compostas por textos que relatam e avaliam sua atuação no Brasil.

Palavras-chaves: *Campus* universitário. Rudolph Atcon. Reforma Universitária Brasileira. Influência norte-americana.

ABSTRACT

This paper investigates the influence of the American consultant Rudolph Atcon on the review process of higher education in Brazil in the 1960s. Atcon was born in Greece and became an American citizen, a country where he had a thorough education, coursing civil engineering (1943) and liberal arts (1951), and completing a graduate's course in philosophy of science and symbolic logic. He developed several studies in Brazil since 1951. In this context, his activities in the field of higher education stand out, which began in the early years of the CAPES (Campaign for the Improvement of Higher Education Personnel) and, subsequently, in the 1960s, in the context of agreements between the Brazilian Department of Education (MEC) and the United States Agency for International Development (USAID). The goal of these agreements was to establish arrangements to stimulate Brazilian education through technical and financial assistance, revising the existing system. In this period, he encouraged the creation of the CRUB (Council of Deans of Brazilian Universities) in 1966, where he served as secretary and drafted an important text on the planning of university spaces, the *Manual Sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário* (Manual On the Integral Planning of the University Campus, 1970). This book had a wide reach in Brazilian universities precisely at the time of their physical expansion. In addition to Brazil and the United States, he also provided services to many universities in Latin American countries, such as Venezuela, Chile, Honduras and Colombia; and in Central America: Santo Domingo and Mexico. The objective of this study is to understand Atcon's thoughts on the university structure, both in a physical and educational sense, in addition to their impact on the planning of some Brazilian universities. As such, two types of university cities were analyzed. the first type included the campuses that the consultant himself highlighted as physical models of his recommendations: Ufes and UFPA; the second selection sought out a university on which he didn't work directly, but that was established at the same time as the others, in order to understand how the ideas advocated by the consultant circulated across the country. For this analysis the campus of Unicamp was selected. For the development of this study primary sources were given priority, such as the publications in Brazil by Rudolph Atcon himself, including letters obtained from UNESCO's Documentation Center and the *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil* (Research and Documentation Center of Contemporary History in Brazil, CPDOC); as well as documents pertaining to the founding of the selected universities. For a broader understanding of the period under study, secondary sources including texts that describe and evaluate his performance in Brazil were also used.

Keywords: University Campus. Rudolph Atcon. Brazilian University Reform. American Influence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Rudolph Atcon	34
Figura 2:	Países em que Rudolph Atcon atuou como consultor em universidades.....	35
Figura 3:	"Equação da universidade tradicional".....	45
Figura 4:	"Equação da universidade em transição".....	46
Figura 5:	Esquema da estrutura administrativa proposta por Rudolph Atcon.....	49
Figura 6:	A universidade integral.....	51
Figura 7:	Modelo de "zonificação" de Rudolph Atcon.....	58
Figura 8:	Imagem antiga do edifício do Sanatório Getúlio Vargas.....	66
Figura 9:	Imagem do Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes.	67
Figura 10:	"Plano diretor da Ufes - Campus Alaor de Queiroz Araújo".....	69
Figura 11:	Mapa de localização do <i>campus</i> Goiabeiras e do <i>campus</i> Maruípe – Ufes.....	71
Figura 12:	Imagem atual das pedras no <i>campus</i> Goiabeiras - Ufes, citadas por Rudolph Atcon.....	73
Figura 13:	"Plano diretor da Ufes - Campus Alaor de Queiroz Araújo".....	75
Figura 14:	Fotografias destacando os Cemuni.....	76
Figura 15:	Planta do Cemuni.....	77
Figura 16:	Cemuni em detalhe.....	77
Figura 17:	"Plano diretor da Ufes - Campus Alaor de Queiroz Araújo".....	78
Figura 18:	Mapa demonstrando a distância do <i>campus</i> Maruípe - Ufes ao centro da cidade de Vitória.....	80
Figura 19:	Mapa demonstrando a distância do <i>campus</i> das Goiabeiras - Ufes ao centro da cidade de Vitória.....	80
Figura 20:	Mapa demonstrando limites do <i>campus</i> das Goiabeiras - Ufes.....	82

Figura 21:	"Plano diretor da Ufes - Campus Almor de Queiroz Araújo".	83
Figura 22:	Comparação das propostas de zoneamento de Rudolph Atcon para o <i>Manual Sobre o Planejamento Integral de Campus</i> e o Plano Diretor idealizado pelo arquiteto Vivacqua.....	85
Figura 23:	Mapa demonstrando a distância do <i>campus</i> da UFPA e o centro da cidade de Belém do Pará.....	88
Figura 24:	Entorno do <i>campus</i> UFPA.....	89
Figura 25:	Zonificação da UFPA.....	91
Figura 26:	Ponte de pedestres sobre o Igarapé do Tucunduba ligando a Área dos Centros Básicos à Área dos Centros Profissionais.....	91
Figura 27:	Implantação das edificações da UFPA.....	92
Figura 28:	Imagem da construção da Unicamp, demarcando o formato radial.....	99
Figura 29:	Esquema da estrutura física da Unicamp.....	100
Figura 30:	Planta da Unicamp.....	101
Figura 31:	Diagrama do <i>campus</i> radial.....	102
Figura 32:	Relação pedestre/automóveis – Unicamp.....	102
Figura 33:	Mapa demonstrando distâncias do <i>campus</i> da Unicamp.....	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP	Ação Popular
AP	Setor Agropecuário
AR	Setor Artístico
BA	Setor ou Centro Básico
BM	Setor Biomédico
CAPES	Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEG	Centro de Estudos Gerais
CI	Setor ou Centro Cibernético
COPLAN	Comissão de Planejamento da Universidade de Campinas
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
CRUB	Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
EG	Estudos Gerais
ES	Setor Esportivo
ESTEC	Escritório Técnico de Engenharia
EUA	Estados Unidos da América
FAMEMA	Faculdade de Medicina de Marília
FAMERP	Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto
FCMBB	Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu
HC	Hospital das Clínicas
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OEA	Organização dos Estados Unidos
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PUC-RIO	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

TC	Setor Tecnológico
UFBA	Universidade Federal da Bahia
Ufes	Universidade Federal do Espírito Santo
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UnB	Universidade de Brasília
UND	União Democrática Nacional
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNESP	Universidade Estadual Paulista
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
USAID	<i>United States Agency for International Development</i>
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	OBJETIVOS.....	22
1.1.1	Objetivo geral.....	22
1.1.2	Objetivos específicos.....	22
1.2	MÉTODO.....	23
1.2.1	Fontes primárias.....	24
1.2.1.1	Publicações do próprio Rudolph Atcon.....	24
1.2.1.2	Documentos.....	26
1.2.2	Fontes documentais.....	29
1.2.2.1	Textos de contextualização da época.....	29
1.2.2.2	Textos históricos a respeito de <i>campi</i> no Brasil.....	31
1.2.2.3	Entrevistas.....	32
1.3	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	33
2	RUDOLPH ATCON NA TEORIA: REFLEXÕES DO CONSULTOR PARA O SISTEMA UNIVERSITÁRIO.....	34
2.1	TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE RUDOLPH ATCON.....	34
2.2	PROPOSTAS DE RUDOLPH ATCON PARA O ENSINO SUPERIOR.....	44
2.2.1	Reforma Administrativa.....	47
2.2.2	Reforma Pedagógica.....	50
2.2.3	Reforma Física.....	56
2.2.3.1	Zonificação.....	58
2.2.3.2	Métodos construtivos das edificações de <i>campi</i> universitários.....	60
2.2.3.3	Habitação estudantil.....	61
3	RUDOLPH ATCON NA PRÁTICA: PROPOSTAS, ANÁLISES E REFLEXOS DAS ATUAÇÕES DO CONSULTOR.....	63
3.1	PROPOSTAS DIRETAS DE RUDOLPH ATCON: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (Ufes).....	64

3.1.1 Criação da Ufes.....	64
3.1.2 Propostas de reestruturação.....	67
3.1.3 Análise comparativa das ideias do consultor sobre as ideias adotadas pela Ufes.....	79
3.2 ANÁLISE DE RUDOLPH ATCON: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA).....	86
3.2.1 Criação da UFPA.....	86
3.2.2 Propostas de reestruturação.....	89
3.2.3 Análise comparativa das ideias do consultor sobre as ideias adotadas pela UFPA.....	93
3.3 REFLEXOS DAS ATUAÇÕES DO CONSULTOR: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp).....	95
3.3.1 Criação da Unicamp.....	95
3.3.2 Planejamento físico.....	98
3.3.3 Análise comparativa das ideias do consultor sobre as ideias adotadas pela Unicamp.....	103
4 CONSIDERAÇÕES.....	106
REFERÊNCIAS.....	112
ANEXOS.....	117

1 INTRODUÇÃO

Parte da história do ensino superior caracteriza-se por períodos de consolidação e por períodos de renovação de perspectivas a respeito do próprio campo. Na avaliação do pesquisador do ensino superior no Brasil, Luís Antônio Cunha, o processo de reformulação do sistema universitário no Brasil marcou-se, primeiramente, com os próprios estudantes reivindicando melhores condições em suas faculdades. O I Congresso de Estudantes Latino-Americanos, que aconteceu em 1908 na cidade de Montevideu, no Uruguai, seguido por Buenos Aires (1910) e Lima (1912), destacam-se como momentos importantes na história da América Latina. Através destes eventos, muito se debateu a respeito do campo educacional, criou-se a Federação dos Estudantes do Peru (1916) e a Federação Universitária Argentina (1918). Esta segunda, em seu primeiro congresso, realizado em Córdoba, criou a Carta Magna da Reforma Universitária. Este texto foi um marco por consolidar, entre outros temas, uma reação à autoridade oligárquica das universidades, possibilitando uma maior influência dos próprios estudantes e a capacitação dos docentes. Somente por volta de 1929 os estudantes brasileiros incorporaram-na em sua pauta no Manifesto dos Estudantes Brasileiros em Porto Alegre. Durante esta fase, Getúlio Vargas chegou a receber estudantes e escutar suas propostas e indignações, mas ainda sem apresentar resultados positivos. O ano de 1938 foi bastante produtivo nessa temática para o Brasil, realizou-se na cidade do Rio de Janeiro o II Congresso Nacional dos Estudantes, no qual foi aprovado o Plano de Sugestões para a Reforma Educacional Brasileira, sendo uma delas a fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE), proposta esta acatada pelos congressistas. Após os manifestos estudantis, houve a adesão dos professores e, posteriormente, o Estado se manifestou reformulando as questões iniciais dos estudantes tornando-as, na visão do pesquisador Cunha, um “mero apoio à modernização do ensino superior” (CUNHA, 2007a, p. 169-174).

As lutas estudantis para a melhora da qualidade do ensino resultaram em muitos congressos que debateram as necessidades de renovação das instituições educacionais brasileiras. Segundo os pesquisadores Gelson Pinto e Ester Buffa, foi após a 2ª Guerra Mundial que estes debates consolidaram o papel das

universidades como uma plataforma de “desenvolvimento científico e tecnológico” na qual a pesquisa deveria alavancar o ensino (PINTO; BUFFA, 2009, p.107).

A mudança política do país, que saía do Estado Novo (1937-1945) e entrava no Período Democrático (1945-1964), logo após o final da 2ª Guerra Mundial, construiu uma situação financeira favorável. O Brasil desenvolveu-se com a política de industrialização, e ainda beneficiou-se com as exportações durante o período da guerra (CASTILHO, 2008, p.395-443). Na área da educação também ocorreram importantes mudanças como o retorno à vida pública de Anísio Spínola Teixeira¹ e de outros educadores reformistas que estiveram afastados durante o governo de Vargas (CUNHA, 2007a, p.31).

Clemente Mariani, membro da União Democrática Nacional (UDN), ao assumir o Ministério da Educação durante o governo de Eurico Dutra (1946-1951) em 1948, elaborou um projeto de reforma da educação (ROMANELLI, 1978, p.171 apud ALBERTO, 2008, p.86). Em 1952, foi criado o Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que abordava todos os graus de ensino. Este trabalho foi desenvolvido por uma Comissão que teve o professor e educador Anísio S. Teixeira como um dos responsáveis. No âmbito superior, dentre tantos temas, destacam-se as propostas de um regime de autonomia didática, administrativa e financeira (BRASIL, 1952, p.144-146). Esse projeto foi aprovado apenas em 1961, sob a Lei 4.024, que rege sob todo o ensino (primário, secundário, médio e superior) brasileiro de forma abrangente, mas não foi fiel em todos os aspectos ao Projeto de Lei de 1952 (BRASIL, 1961a). O educador Anísio S. Teixeira foi um forte ativista para que a Lei se concretizasse, promoveu conferências em todo o país com o objetivo de estimular as discussões em torno do tema (NUNES, 2000, p.12). Inclusive, em 1961, foi publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos um texto de Anísio, então diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, que demonstrava o surgimento de novas instituições de ensino superior nos anos

¹ Anísio Spínola Teixeira foi um importante educador brasileiro que compartilhou de pensamentos norte-americanos na área da educação. Essa afinidade se deu através da visita ocorrida em 1927, aos Estados Unidos, com o intuito de conhecer o sistema de educação do país (até então, sua atenção ainda não estava voltada ao âmbito do ensino superior). Durante a viagem, se deparou com as ideias do filósofo no campo da educação, John Dewey, que influenciou posteriormente suas teorias e produções bibliográficas. Seu vínculo com o país se estreitou em 1928, quando recebeu uma bolsa de estudos no Teachers College da Universidade de Nova York. Posteriormente, em 1964, foi convidado a lecionar como professor visitante na Universidade de Columbia e na Universidade da Califórnia (TEIXEIRA, 2006, p.10-29).

recentes. Em 137 anos, considerando 1808 a 1945, 181 instituições foram implantadas, número superado pelos 15 anos posteriores, de 1945 a 1960, onde o foram criadas 223 instituições. Esses dados foram tratados por Anísio como justificativa para a necessidade de mudanças na estrutura ensino superior vigente (TEIXEIRA, 1961c).

Segundo a pesquisadora Magda Campêlo (2012, p.28), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional “tornou oficial o debate que assinalava a existência de uma defasagem nas instituições universitárias para acompanhar o processo de modernização nacional em curso” e ainda abria a possibilidade de acesso das camadas menos favorecidas economicamente da população ao ensino superior, reduzindo a quase restrição deste à elite. A Lei objetivava a pesquisa, e no campo físico, destacava que, independente dos edifícios serem agrupados ou não, existiria uma “cooperação de institutos de pesquisa e centros de treinamento profissional”. A universidade teria abertura para os discentes em “conselhos universitários, nas congregações, e nos conselhos departamentais das universidades e escolas superiores isoladas” por meio de representantes com direito a votos, e ainda poderiam conseguir isenção do pagamento em universidades ou instituições isoladas federais todos os alunos que demonstrassem impossibilidade financeira (BRASIL, 1961a).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi aprovada no governo de João Goulart (1961-1964), cuja gestão foi alvo de diversas críticas relacionadas a projetos revolucionários que incentivavam a “ameaça comunista” nas universidades, mas que chegou a admitir militantes em cargos oficiais por meio da UNE (que tinha grande influência política e apoio de Jango); essas críticas também abordavam o campo econômico ao destacar a insegurança financeira do país que vinha sofrendo com a inflação desde o início de 1964. Grupos militares se uniram com o objetivo de derrubar o governo, ordenando o golpe militar de 1964, com o apoio de muitos intelectuais, da população em geral e dos Estados Unidos da América (MOTTA, 2014, p.23-28). De acordo com o pesquisador,

Os principais elementos deflagradores do golpe tinham natureza política: medo, insegurança e a reação ao processo de esquerdização ou de “comunização” supostamente em curso no país. As representações comunistas, que foram dominantes nos discursos favoráveis ao golpe, expressavam o temor em relação aos movimentos sociais no campo (invasões de terra, demandas de reforma agrária na “marra”), à força

crescente dos sindicatos, expressa nas greves, à politização dos subalternos das Forças Armadas e à esquerdização dos jovens universitários. Além de expressarem o medo difuso despertado pelo aumento da influência da esquerda, tais representações tinham a vantagem de colocar o problema em linguagem compreensível para a sociedade, há muito acostumada a ouvir discursos sobre o “perigo vermelho”. Por outro lado, tal linguagem permitia conferir mais gravidade ao quadro político, inscrevendo a situação brasileira nos parâmetros da Guerra Fria (MOTTA, 2014, p. 23).

Os primeiros alvos das ações repressivas dos militares foram os sindicatos e as organizações de trabalhadores rurais, seguidos pelas universidades que, para os ditadores, eram locais que podiam incentivar as ações revolucionárias/comunistas. O outro ponto de alvo militar foram os estudantes, que após a ampliação significativa de vagas (cinco vezes maior) no pós-guerra, aumentaram também suas vozes. O movimento estudantil era formado por dois grupos principais: o mais forte, denominado Ação Popular (AP), ocupava a presidência da UNE, era socialista e vinculado à esquerda católica; o segundo grupo, marxista, era vinculado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Desde os anos 1950 a esquerda católica vinha se radicalizando, uniu-se ao Partido Comunista Brasileiro ao invés de combatê-lo (vínculo esse que não durou muito), pouco tempo depois iniciaram as críticas ao Partido Comunista “por excesso de moderação”. (MOTTA, 2014, p.23-25). Segundo Cunha (2007a, p.49), todos esses partidos “tinham em comum a proposta de conduzir o proletariado na luta contra a burguesia, visavam à construção do socialismo, estavam organizados segundo uma estrutura celular e clandestina”. O corpo docente era mais conservador, contando com uma minoria de esquerdistas até 1964 que fazia parte de um “pequeno grupo de jovens professores, na faixa etária entre os vinte ou trinta anos, que partilhava os ideais do movimento estudantil, do qual, eles, eram egressos” (MOTTA, 2014, p.23-25).

Neste quadro de pressão militar, logo no início do regime (1964) foi colocada em prática a “operação limpeza” (MANSAN, 2009, p.69), que teve como objetivo atacar os comunistas, socialistas, trabalhistas, nacionalistas e políticos de esquerda, entre outros. Nesse contexto, muitas universidades foram tomadas, algumas com tentativas de resistência. Segundo Motta (2014, p.25-31), a Universidade de Brasília (UnB) foi a instituição que mais sofreu com as invasões, e os motivos foram: primeiro por se tratar de uma universidade jovem, com pensamentos inovadores; e, segundo, pela sua localização na capital federal, atraindo estudantes de todo o país.

No entanto, mesmo diante das pressões oficiais, houve tentativas de preservar o caráter acadêmico acima das questões ideológicas do momento. Deve-se registrar que na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o então reitor e idealizador dessa instituição, Zeferino Vaz, em meio às represálias do Governo Militar, conseguia contratar inclusive profissionais de esquerda, anteriormente exilados em 1964 (MENEGHEL, 1994, p.157). Segundo a pesquisadora Luz Helena Sanchez (1996, p.68-69), o trabalho de Zeferino “que impôs uma política de trabalho e produtividade não permitindo que uma ação dos partidos políticos dentro da universidade pudesse chamar a atenção dos militares”, dois aspectos devem ser observados para o entendimento dessa “liberdade” de ação de Zeferino Vaz: O primeiro aspecto diz respeito à época de implantação da Universidade, final da década de 1960, o que impossibilitou uma organização politicamente contrária ao governo por parte dos professores e alunos; e o segundo aspecto seria a sua localização em uma cidade de interior que não representava risco ao Governo.

Durante o ano de 1964, muitos professores e estudantes foram perseguidos e presos em muitas das universidades brasileiras, sem relatos de violência física, apenas psicológica, atingindo um maior número de discentes que de docentes. Em outro momento do governo militar, a partir do ano de 1968, as investidas contra a comunidade acadêmica ficaram mais fortes, intensificando as torturas, havendo inclusive mortes e desaparecimento de pessoas envolvidas. Houve também o afastamento de muitos reitores e administradores das universidades (MOTTA, 2014, p.29-37).

Nesse contexto tenso e complexo, foram feitos dois Decretos-Lei de relevante importância para o ensino superior: o Decreto-Lei nº 53 de 1966 e a Decreto-Lei nº 252 de 1967. Para o pesquisador Stelio Dias (1973, p.29-37), o Decreto-Lei de 1966 foi o mais importante após a Lei de Diretrizes e Bases de 1961, que estabeleceu padrões para as universidades brasileiras, dando início a um novo conceito de universidade. Já o Decreto-Lei nº 252 de 1967, complementou o de 1966. Ambos estabeleceram mudanças na estrutura, adotando as áreas básicas e a departamentalização, sendo a segunda responsável pela diminuição da força dos catedráticos.

Em 1968, as discussões sobre o ensino superior brasileiro resultaram na Lei 5.540/68, que rege o ensino secundário e superior. Sobre a temática do ensino superior, os pontos mais relevantes para a atual pesquisa seriam: no campo

administrativo “As universidades gozarão de autonomia didático-científica, disciplinar, administrativa e financeira”; “O Reitor e o Vice-Reitor de universidade oficial serão nomeados pelo respectivo Governo e escolhidos de listas de nomes indicados pelo Conselho Universitário ou colegiado equivalente”. No campo pedagógico — não fragmentação entre ensino e pesquisa; dedicação exclusiva dos docentes quando possível; representação estudantil no meio acadêmico (BRASIL,1968).

Em meio a um momento de transição do ensino superior brasileiro, o consultor norte-americano Rudolph Atcon iniciou seu vínculo profissional com o país (1951), antes mesmo da formalização do início das mudanças educacionais, como a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1961, e da Reforma Universitária Brasileira, em 1968. O vínculo do consultor com o Brasil se estreitou na década de 1960, estando à frente de muitos estudos e trabalhos direcionados para o ensino universitário do país. Sua trajetória profissional esteve ligada a organizações de grande relevância. No Brasil, trabalhou junto à Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a convite de Anísio S. Teixeira, então Secretário Geral, onde auxiliou na sua reestruturação (1952)² e manteve-se no cargo de diretor adjunto (1953-1956); e ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), que foi idealizado por Rudolph Atcon e aceito pelos reitores das universidades brasileiras (1966), onde se manteve vinculado por dois anos (1966-1968). No entanto, também atuou no âmbito internacional junto à *United States Agency for International Development* (USAID) e às Organizações dos Estados Americanos (OEA). No caso da primeira, sua atuação veio através dos acordos MEC-USAID (BRASIL, 1967a).

Rudolph Atcon foi um ator importante para a Reforma Universitária no país, e pode-se dizer que suas publicações e suas consultorias tiveram forte impacto na estruturação administrativa, pedagógica e física de diversas universidades no Brasil, tanto por sua imersão profissional, quanto por suas publicações, como *Rumo à Reformulação Estrutural da Universidade Brasileira* (1966) e o único manual direcionado para a temática no Brasil, intitulado *Manual Sobre o Planejamento Integral de Campus* (1970). O primeiro, fruto de um diagnóstico das universidades brasileiras realizado entre junho e setembro de 1965 para a Diretoria do Ensino

² Mesmo ano em que Anísio auxiliava no Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Superior do Ministério da Educação e Cultura; o segundo, a pedido do CRUB, com a intenção de materializar suas ideias, que eram utilizadas em muitas universidades.

O interesse pelo tema de estudo desta dissertação surgiu ao se constatar uma lacuna na historiografia a respeito do planejamento de *campi* universitários no Brasil no que diz respeito à atuação do consultor norte-americano Rudolph Atcon no processo de revisão do ensino superior no país. Apesar de Atcon ter sido uma figura importante para a Reforma Universitária brasileira, foi estudado não como foco de uma pesquisa, mas como mais um ator que fez parte do contexto histórico do Golpe de 1964 e da reforma do ensino superior. Apenas dois estudos direcionados sobre sua atuação foram encontrados: a tese do pesquisador Stelio Dias, intitulada *A study of atconian university principles and their influence on higher education reform in Brazilian universities*, de 1973, para a University of Houston, e a tese da pesquisadora Magda Campêlo, *Campus no Nordeste: Reforma Universitária de 1968*, de 2012, para a Universidade de São Paulo.

Com uma abordagem diferente da empregada por Stelio Dias e Magda Campêlo, o atual estudo configura-se como um esforço no entendimento das ideias de Rudolph Atcon na temática dos *campi* universitários por meio da análise de três *campi*, conteúdo pouco explorado até então. A pesquisa posiciona o consultor norte-americano em um local de destaque com o objetivo de compreender também suas ideias e propostas por meio do acesso a grande parte de suas publicações.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Entender o pensamento de Rudolph Atcon sobre a estrutura universitária, tanto no campo educacional quanto na sua tradução física, por meio das propostas de criação e reformulação de *campi* universitários.

1.1.2 Objetivos específicos

1. Compreender o contexto histórico que o Brasil estava vivendo quando o consultor esteve vinculado ao país;
2. Reconstruir sua trajetória profissional, incluindo o mapeamento das instituições em que trabalhou, além de entender sua atuação em cada organização a que esteve vinculado, como MEC, USAID, OEA, CRUB e CAPES;
3. Compreender sua relação com Anísio S. Teixeira, que teve uma parte de sua formação feita nos Estados Unidos. Neste sentido, percebe-se que compartilhava alguns preceitos de Rudolph Atcon, mas se distanciava em tantos outros. A intenção foi mapear essas aproximações e distanciamentos dos pensamentos desses dois personagens;
4. Compreender a prática da visão de Rudolph Atcon sobre universidades por meio do estudo de três *campi* em cuja constituição o consultor teve diferentes participações.

1.2 MÉTODO

A escolha dos três *campi* foi feita com base nos seguintes critérios: a primeira seleção se deu pela citação do próprio consultor no *Manual Sobre o Planejamento Integral de Campus*, onde considerou a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), a Universidade Federal do Pará (UFPA) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como modelos de suas ideias no campo físico. A partir daí, também foi possível conhecer seu conceito de exemplo físico e flexibilidade.

Rudolph Atcon foi contratado diretamente pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) para fazer uma proposta de reforma, o que a colocou como uma importante opção. As outras duas universidades citadas pelo consultor, a Universidade Federal do Pará (UFPA) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), fizeram parte de uma análise de 12 universidades brasileiras a pedido do Ministério da Educação e Cultura, intitulada *Rumo à Reformulação Estrutural da Universidade Brasileira* (1966). Por estarem no mesmo patamar de importância, optou-se em escolher uma das duas universidades analisadas e citadas pelo consultor para que o

estudo não ficasse demasiado extenso. A escolha pela Universidade Federal do Pará (UFPA) deu-se pela maior facilidade de acesso a seu acervo.

A segunda seleção dos *campi* teve a intenção de destacar uma universidade não trabalhada ou analisada por Rudolph Atcon, porém instituída no mesmo período das demais, com o objetivo de entendimento das ideias circulantes no país em comparação com as do consultor. O estudo feito pelos pesquisadores Gelson Pinto e Ester Buffa estimulou a escolha da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) como uma possibilidade de influência de Rudolph Atcon através de publicações de sua autoria. A leitura dos textos da história da instituição corroborou a seleção, por ser tratar de uma universidade instituída para ser referência nacional.

A partir dessa seleção e da confrontação com o *Manual Sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário* e demais publicações do consultor, foram feitas análises das estruturas físicas dos projetos universitários. Dos textos resultantes foram selecionados itens considerados fundamentais para o planejamento universitário na visão de Rudolph Atcon, que se configuraram como elementos de análise dos projetos:

1. Localização dos *campi* na cidade;
2. Dimensão dos *campi*;
3. Limite dos *campi*;
4. Hierarquia do sistema viário;
5. Relação física entre os setores;
6. Biblioteca Central;
7. Método construtivo.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizadas fontes variadas, priorizando-se as primárias, como: *Publicações do próprio Rudolph Atcon* e *Documentos históricos*. As fontes secundárias complementam as fontes primárias com *Textos de contextualização da época*, *Textos históricos de campi no Brasil* e *Entrevistas*.

1.2.1 Fontes primárias

1.2.1.1 Publicações do próprio Rudolph Atcon

Rudolph Atcon foi contratado para desenvolver estudos, sendo que alguns deles resultaram em publicações oficiais. Para entender melhor suas ideias, foi preciso acessar sua produção bibliográfica. Ao buscar os títulos por ele escritos foram encontradas 16 publicações, 50% delas brasileiras, o que demonstra a importância do país para seu trabalho e desenvolvimento profissional. Das 16 publicações, foi possível o acesso a todos os nove estudos desenvolvidos no Brasil e a três estrangeiros, destacados em negrito, totalizando 75% de seus estudos.

- **Publicações feitas no Brasil:**

1. *Rumo à Reformulação estrutural da Universidade Brasileira* (1966);
2. *Proposta para a reestruturação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro* (1966);
3. *Princípios da Reforma Integral da Universidade no Brasil* (1968);
4. *Proposta para a Reestruturação da Universidade Federal do Espírito Santo* (1966);
5. *Manual sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário* (1970);
6. *Uma Teoria Unificada sobre Estruturação e Administração Universitária* (1973);
7. *Administração Integral Universitária: uma teoria unificada da estruturação e administração universitárias* (1974);
8. *A síndrome da densidade* (1984).
9. *Thema cosmo-logico-sophicon* (1988).

- **Publicações fora do Brasil:**

1. *First Preliminary Report on Chile — 3 Mission to Concepción University;*
2. *Estudio preliminar de un proyecto de reorganización en la enseñanza e investigación de las ciencias básicas en la Universidad de Concepción* (1959);
3. *Princípios de la Reforma Universitaria* (1960);
4. ***Zum Strukturwandel der deutschen Universität* (1964), traduzida para o espanhol como *La Universidad Alemana - transformación estructural* (1966);**
5. ***Teoria sobre Administración Universitaria. Administración Académica* (1973);**

6. *Vercs une politique structurelle pour l'enseignement superieur en Haiti (1977)*;
7. ***The Latin American university (1962); a key for an integrated approach to the coordinated social, economic and educational development of Latin America***, traduzida para o espanhol como ***La universidad latino americana: propuesta para un enfoque integral de desarrollo social, economico y educacional en America Latina (1966)***, digitalizada como ***La Universidad Latinoamericana — Clave para un enfoque conjunto del desarrollo coordinado social, económico y educativo en América Latina (2009)***;

- **Fontes sem possibilidade de acesso:**

- *Estudio preliminar de un proyecto de reorganizacion en la ensenanza e investigacion de las ciencias basicas en la Universidad de Concepcion (1959)*;
- *Principios de la Reforma Universitaria (1960)*;
- *Vercs une politique structurelle pour l'enseignement superieur en Haiti (1977)*;
- *First Preliminary Reporto n Chiled -3 Mission to Concepción University.*

Possivelmente, uma das contribuições mais expressivas da pesquisa foi a revisão de grande parte das publicações de Rudolph Atcon, o que normalmente não é encontrado em artigos que se referem ao consultor. Alguns textos foram encontrados na internet, outros em bibliotecas de universidades brasileiras e outros em bibliotecas de universidades estrangeiras.

1.2.1.2 Documentos

A consulta aos acervos que possibilitaram o acesso às fontes primárias foi de fundamental importância para a compreensão das ideias de Rudolph Atcon, suas relações com Anísio S. Teixeira e a construção da história das universidades estudadas. Foram acessados documentos relacionados ao início das universidades, outros relativos ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, ao Ministério da Educação Brasileiro, a acordos MEC-USAID e textos relacionados ao

pensamento do educador Anísio S. Teixeira, além de cartas e documentos da UNESCO (UNESCO, 2014):

1. Núcleo de Pesquisa Ágora/UFJF:

- *Ufes: 40 anos de história;*
- *Universidade do Espírito Santo: Criação e Instalação;*
- *A Construção do Sistema Universitário no Brasil: Memória Histórica do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras;*
- *Reforma Universitária (MEC)*

2. Prefeitura Multicampi da Universidade Federal do Pará:

- *Univer[CS]idade: Uma leitura sobre a infra-estrutura, estrutura e super estrutura da UFPA no espaço tempo;*
- *O Espaço Acadêmico da UFPA*

3. Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade / PROEDES - Universidade Federal do Rio de Janeiro:

- *Projeto de Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional;*
- *Artigo: Confronto entre a educação superior dos Estados Unidos e a do Brasil (TEIXEIRA,1960);*
- *Apresença americana na educação nacional;*
- *MEC. A propósito dos convênios MEC-USAID (mai. 1967);*
- *Recortes de Jornal:*
 - *JORNAL DO BRASIL. Suplicy acha que convênio MEC-USAID vai reformar a universidade brasileira (20 jul. 1965b);*
 - *JORNAL DO BRASIL. Suplicy afirma que 65 será o ano de reformulação das universidades brasileiras (13 jan. 1965a);*
 - *JORNAL DO BRASIL. Professor diz que acordo MEC-USAID interessa ao Brasil (30 abr. 1967).*
 - *CORREIO DA MANHÃ. MEC-USAID: Acordo virá ampliado (3 mai. 1967);*
 - *FOLHA DE SÃO PAULO. Acordo MEC-USAID (24 abr. 1967).*

O material encontrado no PROEDES é muito extenso. Apesar de muitos outros textos terem sido consultados, apenas foram citados aqui os documentos referenciados na pesquisa.

4. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC):

Nesse acervo foi possível localizar, por meio do banco de dados do educador, as correspondências entre Rudolph Atcon e Anísio S. Teixeira e outros profissionais. As cartas trocadas complementaram as consultas feitas às publicações do consultor norte-americano, possibilitando um maior entendimento do seu pensamento, além da demonstração de compatibilidade de ideias com o educador Anísio S. Teixeira:

- *Memorando de R.P. Atcon a Gordon Brown apresentando Mário Werneck de Alencar Lima, que realizará uma visita às principais escolas de engenharia norte-americanas e ao Departamento de Estado dos Estados Unidos da América. Rio de Janeiro (29 set. 1953).*
- *Telegrama de Anísio S. Teixeira a Rudolph Atcon sobre a impossibilidade de uma visita. Rio de Janeiro (18 jan. 1960);*
- *Carta de Anísio S. Teixeira a Dr. J. Kellum Smith (Secretário Assistente da John Simon Guggenheim Memorial Foundation) tecendo elogios sobre o profissional Atcon (1961);*
- *Carta de Anísio S. Teixeira a Rudolph P. Atcon enviando-lhe material sobre o ensino superior e a Universidade de Brasília. s.l. (24 jan. 1961);*
- *Carta de Anísio S. Teixeira a Rudolph P. Atcon acusando recebimento de correspondência. Rio de Janeiro (10 jul. 1961);*
- *Carta de Anísio S. Teixeira a Rudolph P. Atcon acusando recebimento de correspondência. Rio de Janeiro (26 jul. 1961);*
- *Cartão de Anísio S. Teixeira a Atcon agradecendo-lhe correspondência recebida. Rio de Janeiro (15 jan. 1962);*
- *Carta de Anísio S. Teixeira a Rudolph P. Atcon agradecendo-lhe pelo segundo número da Revista das universidades alemãs e comentando seu artigo, cuja tradução mandará fazer. Rio de Janeiro (24 fev. 1962);*

- *Documentos relativos à colaboração de Rudolph Atcon na reforma da Universidade do Estado da Guanabara. Rio de Janeiro, Hamburgo (Alemanha) (23 out. 1962).*

Ainda nos arquivos de Anísio S. Teixeira no CPDOC foi possível encontrar um dos primeiros textos do consultor norte-americano Rudolph Atcon:

- *The Latin American University. A key for an integrated approach to the coordinated social, economic and educational development of Latin America.* Tegucigalpa, 31 mar. 1961.

5. Centro de Documentação da UNESCO:

- Cartas de Rudolph Atcon à UNESCO, em 1957, direcionadas ao Sr. Mackenzie (Chefe da Seção Latino-americana do Gabinete de Relações com os Estados-Membros da UNESCO) e, em 1958, ao Sr. Galindo (Chefe de Gabinete de Relações com os Estados-Membros da UNESCO);
- Cartas (1957) do então Reitor da *Universidad de Concepción*, don David Stitchkin Branover, ao Conselheiro da UNESCO, Rudolph Atcon;
- Recorte do Jornal La Patria, de 5 de janeiro de 1958;
- Recorte do Jornal El Sur, de 3 de janeiro de 1958.

1.2.2 Fontes documentais

Para as fontes secundárias, foram acessados três tipos:

1.2.2.1 Textos de contextualização da época

A maior parte da literatura que cita Rudolph Atcon não trata de seus trabalhos, ou de sua vida. Sua figura aparece em textos que trazem como assunto principal a Reforma Universitária ou o Golpe Militar. Apesar de não acessarem muitas de suas obras, alguns desses textos transmitem os juízos de valores do pesquisador sobre o consultor. Os trabalhos encontrados que abordam Rudolph Atcon mais profundamente são dos pesquisadores Stelio Dias, de 1973, que

abordou cinco publicações³; Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero (1991), que analisou três publicações⁴, sendo uma delas a compilação de José Serrano; e Magda Campêlo, de 2012, que se baseou em duas publicações⁵, citada no próximo subcapítulo *Textos históricos de campi no Brasil*.

A publicação de José Serrano, *Atcon e a universidade Brasileira*, de 1974, reproduz os pensamentos de Rudolph Atcon através da compilação de cinco de suas publicações⁶. O texto demonstra a admiração de Serrano pelo consultor, colocando-o como o primeiro profissional especializado em universidades. Serrano aprendeu e trabalhou com Rudolph Atcon e esteve também ligado ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) com o cargo de assistente, entre os anos de 1966 e 1968 (ATCON, 1974b).

A tese de 1973 do pesquisador Stelio Dias, intitulada *A study of atconian university principles and their influence on higher education reform in Brazilian universities*, e apresentada à University of Houston, teve como objetivo investigar as influências das ideias de Rudolph Atcon na reforma do ensino superior. Nesse trabalho, o autor situa o leitor sobre a história do ensino superior no Brasil e aborda com maior ênfase as Leis e Decretos-Lei nº 4.024/61, nº 53/66, nº 252/67, até chegar à Lei 5.540/68, de Reforma Universitária Brasileira.

O texto publicado pelo pesquisador Fernando Correa Dias em 1989, a pedido do CRUB, discorre sobre a história do Conselho e cita Rudolph Atcon como um dos profissionais vinculados aos seus momentos iniciais, contextualizando o consultor em meio à história da Reforma Universitária.

No campo da história do ensino superior no Brasil foram pesquisadas as obras do sociólogo Luiz Antônio Cunha. As publicações mais relevantes para essa pesquisa foram: *A Universidade Crítica: o ensino superior na república populista*

³ 1 - *The Latin American University* (1966); 2 - *Proposta para a reestruturação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro* (1966); 3 - *Proposta para a reestruturação da Universidade Federal do Espírito Santo* (1966); 4 - *Rumo à Reformulação estrutural da Universidade Brasileira* (1966); 5 - *Manual sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário* (1970).

⁴ 1 - *The Latin American University* (1963), 2 - *Rumo à Reformulação estrutural da Universidade Brasileira* (1966) e mais cinco títulos através da compilação de José Serrano, *Princípios da Reforma Integral da Universidade no Brasil* (1974).

⁵ 1 - *Rumo à Reformulação estrutural da Universidade Brasileira* (1966); 2 - *Manual sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário* (1970).

⁶ 1 - *Princípios da Reforma Integral da Universidade Brasileira* (1968); 2 - *Rumo à Reformulação estrutural da Universidade Brasileira* (1966); 3 - *Proposta para a reestruturação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro* (1966); 4 - *Proposta para a reestruturação da Universidade Federal do Espírito Santo* (1966); 5 - *Uma Teoria Unificada sobre Estruturação e Administração Universitária*.

(1983) e *A universidade reformada: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior* (1988). Sua abordagem é bem ampla, com possibilidade de um bom entendimento dos pormenores das mudanças políticas e, posteriormente, universitárias. Os livros foram importantes para a contextualização da época e das leis vinculadas às mudanças do ensino superior, destacando-se o segundo, que aborda Rudolph Atcon e os acordos MEC/ USAID de forma bem abrangente, dando um panorama geral dos acordos e a relação com o consultor.

O livro intitulado *Da Universidade “Modernizada” à universidade disciplinada: Atcon e Meira Mattos* (1991), escrito pela pesquisadora da área de educação Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero, investiga o ensino superior no Brasil analisando alguns pontos comuns entre o Plano Atcon e o Relatório da Comissão Meira Mattos. No texto, a pesquisadora apresenta Rudolph Atcon pela ótica do autoritarismo que não reprime com a força e censura, mas com a racionalização.

O pesquisador Rodrigo Patto Sá Motta voltou seus estudos à época da ditadura militar “envolvendo temas como repressão política (DOPS, ASI), anticomunismo, política universitária, memória e atuação da esquerda”, temática que rendeu ao autor alguns livros. Considerou-se, para esta pesquisa, sua publicação intitulada *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*, que versa sobre a interferência do golpe militar na história das universidades e da sua população acadêmica de forma profunda, englobando acordos do Brasil com o governo norte-americano e incluindo Rudolph Atcon e sua atuação no país, além dos resultados da Reforma Universitária de 1968. Juntamente com o pesquisador Luiz Antônio Cunha, compõe grande parte da contextualização histórica do período em que Rudolph Atcon esteve vinculado ao Brasil, destacando a atuação dos movimentos estudantis, analisando alguns aspectos do próprio consultor, os acordos MEC-USAID e a influência da ditadura militar no Brasil.

1.2.2.2 Textos históricos a respeito de campi no Brasil

Outro grupo de estudo abrange textos que se focaram nas histórias dos *campi* no Brasil. Um deles, a tese da pesquisadora Magda Campêlo, *Campus no Nordeste: Reforma Universitária de 1968*, de 2012, além de contextualizar a época estudada, analisa a reestruturação física das universidades nordestinas por meio da implantação em *campi* estabelecida pela Reforma Universitária de 1968. Para atingir

seu objetivo, a pesquisadora apropria-se dos pontos-chave de Rudolph Atcon, destacados no *Manual Sobre o Planejamento Integral de Campus*, como uma diretriz para suas análises das universidades nordestinas (UFC, UFRN, UFPB, UFAL, UFMA, UFS, UFPI).

A tese do pesquisador Klaus Chaves Alberto, *Formalizando o ensino superior na década de 1960: a cidade universitária da UnB e seu projeto urbanístico*, de 2008, que também trata de um estudo direcionado para um *campus* universitário e que contextualiza a época no campo do ensino superior, foi importante para esta pesquisa por expandir as referências bibliográficas, além de abordar momentos da vida profissional do consultor Rudolph Atcon.

Os pesquisadores Gelson de Almeida Pinto e Ester Buffa, no livro intitulado *Arquitetura e educação: câmpus universitários brasileiros* (2009), contextualizaram a época estudada e relacionaram o *campus* da Unicamp com as ideias de Rudolph Atcon. A leitura do texto estimulou uma pesquisa mais aprofundada da história da Unicamp e a possível relação com o consultor.

O mestre em *Ambiente Construído*, Márcio Souza, em sua dissertação *O programa MEC/BID III e o CEDATE na consolidação dos campi universitários no Brasil* (2013), aborda a história do ensino superior no exterior e no Brasil de forma abrangente, focando, em uma época posterior a esta pesquisa, os acordos MEC/BID III, mas com base no *campus* da Universidade Federal de Juiz de Fora. O pesquisador também aborda Rudolph Atcon e suas ideias de forma sucinta. O estudo contribuiu com o tipo de metodologia adotada e ampliou as referências.

1.2.2.3 Entrevistas

Apesar de terem sido previstas entrevistas com os arquitetos dos *campi* selecionados para a pesquisa e com Fausto Castilho, importante idealizador da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), infelizmente muitas não foram possíveis. Foram empreendidos diversos contatos com Fausto Castilho e com João Carlos Bross, arquiteto da Unicamp, mas sem sucesso. O arquiteto da Universidade Federal do Espírito Santos (Ufes), Marcelo Vivacqua, é já falecido. Mas foi possível entrevistar o arquiteto da Universidade Federal do Pará (UFPA), Alcyr Meira, que foi muito acessível e forneceu importantes dados para a pesquisa.

1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho se divide em cinco seções. O **Capítulo 1 – Introdução** – apresenta uma breve contextualização da época em que o consultor Rudolph Atcon esteve vinculado profissionalmente ao Brasil e aborda as circunstâncias em que esses vínculos aconteceram. O capítulo ainda traz a justificativa do tema, demarcando as lacunas, os objetivos e a metodologia aplicada.

O Capítulo 2 – Rudolph Atcon na teoria: Reflexões do consultor para o sistema universitário – reconstrói a trajetória do consultor dentro e fora do país, destacando sua influência entre importantes atores da educação brasileira do período, assim como sua ligação profissional junto a relevantes organizações nacionais e internacionais. O capítulo aborda também as propostas do consultor para as universidades, englobando suas diretrizes no campo administrativo, educacional e físico para as instituições de ensino superior brasileiras, rompendo com o modelo tradicional por meio da estimulação à pesquisa e economia de recursos, ampliando quantitativamente e qualitativamente o ensino.

O Capítulo 3 – Rudolph Atcon na prática: Propostas, análises e reflexos das atuações do consultor – analisa três propostas de *campus* universitários implantados na década de 1960. A primeira delas, Universidade Federal do Espírito Santos (Ufes) como um exemplo de trabalho direto do consultor, que foi contratado para fazer uma proposta de reestruturação; o segundo *campus* analisado foi o da Universidade Federal do Pará (UFPA), uma das 12 universidades analisadas por Rudolph Atcon a pedido do Ministério da Educação e Cultura; e o terceiro *campus*, que não foi trabalhado ou analisado por Rudolph Atcon, o que possibilitou um maior entendimento da aceitação e implantação de suas ideias: a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), por ser criada para ser uma universidade de ponta com influências internacionais e nacionais.

O Capítulo 4 – Considerações – faz uma síntese dos resultados encontrados nessa pesquisa.

2 RUDOLPH ATCON NA TEORIA: REFLEXÕES DO CONSULTOR PARA O SISTEMA UNIVERSITÁRIO

2.1 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE RUDOLPH ATCON

Rudolph Atcon nasceu na Grécia em 31 de maio de 1921 (faleceu em 15 de março de 1995) e, posteriormente, naturalizou-se norte-americano. Nos Estados Unidos da América teve uma formação ampla. Coursou Engenharia Civil (1943) pela *Union College, Schenectady, Nova York*; em 1949 se formou em Artes Liberais pela *Amherst College, Amherst, em Massachusetts*; também em *Massachusetts* (1951), fez pós-graduação em Filosofia de Ciências e Lógica Simbólica pela *Harvard University*. Com uma vasta cultura em línguas, Rudolph Atcon lia, escrevia e falava com fluidez alemão, francês, grego, português, espanhol e inglês, além de compreender grego clássico e latim (ATCON, 1973b, p.179,180). (Figura 1).



Figura1: Rudolph Atcon
Fonte: *Amherst College*

Seus trabalhos não se limitaram apenas ao Brasil e aos Estados Unidos; prestou serviços a muitas universidades da América Latina: Venezuela (ATCON, 1973a, p.186; 1973b, p.180 e 186), Chile e Colômbia (ATCON, 1973a, p.186-187); na América Central: República Dominicana, Honduras (ATCON, 1973b, p.184-186) e México (ATCON, 1973a, p.188- 189); e Europa: Alemanha (ATCON, 1973b, p.184-185) e Portugal (ATCON, 1973b, p.185) (Figura 2). No caso de Portugal, em 1962, foi “solicitado pelo ministro português de Assuntos do Ultramar de Portugal para opinar sobre a formação de uma estrutura organizativa para a ‘Escola de Estudos Superiores’, em Angola” (ATCON, 1973b, p.180-188).



Figura 2: Países em que Rudolph Atcon atuou como consultor em universidades
Fonte: Autora

Sua primeira ligação com o Brasil aconteceu no mesmo ano em que se pós-graduou pela *Harvard University* em Filosofia de Ciências e Lógica Simbólica. Foi contratado para ser assistente pessoal do chefe para Saúde Pública, Sanidade e

Bem-estar do IIAA⁷ (1951). Em 1952, o então secretário geral (1951-1964)⁸, Anísio S. Teixeira, o convida para auxiliá-lo na reestruturação da CAPES (ATCON, 1973a, p.180-183). No ano seguinte assumiu sua diretoria adjunta, onde permaneceu até 1956 (ATCON, 1984, p.11). Sua estada à frente da CAPES teve relevante influência na reformulação do ensino superior no país, entre outros motivos, pela sua atuação em dez países europeus, durante cinco meses do ano de 1953, para a contratação de pesquisadores e professores para as universidades do Brasil (ATCON, 1973b, p.183).

Ainda em 1956, assumiu a chefia da Divisão de Educação do Instituto de Microbiologia na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1957. Em 1958, continuou prestando serviços ao país, se desdobrando nas relações com universidades chilenas. Ainda no Brasil, no decorrer do mesmo ano, assessorou (1958-1960) autoridades brasileiras encarregadas da criação da Universidade de Brasília (UnB) (ATCON, 1973a, p.183-184). Segundo cartas consultadas no CPDOC, o seu contato com a UnB foi feito diretamente por meio do então Secretário Geral, Anísio S. Teixeira. Apesar de já afastado da assessoria da UnB, como demonstra seu currículo encontrado no livro *Teoria sobre Administracion Universitaria*, Rudolph Atcon ainda mantinha contatos com Anísio, que, em janeiro de 1961, enviou ao consultor as últimas documentações sobre a Universidade (TEIXEIRA, 1961a).

Após sua contribuição para a Universidade de Brasília, Rudolph Atcon interrompe por três anos sua atuação direta no Brasil, retornando em 1963 para assessorar o Diretor de Educação Superior do Ministério Brasileiro de Educação e Cultura. Com esse retorno, o consultor aproveita para passar sete meses na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de organizar as análises feitas em visita às universidades alemãs, que buscavam mudanças, resultando na publicação, em alemão, em 1964, do livro *Zum Strukturwandel de deutschen Universitat*⁹ (ATCON, 1973a, p.185-186).

A relação do consultor com o país se firmou quando, na década de 60, o Ministério da Educação Brasileiro (MEC) e a *United States Agency for International*

⁷ O significado da sigla IIAA não foi encontrado em nenhuma publicação de Rudolph Atcon e nem mesmo na internet.

⁸ TEIXEIRA, 1988, p.11.

⁹ Traduzido para o espanhol: ATCON, Rudolph P. **La Universidad Alemana - transformación estructural**. Revista de la Cultura de Occidente: ECO. Bogotá, 1966.

Development (USAID) firmaram um acordo vislumbrando a criação de convênios para estimular a educação brasileira através de assistência técnica e financeira (MINTO, 2013).

De acordo com Sérgio Duarte (1968, p.37), a influência intelectual norte-americana no campo educacional brasileiro já existia anteriormente aos acordos firmados. Isso devido ao fato de, a partir de 1930, os educadores brasileiros terem guinado suas referências educacionais da Europa para os EUA, por meio da influência das ideias de John Dewey em jovens educadores brasileiros com formação norte-americana, como no caso de Anísio S. Teixeira. Em 1929, o Instituto de Educação Internacional nos EUA ofereceu à Associação Brasileira de Educação dez bolsas de estudos a professores brasileiros. Em 1930, o mesmo Instituto criou um convênio, juntamente com a Universidade do Rio de Janeiro, para promover cursos de férias no Brasil ministrados por professores norte-americanos. No campo do ensino primário e secundário, as influências dos EUA eram focadas nos professores e não nas escolas propriamente ditas (DUARTE, 1968, p.37). Após 1963, esses acordos se estreitaram e, como normalmente os apoios da USAID¹⁰ eram muito mais fortes no ensino primário, onde abrangia uma massa maior de estudantes, eles precisaram se adequar, contratando profissionais que não faziam parte do corpo técnico da Agência (CUNHA, 2007b, p. 155-158).

Segundo Cunha (2007b, p.155), a influência dos EUA no campo educacional superior não se iniciou com o Golpe de 1964. Essa relação vinha desde a segunda metade da década de 1940, mantendo-se nos anos da década de 1950. Sérgio Duarte (1968, p.39) complementa que em 1950 foi criado o Acordo Básico de Cooperação Técnica entre os Estados Unidos e o Brasil, e, em 1953, o Acordo sobre Serviços Técnicos Especiais. Estes dois acordos foram aprovados em 1959 pelo Congresso Nacional, o que resultou no Ponto IV¹¹. A partir de 1961, os convênios foram ajustados, ampliando a assistência técnica e introduzindo a assistência financeira.

Mas o interesse político-ideológico da USAID sobre as instituições de ensino superior do Brasil justifica essa adequação, considerando-se que os docentes formariam tanto futuros professores quanto dirigentes do país, o que possibilitaria

¹⁰ A *United States Agency for International Development* (USAID) não foi a única organização norte-americana a atuar no Brasil. "82 diferentes Agências de Voluntários, Missões Religiosas e Fundações norte-americanas" atuaram no país, como as Fundações Rockefeller e Ford (DUARTE, 1968, p.40).

¹¹ "Plano norte-americano de assistência técnica para a América Latina" (D'ARAÚJO).

uma relação mais próxima com os EUA. Em 16 de março de 1964, antes mesmo do golpe militar, desembarcou no Brasil um grupo de quatro consultores norte-americanos com a meta de criarem um programa para o ensino superior brasileiro. Dentre os técnicos não estava Rudolph Atcon, mas Rosson L. Cardwell, Raymond D. Larson, W. Nelson Peach e o antropólogo Charles Wagley, que já havia feito estudos no país. A análise dos profissionais da USAID foi interrompida pelo golpe, mas, após três semanas de estudos, conversas com intelectuais e visitas às instituições conveniadas, o resultado foi o relatório intitulado *Gardner Report*, que revelou a necessidade de se quantificar e de se qualificar o ensino superior brasileiro, que estava inadequado, com ressalva para o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e para a Universidade de Brasília (UnB), recém-criada em novos moldes. No âmbito da qualidade, as críticas abrangeram a falta de equipamentos dos laboratórios, a estrutura das bibliotecas, os edifícios e as poucas horas de dedicação dos professores às universidades. No quantitativo abrangeram as condições severas de ingresso nas instituições, que chegavam a não completar as vagas existentes; havia apenas 100.000 estudantes universitários, quantidade incompatível com os 540.000 da Argentina e do Uruguai. Essa análise permitiu a interpretação do grupo de consultores de que os pontos verificados justificavam as constantes greves dos estudantes (CUNHA, 2007b, p. 156-157).

No Jornal do Brasil de 20 de julho de 1965, o então ministro da Educação, Flávio Suplicy de Lacerda, afirmou que, sem o auxílio de organizações internacionais, o Ministério da Educação não teria condições financeiras para fazer mudanças no ensino brasileiro, considerando que a verba existente não correspondia às necessidades mínimas (SUPLICY, 1965b).

No âmbito federal foram feitos sete acordos com a Agência, que se estenderam principalmente para o Nordeste, considerando que, do Maranhão à Bahia, todas as suas Secretarias de Educação mantiveram acordos com a USAID (DUARTE, 1968, p.39).

No ensino superior, segundo Cunha (2007b, p.162-169), existiram dois convênios entre o MEC e a USAID. Para o primeiro (1965) foi criada a EPES (Equipe de Planejamento do Ensino Superior), com uma equipe técnica de cinco brasileiros e cinco norte-americanos (BRASIL, 1965). Eram três os objetivos do primeiro acordo: primeiro, uma análise da situação em que o ensino superior brasileiro se encontrava; segundo, a apresentação de propostas para solucionar o

problema da educação superior; e terceiro, o treinamento de técnicos brasileiros com capacidade para formar uma equipe especializada (BRASIL, 1967a, p.54). Posteriormente, para diminuição dos gastos do MEC com os técnicos brasileiros, foi decidido que o quadro seria aumentado para seis profissionais, sendo apenas dois com cargo integral, ficando o corpo técnico brasileiro composto pelos seguintes profissionais:

Professores: Valnir Chagas, Newton Sucupira, Rubens Maciel e Alberto Santos — membros do Conselho Federal de Educação — Maria Aparecida Pourchet Campo, da Universidade de São Paulo, e José de Oliveira Campos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

os dois últimos em tempo integral e os demais com disponibilidade de uma vez ao mês, por ocasião de suas atividades acadêmicas. Até formar a equipe brasileira citada, foram feitos convites a onze professores brasileiros, que não aceitaram as solicitações, “alegando impossibilidade de deixar os trabalhos a que estavam comprometidos”. Já a equipe norte-americana estava com desfalque de um profissional, contando apenas com quatro, e não cinco, como relatado anteriormente, que seriam:

Prof. J. Martins Klotsche — reitor do 'campus' de Milwaukee da Universidade de Wisconsin — coordenador do grupo norte-americano; prof. Henry Hoge, também da Universidade de Wisconsin; e os professores John Hunter e John Douglas Ryder, ambos da Universidade de Michigan. Esses professores pertencem à Mid West Universities Consortium, entidade que se encarrega do intercâmbio de professores, promoção de ciclos de estudos, conferências e seminários entre as Universidades que a congregam (ACORDO MEC-USAID, 1967).

Ainda no primeiro acordo o convênio recebeu muitas críticas, dentre elas o fato de a orientação para a mudança do ensino vir apenas dos EUA, e não de outros países, como França, Alemanha e Inglaterra, referências em educação. Em resposta, o professor Carlos Alberto del Castilho, diretor do Ensino Superior do MEC, afirmou que contatos já haviam sido feitos com técnicos dos países citados para virem ao Brasil e também contribuírem com seus conhecimentos para a reforma do ensino superior (ACORDO MEC-USAID, 1967). Todavia, esse fato não foi confirmado nesta pesquisa.

Para o segundo acordo (1967), criou-se a Equipe de Assessoria e Planejamento do Ensino Superior (EAPES), com quatro brasileiros e quatro (ou, se

necessário, mais) consultores norte-americanos contratados de “uma instituição de alto nível nos Estados Unidos” (CUNHA, 2007b, p.165-187). O segundo acordo tinha previsão de término para junho de 1969, havendo a possibilidade de prorrogação, mas, por problemas de aceitação da interferência da USAID nas instituições brasileiras, foi quebrado um ano antes por parte da própria Agência. Em agosto de 1968, a EAPES entregou um relatório contendo todas as análises feitas. Ao avaliar os documentos encontrados, Cunha (2007b, p.165-187) constatou dois pontos a serem destacados: 1) o material entregue foi mal organizado, com alguns textos sem tradução ou mal traduzidos, demarcando, a seu ver, uma repreensão por parte dos técnicos brasileiros em relação às críticas dos norte-americanos no decorrer do relatório; 2) o fato de terem sido bem recebidos no início como planejadores (EPES) e, em um segundo momento, passarem a ser mera assessoria (EAPES). Como forma de “oposição ao convênio MEC-USAID para o planejamento do ensino superior, um simples elemento da oposição à ditadura, assumiram a forma de uma inadmissível ingratidão”, o que justificaria, para o pesquisador, a repreensiva avaliação do coordenador da EAPES no relatório citado acima (CUNHA, 2007b, p.165-187).

A atuação da USAID no país possibilitou contribuições constantes de 1942 a 1962: 2.739 brasileiros foram premiados com bolsas de treinamento nos Estados Unidos, número similar ao dos três anos seguintes, 1963-1966, em que 2.263 foram agraciados (DUARTE, 1968, p.40). Segundo Cunha (2007b, p.158-159), por meio da Agência foram possíveis: a distribuição de bolsas para estudantes de graduação e pós-graduação nos EUA, num total de 3.800 entre os anos de 1965-1970; o intercâmbio de professores norte-americanos e brasileiros em várias áreas do ensino; o aumento das traduções para o português de livros norte-americanos. No entanto, o pesquisador destaca que uma parte desse intercâmbio muitas vezes não tinha vínculo com o MEC ou com a USAID, e que acordos vários foram feitos diretamente entre as universidades (CUNHA, 2007b, p.158-159). O número de técnicos norte-americanos atuantes no Brasil também foi crescente entre os anos de 1961 e 1965, sendo 195 em 1961, 215 em 1962, 245 em 1963, 280 em 1964 e 380 em 1965 (DUARTE, 1968, p.40). Segundo Minto (2013), esse acordo MEC-USAID não teve eficácia imediata, mas, posteriormente, norteou a reforma educacional brasileira durante a ditadura militar (MINTO, 2013).

A participação de Rudolph Atcon nesses acordos é um tema ainda obscuro. José Serrano (1974, p.11) indica que o consultor foi um dos técnicos disponibilizados pelos EUA, e que, segundo o pesquisador Cunha (2007b, p.187), acabou recebendo todas as críticas dos estudantes, indignados com a mudança do ensino superior brasileiro influenciada pelos paradigmas norte-americanos, no período de 1965 a 1968. Já o pesquisador Motta (2014), que teve acesso a documentos da USAID nos EUA, não conseguiu confirmar a atuação de Rudolph Atcon junto à Agência. O Jornal do Brasil de 30 de abril de 1967 destaca a afirmação do professor Alvanir Bezerra de Carvalho, um dos técnicos brasileiros no acordo MEC-USAID, de que o plano de reforma do ensino superior foi dividido em três equipes, sendo a primeira, destinada à Reforma Administrativa das Universidades Brasileiras, “chefiada por Rudolph P. Atcon, da Universidade de Houston, e subordinada ao Conselho de Reitores” (PROFESSOR, 1967). Já na Folha de São Paulo de 23 de abril de 1967 não consta o consultor Rudolph Atcon como um dos membros da equipe norte-americana, corroborando a colocação do pesquisador Motta, que não conseguiu relacioná-lo com a Agência internacional, mesmo acessando seus documentos internos, o que pode demonstrar um vínculo real com o CRUB e não propriamente com a USAID. Considera-se ainda que, durante os anos de 1966 a 1968, Rudolph Atcon representava o cargo de primeiro secretário executivo do Conselho, o que corresponde à data em que o professor Alvanir Bezerra de Carvalho deu sua entrevista ao Jornal do Brasil.

Paralelamente à atuação da USAID no Brasil, em 1965, Rudolph Atcon foi assessor no Ministério da Educação e Cultura do Brasil, cuja Divisão de Educação Superior encomendou um estudo crítico comparativo da situação de então com a da década anterior e com as mudanças na Universidade de Brasília. Ainda no mesmo ano, assessorou a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com o intuito de recomendar um modelo e um programa de reforma institucional, que foi publicado posteriormente sob o título *Proposta para a reestruturação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro* (ATCON, 1973a, p.187).

No seu livro *Rumo à Reformulação Estrutural da Universidade Brasileira*, de 1966 (Relatório Atcon), por achar necessária uma reformulação de grande parte das universidades brasileiras, o consultor propõe a criação de um Conselho de Reitores para financiar estudos que atendessem adequadamente à realidade universitária do

país, englobando aspectos estruturais, pedagógicos e administrativos (ATCON, 1966c, p.13). Segundo a Folha de São Paulo de 32 de abril de 1967, o Relatório foi mantido em “sigilo pelo MEC. Exemplares deste trabalho apenas foram distribuídos para os reitores das universidades e outros membros responsáveis pelo ensino superior no Brasil”. O possível motivo pelo qual foi mantido em sigilo foi devido às conclusões da análise feita pelo consultor, “consideradas ‘muito duras, algumas justas, outras destituídas de fundamento’ por autoridades do MEC” (ACORDO MEC-USAID, 1967). Segundo o professor Alvanir Bezerra de Carvalho, o Relatório Atcon criou uma corrente contra aos acordos MEC-USAID por parte de pessoas que receberam mal as críticas do consultor sobre a situação administrativa das universidades brasileiras, admitindo apenas três universidades com condições de funcionamento. No decorrer do texto, completa que o motivo dessa agitação seria a não aceitação do povo brasileiro, incluindo estudantes de esquerda e professores, às críticas ao seu país, mesmo quando essa crítica é concreta, apesar de considerar que o consultor se excedeu no julgamento sobre a Universidade do Ceará (PROFESSOR, 1967).

Nesse mesmo ano, Fortaleza recebeu o VI Fórum dos Reitores das Universidades Brasileiras, que se destacou pela criação de uma comissão de cinco participantes, voltada para estudos mais aprofundados de melhoria das universidades do país. Apesar de os Fóruns terem dado suporte para as discussões sobre o ensino superior, os reitores brasileiros sentiam a necessidade da criação de uma estrutura administrativa mais forte, incisiva e autônoma, sem subordinação ao MEC, como era o caso dos Fóruns. Nessa época, países como a Alemanha e o Chile, além da América Central, já possuíam seus Conselhos de Reitores (DIAS, 1989, p.13-16), e Rudolph Atcon, na publicação de 1966, *Rumo à reformulação estrutural da Universidade Brasileira*, faz, em sua primeira recomendação, a criação de um Conselho de Reitores no Brasil (ATCON, 1966c, p.121). Segundo Fernando Dias (1989, p.14), “nos argumentos da exposição de motivos (para a criação do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras), transparecia muito da experiência anterior de Atcon em outros países”. Em abril de 1966, no Rio de Janeiro, o VII Fórum dos Reitores apresentou uma proposta de criação de uma instituição para esse fim. Foi nesse contexto que a proposta de Rudolph Atcon¹²

¹² Segundo o pesquisador Dias (1989, p.15), Rudolph Atcon foi o primeiro a formalizar a proposta de criação do CRUB, contida na publicação *Rumo à reformulação estrutural da Universidade Brasileira*.

materializou-se, e o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, o CRUB, em 30 de abril de 1966, deu início a seus trabalhos. Segundo Dias (1989, p.13-16), os créditos da criação do Conselho não podem ser atribuídos apenas ao consultor, apesar de sua vasta experiência, pelo fato de ter sido o primeiro a formalizar a proposta e por ter aplicado a mesma ideia em outros países (Chile e Alemanha). Os reitores já tinham grande interesse em melhorar o desempenho dos seus estudos justificando que, desde a década de 1950, o ensino superior era um grande problema aguardando uma rápida melhora,

e o governo da União federalizara — por lei de iniciativa do Congresso — algumas universidades tradicionais e criara, também por lei, outras tantas [...]. (...). Era necessário tratar não apenas de administrá-las, mas também de fazê-lo de modo eficaz; e isso implicava modernizá-las (DIAS, 1989, p.13-16).

Em seguida à fundação do CRUB, ainda durante o mesmo ano, Rudolph Atcon foi designado para ser o primeiro secretário executivo, mantendo-se por um período de dois anos (1966-1968) a cargo de sua organização e operação inicial. Um dos resultados do seu trabalho foi, em 1968, a publicação do *Manual Sobre o Planejamento Integral de Campus*, solicitado pelo próprio CRUB (ATCON, 1973a, p.187-188), único manual produzido com diretrizes para se construir física e organizacionalmente uma universidade integral e, devido à sua vasta distribuição por meio de diversas bibliotecas universitárias, pode ter sido uma referência para as universidades brasileiras. Segundo Cunha (2007b, p.195-208), a criação do CRUB esteve atrelada aos acordos MEC-USAID pelo fato de as contribuições dos associados do Conselho não suprirem as necessidades dos seus objetivos, o que acarretou reforços diretos da Agência, possível devido ao acordo recém-firmado. Financeiramente, esse primeiro convênio com o CRUB não funcionou bem, e, em 16 de março de 1967, outro convênio foi firmado, agora entre MEC, USAID e CRUB, por ação do ministro do Planejamento, Roberto Campos. Em junho de 1968, o segundo convênio entre as três entidades reconheceu o contrato firmado entre a Universidade de Houston e o CRUB, através da USAID, garantindo “o financiamento da Agência norte-americana para que o Conselho de Reitores pudesse contratar os serviços daquela universidade”. O contrato foi assinado quatro meses depois, mas em uma época de cautela do CRUB, já que durante esse período aconteceu a reação aos consultores norte-americanos e, por esse motivo, Rudolph Atcon foi

dispensado do cargo, mantendo, porém, sua colaboração “atendendo a convites de universidades e do próprio Conselho para elaborar projetos, coordenar seminários, proferir palestras e escrever textos”.

Um ano após sua desvinculação formal do CRUB, Rudolph Atcon, por meio da Organização dos Estados Unidos (OEA), prestou assistência técnica às seguintes instituições: Conselho de Reitores de Universidades Nacionais – Buenos Aires, Argentina; Universidad de El Salvador – Buenos Aires, Argentina; Universidad Autónoma de Guadalajara – Guadalajara, México; Instituto de Integración Cultural – Antioquia, Colômbia; Universidad de Monterrey – Monterrey, N. L., México; Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria, RS, Brasil; Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória, ES, Brasil (ATCON, 1973a, p.188). Ainda não foi possível compreender completamente a relação do consultor com a OEA; seu vínculo com a Organização é citado apenas nas suas publicações. Foram feitos alguns contatos com a Organização, mas sem sucesso para esta pesquisa.

Em maio de 1970, Rudolph Atcon conciliou duas visitas ao Brasil, a fim de retomar contatos universitários no Espírito Santo, Guanabara e Rio Grande do Sul, com uma viagem ao Texas para a Conferência no Primeiro Seminário de Houston sobre modernização universitária na América Latina (ATCON, 1973a, p.189).

A partir de 1980, passou a se dedicar mais à escrita, transcrevendo suas experiências e pensamentos. Um dos resultados dessas reflexões foi a publicação do livro *A Síndrome da Densidade*, que não trata diretamente de pensamentos relacionados às universidades, mas relembra suas passagens e ideias sobre a “densificação” do planeta Terra (ATCON, 1984, p.12). Esse assunto foi recorrente em suas publicações sobre a reformulação universitária, por interagir com a necessidade de uma melhoria na educação, já que o crescimento populacional exigia uma melhor qualificação dos seus profissionais.

Desde seu vínculo inicial com o país, em 1961, Rudolph Atcon acreditava nunca o teria quebrado. Mesmo quando ausente, considerava o Brasil sua residência permanente.(ATCON, 1974a).

2.2 PROPOSTAS DE RUDOLPH ATCON PARA O ENSINO SUPERIOR

Em sua proposta para a Reforma Universitária no Brasil, Rudolph Atcon destaca dois princípios fundamentais: a necessidade de uma universidade integrada e o entendimento de que o desenvolvimento econômico de um país tem uma ligação direta com o desenvolvimento educacional (ATCON, 2009, p.4-5).

Para ele, a criação de uma universidade integral significava uma interligação entre “ensino, pesquisa e extensão”, englobando a totalidade dos cursos e sob uma regência visando tanto o indivíduo como a comunidade (SERRANO, 1974, p.8), e ainda funcionando como uma empresa privada, e não como um serviço público (ATCON, 1966c, p.82).

O regime proposto por Rudolph Atcon muito se distanciava das universidades tradicionais. No campo pedagógico, a estrutura de uma universidade no Brasil era frequentemente “carreirocêntrica”, ou seja, se desenvolvia através de “carreiras primordialmente profissionais” (ATCON, 1974a, p.28). Na visão do consultor, essas universidades representavam “a incorporação de um número de escolas e faculdades profissionais, isoladas entre si e usufrutuárias de autarquia administrativa, didática, financeira e de pessoal” – vide ilustração de Rudolf Atcon sobre o tema (Figura 3) (ATCON, 1970, p.13). Desta forma, havia um desperdício de recursos espaciais, materiais e de pessoal, na medida em que disciplinas idênticas se repetiam em diversas faculdades. Esse desperdício também se repetia dentro da estrutura administrativa das mesmas (ATCON, 1974a, p.29).

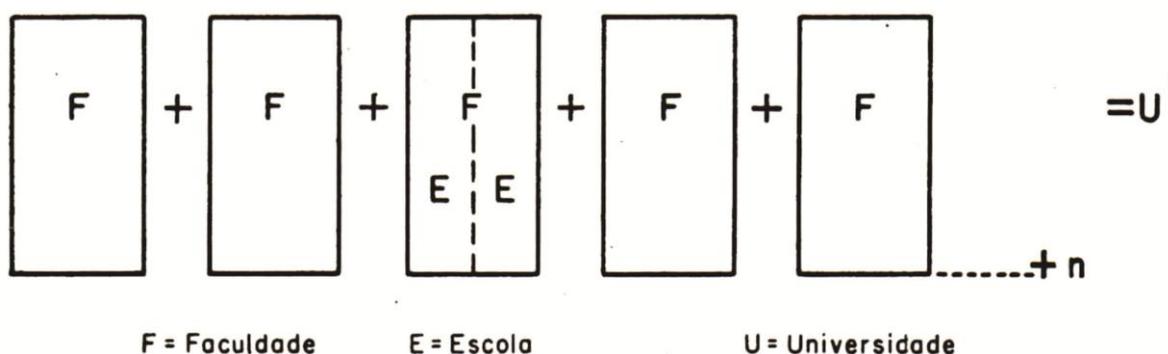


Figura 3: “Equação da universidade tradicional”
Fonte: ATCON, 1974a, p.29)

Já as universidades em transição, “que representa qualquer grau de avanço sobre a tradicional, em matéria de coordenação estrutural e administrativa entre distintas unidades acadêmico-científicas” (ATCON, 1970, p.13), demonstravam para

Rudolph Atcon algumas melhorias como, por exemplo, a presença de institutos e departamentos isolados e independentes, que poderiam ser autônomos, vinculados ao Conselho Superior ou à Reitoria, apesar de uma estrutura “carreirocêntrica”. Além disso, apresentam alguns elementos centrais, como, por exemplo, Biblioteca Central, Reitoria, Restaurante Universitário, dentre outros (ATCON, 1974a, p.29-30) (Figura 4).

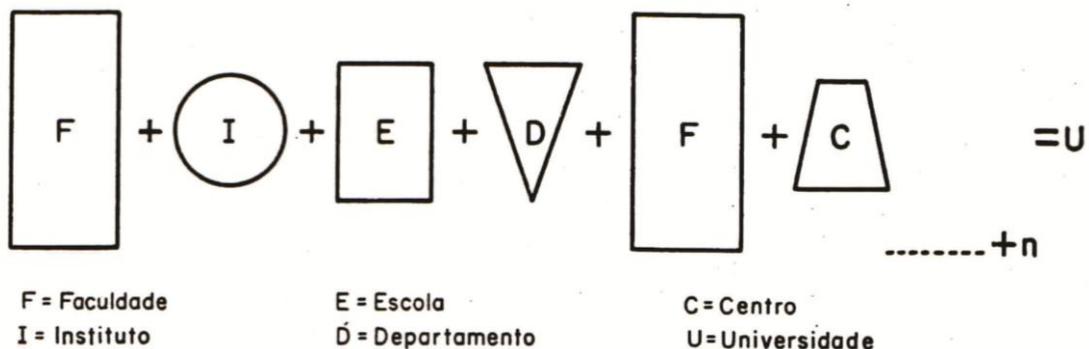


Figura 4: “Equação da universidade em transição”
Fonte: ATCON, 1974a, p.30

A proposta de Rudolph Atcon era a de criar um rompimento com o modelo universitário tradicional, que privilegiava o desenvolvimento de profissionais liberais com formação ampla (PINTO; BUFFA, 2009, p.107); neste sentido, sua interferência não se limitava à parte pedagógica, mas envolvia questões físicas e administrativas (SERRANO, 1974, p.9).

Em sua visão, a universidade teria quatro tarefas a cumprir: educar – promovendo meios para o desenvolvimento pessoal dos alunos a partir de suas habilidades; estreitar laços com a comunidade; valorizar e desenvolver a pesquisa; desenvolver nos estudantes a consciência da importância das questões sociais e o respeito ao próximo (ATCON, 1970, p.11).

Nesses moldes, quatro metas deveriam ser seguidas:

- 1. Educação:** Oferecer os meios para o livre desenvolvimento da personalidade humana e a eficaz educação do indivíduo, de acordo com seus interesses ou talentos;
- 2. Extensão:** Promover contatos estreitos com a comunidade, para servir às suas instituições espirituais, sociais, artísticas, econômicas, científicas e industriais;
- 3. Pesquisa:** Empreender a consolidação e ampliação do conhecimento e seguir aberta a toda corrente de pensamento, difundindo os princípios de liberdade que exige a busca objetiva da verdade;

4. Civismo: Formar nos educandos o espírito de civismo e a consciência social, que demandam o desenvolvimento pacífico, o respeito aos direitos humanos e a justiça social (ATCON, 1970, p.11).

Para Rudolph Atcon os objetivos de uma universidade integral seriam:

- 1. Educação Superior Geral, em cursos de formação,** destinados a satisfazer em nível superior às necessidades não especializadas de uma grande parte da população;
- 2. Educação e Treinamento não Especializados** em humanidades, ciências naturais e sociais, para o desenvolvimento básico do conhecimento;
- 3. Educação e Treinamento de Formação Profissional** em número adequado às necessidades correspondentes da sociedade;
- 4. Aperfeiçoamento e Treinamento Especializado** em técnicas e tecnologias, para o desenvolvimento agrícola e industrial da sociedade;
- 5. Pesquisa Científica,** como meio indispensável para uma educação sólida e como guia para o desenvolvimento de novas verdades a serviço da comunidade;
- 6. Cursos de Especialização** em níveis graduados e pós-graduados; e
- 7. Extensão Universitária,** em todos os níveis e através de múltiplas atividades culturais e científicas (ATCON, 1970, p.12).

O autor considerava que a educação interferia no desenvolvimento socioeconômico de um país. Este seria um forte motivo para que a América Latina investisse no ensino superior (FÁVERO, 1991, p.20).

Uma de suas metas seria ampliar quantitativamente o ensino, assegurando um amplo atendimento à população que estava em constante crescimento. Sua preocupação também envolvia a qualidade desse ensino, apoiando-se em bases econômicas que deveriam ser viáveis, com planejamento estruturado e minimizando gastos exacerbados. Segundo José Serrano, assistente de Rudolph Atcon, o consultor não esperava nenhuma mudança drástica ou instantânea, mas visava o presente com foco no futuro (SERRANO, 1974, p.11-17).

2.2.1 Reforma Administrativa

No seu livro *Rumo à Reformulação Estrutural da Universidade Brasileira*, Rudolph Atcon destaca que a América Latina atravessava uma crise estudantil marcada pelo fato de 50% da população ser analfabeta e 1 a 2% possuírem ensino secundário, números que se reduziam ainda mais quando se falava em ensino superior, atingindo menos de 0,2%. Rudolph Atcon destaca que uma das justificativas para valores extremamente baixos seria a explosão demográfica. Além

disso, para o consultor, havia uma lacuna no ensino, expondo os alunos à falta de conhecimento teórico prévio a exaustivos estudos de laboratórios, sem entenderem a real função de determinado procedimento. Tudo isso atrelado à falta de “apreço real pelo conhecimento em si, nem respeito pelas autoridades que o representam” (ATCON, 1966c, p. 10-13).

Outro problema interligado era a impossibilidade dos graduados em exercer sua profissão devido a questões econômicas do país, conceituando-o como um desperdício de investimento para o governo (SERRANO, 1974, p.16) e demonstrando uma necessidade de adequação do ensino à economia do Brasil.

Rudolph Atcon acreditava na autonomia das universidades, entendendo-a como “não intervenção do Estado na administração financeira, acadêmica e científica da universidade”. Essa ação significaria livre contratação de docentes e técnicos, criação de sua própria estrutura e administração, criação ou eliminação de cursos e pesquisas disponibilizados e definição de seus próprios salários, não se submetendo aos valores que o serviço público determina (ATCON, 1970, p.13).

Rudolph Atcon também criou uma proposta de estrutura administrativa (Figura 5), em que a Reitoria estaria no topo, no “triângulo do poder”, e interagiria com dois núcleos: o da execução (Pró-Reitorias, decanatos, chefias - direções) e o dos serviços gerais, que também teriam ligações entre si (ATCON, 1974a, p.111).

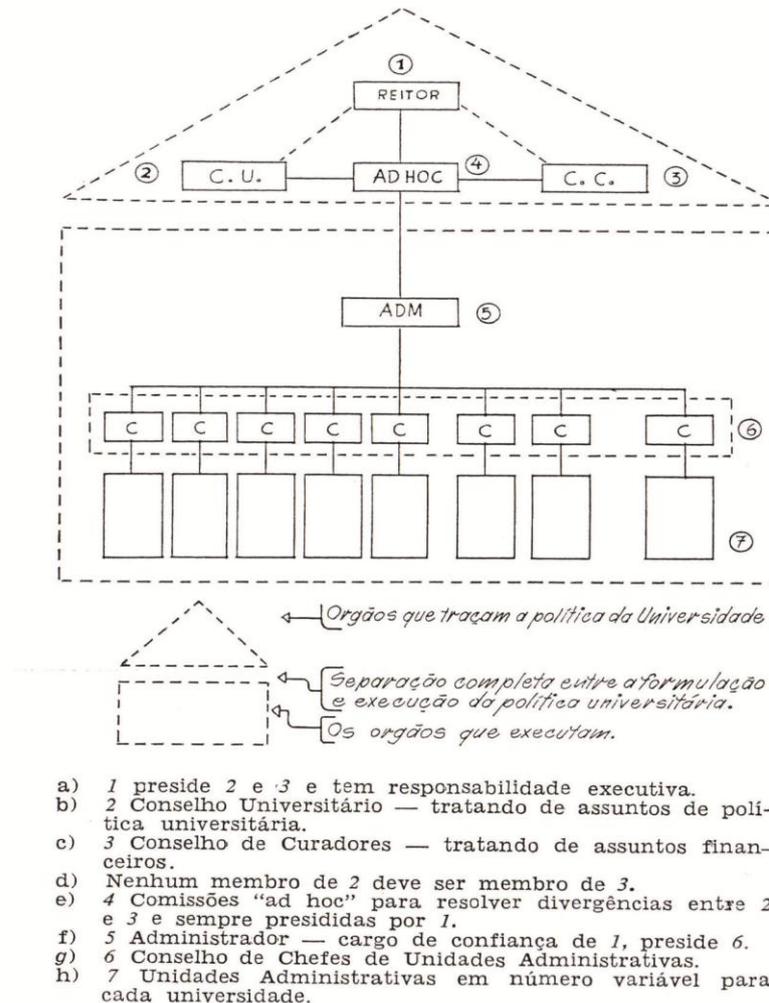


Figura 5: Esquema da estrutura administrativa proposta por Rudolph Atcon.

Fonte: ATCON, 1966c, p.83

Rudolph Atcon não concordava com a presença dos estudantes nos conselhos universitários; considerava a inserção deles nas questões acadêmicas como “presença do espião inimigo”, já que os discentes viam nos docentes e funcionários um inimigo pessoal. Além disso, pela razão de os universitários latino-americanos serem da elite da sociedade, estes eram, a seu ver, alimentados pelo privilégio e exerciam uma força negativa dentro da ordem social. A denominação estudante significava que ainda não sabiam e estavam na universidade para aprender. Por esse motivo, acreditava que as resoluções importantes deviam ser definidas por quem sabia, e não por quem ainda tinha o que aprender. Com esse discurso sugeriu uma autoridade qualificada (ATCON, 2009, p.54-59).

Em 1973, durante o Primeiro Seminário sobre Administração Universitária, organizada pela OEA e a UAG (Universidad Autónoma de Guadalajara), Rudolph Atcon apresentou suas propostas sobre administração universitária. A síntese da

sua apresentação, feita pelo Dr. Carlos Ceruti Gardeazabal, demonstrou que as teorias de Rudolph Atcon causaram polêmica entre os participantes. Muitas críticas foram acerca da essência teórica, que não permitia atitudes imediatas. A discussão sobre o tema mostrou a urgência em se elaborar uma teoria sobre administração universitária que norteasse os administradores na busca por otimizar seus trabalhos (ATCON, 1973a, p.63).

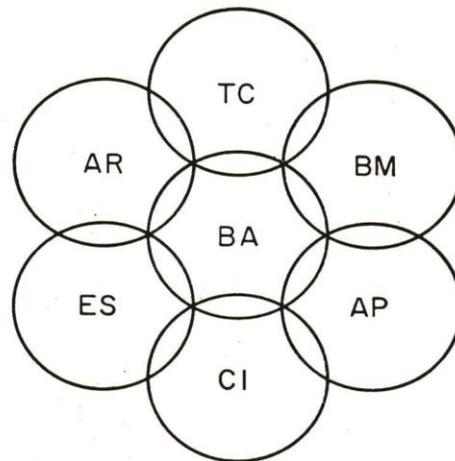
2.2.2. Reforma Pedagógica

A ampliação da estrutura proposta por Rudolph Atcon, tanto no campo físico como no pedagógico, baseava-se em flexibilidade estrutural e diversificação da docência, sempre com a preocupação voltada para a integração, somando as atividades acadêmicas e científicas. Essa reformulação da estrutura tinha como objetivo alcançar um número cada vez maior de alunos, de forma a atender melhor à comunidade e a dar oportunidade a uma gama maior de pessoas. Esse aumento abrangeria os dois aspectos descritos anteriormente – quantitativo e qualitativo (ATCON, 1966c, p.14-15).

Para Rudolph Atcon, o sistema tradicional que mantinha a carreira de um catedrático possibilitava sua ocupação em atividades não acadêmicas – tanto profissionais como políticas, sustentadas pelo seu cargo dentro de uma universidade. Ele defendia o tempo integral do docente, evitando o que chamou de “acumulação de dois, ou três ou mais empregos em um só indivíduo” (ATCON, 2009, p. 47 e 49). As cátedras já haviam sido alvo das críticas por parte dos alunos, que se movimentaram por sua retirada, o que, de acordo com o testemunho do então Ministro da Educação, Suplicy Lacerda, seria um erro, já que foram elas que impossibilitaram governos corruptos de colocarem seus “pelegos para dar aulas” (SUPLICY, 1965a). Ponto solucionado por Rudolph Atcon, ao propor a retirada do poder dos catedráticos por meio da departamentalização.

A principal proposta do consultor para o campo pedagógico era criar uma nova unidade universitária, onde todas as matérias básicas do conhecimento se unificariam (estrutura “materiocêntrica”), ressaltando-se aquelas de cunho estritamente profissional. Desta forma, as matérias básicas se reuniriam em departamentos e se incorporariam as “disciplinas afins ao seu campo de

conhecimento”, deixando o aluno com mais tempo para definir que rumo seus estudos acadêmicos seguiriam, profissional ou não. A ótica de Atcon em relação à nova unidade seria possibilitar uma maior integração das disciplinas (Figura 6), que permeariam os alunos, permitindo uma maior flexibilidade nas combinações dos cursos e ainda possibilitando um menor custo para a universidade em relação aos profissionais e ao espaço físico.



BA = Centro Básico TC = Centro Tecnológico
 BM = Centro Biomédico AP = Centro Agropecuário
 CI = Centro Cibernético ES = Centro Desportivo
 AR = Centro Artístico

Figura 6: A universidade integral
Fonte: ATCON, 1974a, p.31

Nesse formato, não caberia a individualização do professor na matéria, o catedrático, permitindo um intercâmbio com o objetivo de estimular a concorrência entre eles e, conseqüentemente, novas iniciativas (ATCON, 1966c, p.15-18). Para tanto, justificava que as pessoas têm capacidades diferentes que darão resultados também diferentes, mas precisam ter as mesmas possibilidades de desenvolvimento (ATCON, 1966d, p.13-14).

Esse regime, para Rudolph Atcon, também possibilitaria às faculdades profissionais uma liberdade para se focarem no real aprendizado da profissão, não se preocupando com as matérias básicas, visto que os alunos se apresentariam com uma base mais abrangente e dinâmica e em número mais reduzido. Também possibilitaria o desenvolvimento de áreas que estavam estagnadas, como a pós-graduação, e fomentaria a difusão científica em cada unidade. Todo o processo de

mudança poderia ser gradual, de acordo com a possibilidade financeira de se instalarem novos laboratórios (ATCON, 1966c, p.15-18).

Rudolph Atcon acreditava na mudança do regime universitário, até então profissional, “carreirocêntrico”, tema compartilhado pelo educador Anísio S. Teixeira, que, a seu ver, impossibilitava uma cultura nacional. No campo da Pedagogia, a crítica do educador brasileiro Anísio S. Teixeira não se restringia ao ensino superior profissional. Para ele, o ensino secundário clássico e acadêmico afetava a preparação dos profissionais nos dois graus de ensino. Esse regime ocasionou o professor autodidata, que se baseava em literaturas estrangeiras e, quando possível, também em viagens a escolas no exterior (TEIXEIRA, 2005, p.183-184). Esse sistema de ensino profissional nas universidades, até então utilizado no país, era motivo de críticas também por parte dos estudantes, que perceberam que o diploma universitário era necessário, mas não o “suficiente para a ascensão” profissional. O importante era a mudança do ensino, que não estava condizente com a realidade profissional (CUNHA, 2007a, p.56-57).

Para Rudolph Atcon, o sistema universitário latino-americano que não distinguia o grau acadêmico com o grau profissional estava errado; a seu ver, eram etapas distintas (ATCON, 2009, p.67). Uma solução seria a criação dos Institutos Centrais, utilizados pela primeira vez em sua intervenção na Universidad de Concepción (entre os anos de 1957 e 1960), no Chile, como Instituto Básico Central. Esse termo foi absorvido por outras instituições da América Hispânica e pela Universidade de Brasília, e, antes mesmo de se verificar o seu resultado, foi reproduzido por outras instituições brasileiras. Para Rudolph Atcon, ocorreu um erro na utilização da nomenclatura, que abrangeu também a forma administrativa, mantendo-se os Institutos como as antigas faculdades autônomas; outro ponto discutível para o consultor seria a valorização da pesquisa em detrimento do ensino, através do nome “Instituto” escolhido, que, a seu ver, “sempre promove preponderantemente propensões à pesquisa numa determinada especialidade — de preferência, bem delimitada — deixando de realçar obrigações, de proporcionar, sobretudo, um bom ensino no mesmo campo do conhecimento” (ATCON, 1974a, p.69-70).

Reconhecendo seu erro, em 1960/1961, na criação da Universidade Nacional de Honduras, Rudolph Atcon propôs o primeiro Centro de Estudos Gerais (CEG), ou Centro Básico, que mantinha os pontos positivos dos Institutos Gerais: “economia,

coordenação, serviço integral e não duplicação”, mas com correção dos pontos negativos: departamentos cooperando entre si em vez de institutos autônomos e com apenas um diretor (ATCON, 1974a, p.69-73). Segundo o pesquisador Luiz Cunha (2007b, p.195), a solução do consultor ao criar o Centro de Estudos Gerais demonstrou uma inovação no âmbito educacional.

Outro ponto inovador de Rudolph Atcon, segundo o pesquisador Luiz Cunha (2007b, p.195), foi a criação do Centro Cibernético (CI), que seria um setor que reuniria “todas as atividades ligadas ao controle social, razão pela qual não seria de todo inconveniente agregá-las sob o rótulo de ‘cybernetica’, da ciência dos sistemas de controle e governo sociais”, onde “incluiria as matérias jurídicas, políticas, econômicas, jornalísticas e administrativas, que compõem os correspondentes cursos do momento e serviriam no futuro como base para uma série de outras carreiras do mesmo setor” (ATCON, 1966a, p.35).

Outro ponto de mudança no campo educacional seria a adição da disciplina de educação física obrigatória nos dois primeiros anos do curso, incorporando a máxima “mens sana in corpore sano” (ATCON, 1966a, p.41). No texto *La univesidad latino-americana*, Rudolph Atcon sugere tal inclusão apenas no primeiro ano (ATCON, 2009, p.61).

Segundo o consultor, o ensino deveria ser integral, dependendo “da dedicação exclusiva de todos os envolvidos no grande empreendimento chamado ‘Educação Universitária’” (ATCON, 1966c, p.7), o que exigiria a presença dos discentes na universidade durante o dia todo – questão contrária à dos estudantes. Segundo o pesquisador Luiz Cunha, “o trabalho paralelo ao estudo surge para os estudantes, então, como um mecanismo de ajustamento: permite-lhes prescindir dos recursos materiais da família, sem que abandonem, entretanto, o projeto educacional/profissional/social dela própria” (CUNHA, 2007a, p.56). Segundo Duarte (1968, p.45), a União Nacional de Estudantes e a União Brasileira de Estudantes Secundários “promoveram, em quase todos os Estados, seminários e passeatas, estas sempre pontilhadas de choques com a polícia”. As reclamações dos estudantes nesses movimentos abrangiam o desejo de “modelar a consciência das novas gerações do país segundo as suas conveniências empresariais” e a extinção da gratuidade do ensino “pós-elementar”. O Correio da Manhã de 3 de maio de 1967 complementa afirmando que as lideranças estudantis asseguravam que o Relatório Atcon era “antinacionalista” (MEC-USAID: Acordo, 1967).

Anísio S. Teixeira não compartilhava da totalidade das ideias de Rudolph Atcon, assim como não acreditava que o ensino norte-americano fosse perfeito, apesar de, a seu ver, ser até então o mais desenvolvido, principalmente em relação à interação de todos os graus escolares. No entanto, indagava a falta de estímulo aos seus estudantes, resumindo um modelo para os demais países, mas um modelo ainda a se desenvolver (TEIXEIRA, 1960).

Apesar das diferenças de opiniões entre os dois, Anísio indicava Rudolph Atcon para alguns trabalhos, como no caso da reorganização da própria CAPES, posteriormente, como profissional capacitado para a análise das Universidades Alemãs, ocasião em que menciona seu vínculo com o consultor através de informações que o mesmo lhe passava sobre seus estudos e trabalhos, sabendo-o responsável pela maior reestruturação da educação na América Latina (TEIXEIRA, 1961b). Em uma das cartas de Anísio S. Teixeira para Rudolph Atcon, o educador brasileiro elogia o trabalho cada vez mais expressivo do consultor, afirmando que compartilham do mesmo pensamento de que “é na Universidade que está um dos nossos mais importantes campos de ação”, e comenta que, ao participar, em Beirute, da 2ª reunião da Comissão de Especialistas da UNESCO e, em Paris, do Comitê Internacional para o Desenvolvimento da Educação de Adultos, teve a oportunidade “de ouvir, da UNESCO, agradáveis referências” a ele e a seu trabalho. Ainda na mesma carta, comenta sobre uma correspondência recebida anteriormente, e também enviada pelo consultor, que trazia um documentário sobre seus trabalhos (TEIXEIRA, 1961c).

Em 1962, Anísio, então vice-reitor da UnB, enviou uma carta a Rudolph Atcon em agradecimento à cópia do artigo que o consultor escreveu para o número 2 da Revista das Universidades Alemãs. No conteúdo da carta, diz que apresentou o estudo a Darcy Ribeiro para que ele pudesse discutir e debater com seu “staff” o tema, alegando ainda que mandaria traduzir para o português para “como deseja, facilitar o seu estudo em nossos centros e nas universidades”. Finalizou dizendo que “a Universidade de Brasília constitui já um começo da realização do muito que V. recomenda. Estou certo de que o seu artigo representa uma das mais importantes contribuições até agora feitas à reforma universitária na América Latina” (TEIXEIRA, 1962). No ano seguinte (1963-1964), Anísio assume o cargo de reitor em substituição a Darcy Ribeiro, que à época foi nomeado ministro da Educação (TEIXEIRA, 1988, p.9 e 13).

Anísio acreditava que as universidades do Brasil estavam anteriormente inseridas muito mais na cultura europeia do que na brasileira, ao contrário dos norte-americanos, que já haviam despertado para a criação de uma universidade que exprimisse sua própria cultura. Para ele, à época, o que o país buscava era um ensino brasileiro para futuros profissionais brasileiros. A pesquisa fazia parte do enriquecimento da universidade, “todas as vezes que eu estiver dando uma cultura que não foi elaborada nacionalmente para ser ensinada, estarei prestando informações, não proporcionando educação” (TEIXEIRA, 1988, p.94-96).

Anísio indicava Rudolph Atcon e o elogiava por realmente acreditar e concordar com vários pontos do seu trabalho (TEIXEIRA, 1961a; 1961b). Os dois acreditavam que o país precisava melhorar o ensino para crescer, apostavam na pesquisa como mola propulsora e eram a favor da extinção das cátedras. Todavia, existiam divergências de pensamentos.

Segundo o pesquisador Motta (2014, p.67), existiam à época duas correntes: a dos esquerdistas e a dos liberais. Os primeiros acreditavam em uma universidade populista e crítica, com grande influência dos alunos na construção do novo ensino e sem distinção de poder aquisitivo, pensamentos que Anísio S. Teixeira compartilhava.

Já o objetivo dos liberais, com grande influência norte-americana, era qualificar o ensino, tornando-o mais eficiente e produtivo, barrando qualquer impulso revolucionário, visando apenas o desenvolvimento econômico do país. Segundo Motta (2014, p.70 e 72), o movimento liberalista ainda incentivava a diminuição das matrículas em cursos das humanidades, priorizando os cursos técnicos que dariam suporte às indústrias.

Ao expor suas ideias, Rudolph Atcon demonstrou sua preocupação com os alunos que se interessavam em estudar, o que, para ele, deveria ser o estímulo para um ensino melhor. Para os que não se importavam, “tanto faz”. Desta forma, Rudolph Atcon (ATCON, 1974a, p.145) demonstrou sua ascendência ao liberalismo, pensamento contrário ao de Anísio S. Teixeira, que acreditava que o ensino deveria ser obrigatório para toda a população brasileira.

Ainda abordando os estudantes e o campo pedagógico, Rudolph Atcon e Anísio divergiam em alguns aspectos da estrutura universitária, visto que Anísio S. Teixeira acreditava na implantação de ciclos conforme o existente no ensino médio. Estes seriam divididos em três tipos: um com apenas o primeiro ciclo de “cultura

geral superior” e título de bacharel, como no caso do *college* norte-americano, para “escolas superiores desprovidas de maiores recursos”; as escolas com condições financeiras adequadas poderiam oferecer um segundo ciclo de cursos profissionais (Engenharia, Direito, Medicina, etc.), que habilitariam potencialmente os diplomados; o terceiro ofereceria aos diplomados um estágio prático e exames (prestados nas Ordens ou Associações profissionais), após o que o diplomado estaria legalmente habilitado ao exercício profissional conforme “*exame de estado* francês ou alemão” (TEIXEIRA, 1976¹³, p.192 apud CUNHA, 2007b, p.195).

Foram acessados os acervos de Anísio S. Teixeira do PROEDES/UFRJ e do CPDOC, além de livros do educador, constatando-se que, apesar da estreita relação e também dos trabalhos que fizeram juntos, Anísio S. Teixeira não cita Rudolph Atcon em seus estudos¹⁴, fato ocasionado possivelmente pelo contexto nacionalista em que o país estava inserido.

2.2.3 Reforma Física

Essa mudança pedagógica, além da administrativa, influenciaria o aspecto físico da universidade, que deveria absorver as novas transformações. Para Rudolph Atcon, a estrutura até então empregada no país, em que as atividades acadêmicas se adaptavam aos edifícios, estava evidentemente equivocada; em sua opinião, os edifícios é que deveriam se adaptar às atividades acadêmicas e deveriam ser integrados, como foi possível nas universidades de Concepción e de Costa Rica, as duas trabalhadas por ele (ATCON, 2009, p.42).

Inicialmente, deve-se entender a diferença entre cidade universitária e *campus* universitário que Rudolph Atcon defendia. Para o consultor,

A “Cidade Universitária” — corresponde à universidade tradicional — dá, numa só área geográfica, expressão física ao desejo de união das unidades isoladas e dispersas que a contrapõem. Porém, não ultrapassaria uma mera aproximação dos edifícios que abrigam autarquias independentes entre si (ATCON, 1970, p.8).

Já *campus* universitário foi definido como

¹³ TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979.

¹⁴ Foram utilizadas cinco publicações de Anísio Teixeira para este estudo, sendo quatro voltadas para o ensino superior e uma sobre o ensino norte-americano em geral.

um local geográfico que reúne todas as atividades de uma universidade e as integra da maneira mais econômica e funcional num serviço acadêmico-científico coordenado e da maior envergadura possível, respeitadas as limitações de seus recursos humanos, técnicos e financeiros (ATCON, 1970, p.8).

Na questão física, Rudolph Atcon acreditava em uma universidade integral trabalhando em um *campus* também integrado, diferente das tradicionais cidades universitárias, que, a seu ver, eram

[...] além de monumentais, impensadas e antifuncionais, têm como finalidade primordial congregar — para efeitos arquitetônicos — numa determinada área geográfica uma série de escolas administrativamente independentes, academicamente soltas e estruturalmente inconexas entre si. Contra isso, o *campus* tece um tecido único, solidamente integrado, maleável e funcional (ATCON, 1970, p.13),

pontuando que sua implantação, ou organização isolada, como as cátedras, tinha uma influência negativa na comunidade. Depois de compreendida essa questão, como consultor, limitava-se ao plano, e não abrangia o projeto dos *campi*. Para este trabalho específico, seria imprescindível a contratação de um urbanista, passo considerado inicial para a reestruturação de uma universidade. Todavia, não bastava ser apenas um urbanista, mas alguém qualificado para o trabalho a ser desempenhado, que exigia análises diversas, tais como: topográfica, de subsolo, ambiental, do entorno, dos acessos públicos e da relação com os serviços urbanos, além da orientação do sol e dos ventos nas edificações (ATCON, 1970, p.28-37).

Dentre os princípios iniciais, o consultor destacou a necessidade da criação de um anel envolto ao *campus*, delimitando sua área em relação à vizinhança, com função inicial de parque, podendo definir sua real utilização posteriormente como “adorno ou inversão”. Essa delimitação com a cidade não significava um afastamento que dificultava o trânsito dos alunos à cidade, como no caso norte-americano, mas apenas uma delimitação do espaço e um afastamento do movimento externo, podendo, ainda, ser um local para futura expansão.

Estudos de orientação solar para um melhor conforto térmico seriam o próximo passo, particularizando o *Manual Sobre o Planejamento Integral de Campus* de acordo com a região de implantação, indicando ventilação cruzada como algo primordial. A partir destes quesitos deliberados, iniciar-se-ia a zonificação (ATCON, 1970, p.36-39).

2.2.3.1 Zonificação

Rudolph Atcon defendia que a setorização seria a melhor forma de possibilitar a futura expansão da universidade, além de integrar as atividades, dinamizando sua efetividade. Desta forma, parcelou o funcionamento da estrutura acadêmica em sete grandes setores de vital importância, com a preocupação de impactar o menos possível a comunidade universitária e de manter um contato mais próximo com os setores intercessores. Para ilustrar, produziu diagramas com o intuito de ratificar suas locações. De acordo com a Figura 7, a localização do Setor Básico (BA), no centro de toda a estrutura, era justificada por ser responsável pelas matérias básicas que dariam suporte para todos os cursos oferecidos no *campus*.

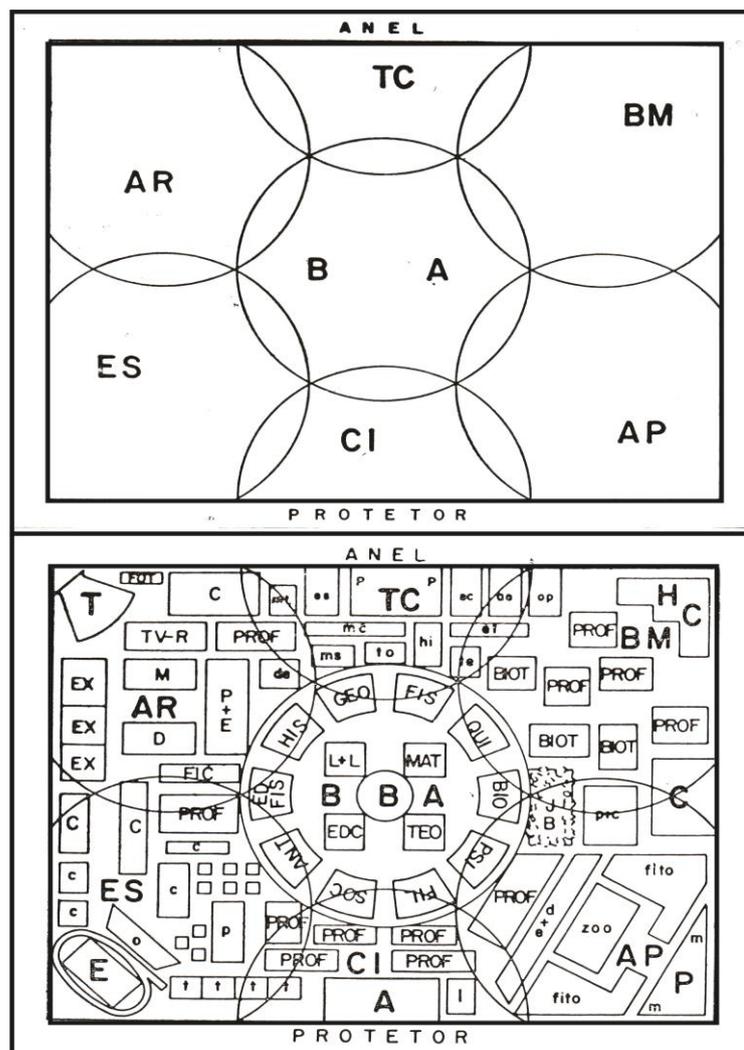


Figura 7: Modelo de “zonificação” de Rudolph Atcon
Fonte: ATCON, 1970, p.78-83

O Setor Biomédico (BM) deveria se localizar em um dos extremos do terreno. Essa localização é fundamentada pela localização do Hospital de Clínicas (HC), que deveria ter acesso rápido pelos pacientes a partir da principal avenida, sem atrapalhar a vida acadêmica. Em outro extremo, seria locado o Setor Esportivo (ES). Essa disposição teria como objetivo não apenas evitar os ruídos causados pelos esportes, mas também separar os enfermos dos saudáveis, uma opção que, a seu ver, minimizaria problemas psicológicos de um doente ao ver pessoas saudáveis praticando esportes. Se o objetivo da universidade era atender à comunidade no Departamento Esportivo, este deveria ser de fácil ingresso, da mesma forma que o BM, e extensivo a um estádio (quando houvesse). Em todo caso, se a universidade visualizasse a possibilidade de construção de um estádio, que não se repetisse o erro cometido pela UFMG, que o locou no centro do *campus*, ou pela UFRJ, que o construiu ao lado do HC. De qualquer forma, era contrário à sua utilização como estádio municipal, fato que minimizaria a caracterização de *campus* (ATCON, 1970, p.38-47).

Como o Setor Artístico (AR) dependia do Departamento de História, este deveria se localizar próximo ao BA e entre o ES e o Setor Tecnológico (TC). A justificativa para a localização do TC ser ao lado do AR seria por ser ele o responsável pelas Engenharias, tendo relação com atividades executadas no AR. Apesar do inconveniente de estar afastado de suas atividades básicas — por sinal, o único —, o Centro Cibernético (CI) deveria se instalar próximo ao Setor Agropecuário (AP) e ao ES, para um melhor desenvolvimento cibernético dessas áreas. Já o AP, por ter familiaridade com a Medicina, precisava ser adjacente e usufruir de disciplinas básicas em comum (ATCON, 1970, p.49-67).

O consultor, ao falar sobre as vias de ligação dos setores, privilegiou os pedestres, que, para ele, deveriam circular entre os setores de forma tranquila, sem o inconveniente dos carros em vias assimétricas. Desta forma, deveria-se criar uma via periférica para automóveis ligando o *campus* às vias municipais. Essa circulação interna, porém, receberia, na periferia, grandes ilhas de estacionamento. Para os casos em que fosse possível uma aproximação maior dos veículos automotores, previu pequenas áreas de estacionamento, separadas por categorias: corpo docente, pessoal administrativo e discentes (ATCON, 1970, p.32-33).

Segundo o pesquisador Klaus Chaves Alberto (2012), a temática pedestre *versus* automóveis foi muito debatida por universidades estrangeiras na década de

1960. A Inglaterra e os EUA optaram pela separação das vias, sendo que, no primeiro caso, os automóveis circulavam por todo o *campus*. No caso norte-americano, a State University of New York at Albany, criada no início da década de 1960, eliminou a circulação de carros no centro do *campus*, criando uma via periférica e deixando os espaços centrais apenas para os pedestres. Já o projeto para a University of Illinois, em 1963, optou por separar as duas vias através da verticalização, permitindo aos pedestres circular sobre as edificações e liberando as vias do térreo para a circulação dos automóveis. O pesquisador destaca ainda que o projeto para a UnB se contrapôs aos projetos do exterior, prevendo vias de automóveis e pedestres que se cruzavam inclusive em meio aos espaços pedagógicos (ALBERTO, 2012, p.191-199).

2.2.3.2 Métodos construtivos das edificações de campi universitários

Segundo Rudolph Atcon, universidades são templos do conhecimento, com objetivo direto e claro de aprendizado e, para essa função, suas edificações não necessitam ser suntuosas e monumentais, mas apenas proporcionar ambientes salubres, com vasta iluminação, ventilação e minimização de ruídos, a fim de permitir maior concentração para que os estudantes possam se desenvolver (ATCON, 1970, p.86-88). A crítica aos edifícios suntuosos veio desde sua publicação *La Universidad Latinoamericana*, em 1966 (publicada inicialmente em inglês, em 1962), sustentada em suas publicações subsequentes (ATCON, 2009, p.44).

Outro fator relevante seria a escolha do tipo de edificação, que, segundo o engenheiro, deveria ser horizontal, justificada por ser o Brasil um país dotado de uma extensão territorial capaz de facilitar a implementação dessa diretriz, esquivando-se das tradicionais cidades universitárias que, a seu ver, se faziam valer de edifícios monumentais, e retomando a ótica de racionalizar as construções de forma simples, econômicas e mutáveis (ATCON, 1970, p.36).

Em relação ao tipo de edificação, destacou que aquelas suntuosas limitavam a expansão das instituições por não proporcionarem flexibilidade de espaços. Por essa razão, o consultor estimulava a utilização de pavilhões como um facilitador na mutação dos espaços e na sua expansão. O gabarito das edificações também foi abordado por Rudolph Atcon. Apesar de ser favorável a edificações de apenas um

pavimento expansível horizontalmente, estas poderiam chegar ao limite de três andares, o que possibilitaria um melhor aproveitamento de espaço sem onerar com aquisições de elevadores. Essa flexibilidade, no sentido da escolha por uma edificação horizontal ou vertical, deve-se à diversificação das dimensões dos terrenos adquiridos, sendo a única possibilidade dos terrenos reduzidos à verticalização (ATCON, 1970, p.86-88). No decorrer do *Manual Sobre o Planejamento Integral de Campus*, suas diretrizes ainda direcionavam as formas de melhor implantação dos edifícios, combinando áreas de circulação de automóveis e de pedestres de forma objetiva e prática.

Durante sua visita a 12 universidades brasileiras a convite do MEC, em 1965, Rudolph Atcon chegou a censurar a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que considerou ainda enraizada em pensamentos retrógrados de épocas passadas, quando as cátedras se destacavam pelo seu isolamento. Por esse motivo, ressaltou que a tarefa de integração da UFMG superava muitas outras, já que os edifícios suntuosos e sem dinamismo de suas diversas faculdades, espalhados pela cidade de Belo Horizonte, além de não atender às próprias necessidades, também não possibilitavam nenhum tipo de expansão, bloqueando a integração das áreas de ensino (ATCON, 1966c, p.48 e 49). Outra universidade que também sofreu críticas quanto à sua “monumentalidade” foi a Universidade Federal de Bahia (UFBa), que possuía muitos edifícios “suntuosos” e não funcionais, destacando-se o da Odontologia e o do Direito. Além destes dois, ainda mereceu atenção a construção de um terceiro grande edifício, o da Farmácia, nos mesmos moldes (ATCON, 1966c, p.44).

2.2.3.3 Habitação estudantil

Grande parte de suas pesquisas resultaram em publicações, mas em poucas ele abordou o tema habitação universitária. Dentre elas destacam-se o livro *Rumo à Reformulação Estrutural da Universidade Brasileira* (1966) e o *Manual Sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário* (1970).

No livro escrito em 1966, em visita à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), dentre tantos elogios quanto à forma de crescimento e de desenvolvimento da Universidade e também quanto ao planejamento do futuro *campus*, Rudolph Atcon fez uma crítica ao então reitor e seus colaboradores sobre as habitações que

teriam sido implantadas em meio às atividades acadêmicas (ATCON, 1966c, p.64-65).

Já no *Manual Sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário*, que traça diretrizes mais abrangentes, o tema é tratado como de responsabilidade da Universidade, que teria a obrigação de resolver o problema habitacional tanto dos discentes, com conjuntos de dormitórios, como dos docentes, com conjuntos habitacionais ou casas individuais, e do corpo administrativo, em forma de vilas com unidades unifamiliares. A seu ver, as residências deveriam estar locadas em terrenos específicos para esse fim, fora dos limites do *campus*, porém vizinhos a ele, possibilitando o fácil deslocamento dos seus moradores (ATCON, 1970, p.97-102).

Rudolph Atcon justifica seu pensamento em instalar as unidades habitacionais fora do *campus* como sendo resultado de sua vivência profissional, destacando a impossibilidade de se atender a todos os universitários. Também destaca sua preocupação com os professores e seus familiares em relação a possíveis agressões de alunos – sendo a defesa fora do *campus* mais simples –, e a aniquilação do pensamento estudantil de propriedade sobre a universidade. O consultor fecha o texto dizendo que “viver numa habitação da universidade não é um direito, senão um privilégio”. Desta forma, os alunos deveriam respeitar os regulamentos impostos pela administração. Não havendo possibilidade de uma área destinada a moradias, o especialista afirma que estaria a cargo da Universidade o serviço de assessorar os alunos para encontrá-las e também de custeá-las, tendo como possibilidade pensões que poderiam ser adquiridas pelas instituições, ou até mesmo alugadas, como também quartos em residências familiares (ATCON, 1970, p.101-102).

3 RUDOLPH ATCON NA PRÁTICA: PROPOSTAS, ANÁLISES E REFLEXOS DAS ATUAÇÕES DO CONSULTOR

Conforme citado no capítulo anterior, como na definição das diretrizes da Reforma Universitária Brasileira, Rudolph Atcon esteve na linha de frente de toda a reestruturação do ensino superior e, por essa razão, este estudo visa a identificar até que ponto seus preceitos foram adotados.

Para esta pesquisa foram selecionadas três universidades a que Rudolph Atcon esteve ligado, mesmo que de forma diferenciada. Como já foi elencado no início desta dissertação, primeiramente selecionou-se a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), por se tratar de uma instituição federal trabalhada diretamente pelo consultor. O segundo *campus* selecionado foi o da Universidade Federal do Pará (UFPA), que fez parte, juntamente com mais 12 universidades, da análise feita no livro *Rumo à Reformulação estrutural da Universidade Brasileira* (1966). Diferentemente da UFPA, no caso da Ufes a contratação do consultor foi feita diretamente pela própria instituição, trabalho que rendeu a publicação *Proposta para a Reestruturação da Universidade Federal do Espírito Santo*, de dezembro de 1966.

Para se compreender a abrangência de suas propostas e demonstrar sua interação com as ideias discutidas na época por intelectuais brasileiros, foi analisado um terceiro *campus* que não foi objeto direto da consultoria de Rudolph Atcon. Assim, o *campus* da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) foi selecionado por ter sido criado: 1) com o objetivo de ser referência no campo superior; 2) na mesma época da criação dos *campi* da Ufes e da UFPA; 3) com valores semelhantes aos destas duas universidades. Justamente por não ter sido fruto da atuação direta de Rudolph Atcon, o *campus* da Unicamp permite avaliar como as ideias por ele veiculadas alcançaram os espaços universitários e deram forma às discussões que estavam ocorrendo em todo o Brasil. A justificativa para a escolha de um *campus* não trabalhado nem analisado pelo consultor norte-americano seria entender o nivelamento entre as propostas de Atcon com outras propostas reformadoras da época. Com isso, torna-se possível avaliar se ele era o único a pensar nessas mudanças, ou se fez parte de um grupo de intelectuais que comungavam de teorias similares.

Os textos relacionados a cada *campus* têm estrutura semelhante, com três subcapítulos. O primeiro aborda a história da criação da Universidade; o segundo aborda a *Proposta de reestruturação* dos *campi* estudados por Atcon (para a Ufes e para a UFPA, que tiveram uma relação com consultor). No caso da Unicamp, que foi criada sem a interferência direta de Rudolph Atcon, o segundo subcapítulo fará uma abordagem sobre o *Planejamento físico* desse *campus*. O terceiro subcapítulo, denominado *Análise comparativa das ideias do consultor sobre as ideias adotadas pela instituição*, compara as ideias iniciais para os três *campi* e as ideias do consultor.

3.1 PROPOSTAS DIRETAS DE RUDOLPH ATCON: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (Ufes):

3.1.1 Criação da Ufes

Por meio do decreto nº 1.236, de 8 de abril de 1953, foi criada a Comissão de Ensino Superior que objetivava a organização da abertura de uma Universidade Estadual (BORGGO, 1995, p.99-100). Mas, somente por meio da Lei Estadual nº 806, de 5 de maio de 1954, a Universidade do Espírito Santo foi oficializada. No decorrer da Lei, é possível reconhecer que alguns dos ideais defendidos por Rudolph Atcon já circulavam e faziam parte dos ideais reformadores da Ufes, mesmo antes da formalização de seu vínculo com a instituição. Nesse sentido, é notório o interesse da Universidade quanto à pesquisa científica, explicitado pelo Art. 2º, "fins da Universidade", sendo um dos cinco pontos "promover condições propícias ao desenvolvimento da reflexão filosófica, da pesquisa científica e da produção literária e artística", tema em circulação à época por diversos intelectuais e universidades. Outro ponto importante da Lei Estadual nº 806 de 5 de maio de 1954 (oficialização da Ufes), que pode ser encontrado de maneira semelhante às ideias de Rudolph Atcon, é o Art. 19º, sobre a aproximação e o convívio dos habitantes do *campus*, através da

a) proximidade dos edifícios, reunidos num conjunto que constituirá a cidade universitária; b) pela unidade de direção e administração da Universidade em tudo que respeite o interesse comum; c) pela organização de grupos de disciplinas comuns a vários institutos em departamentos de ensino, pesquisa e debate; [...] (BRASIL, 1954).

Ainda no campo pedagógico, quando da criação da Universidade, o seu corpo docente mantinha a estrutura tradicional visando uma hierarquia vertical, tendo os professores catedráticos como cargo mais alto. Na esfera administrativa visava uma “completa autonomia econômica e financeira” após constituir patrimônio próprio. Mas o governo teria grande influência na Universidade através da escolha do reitor (BRASIL, 1954).

Segundo Borgo (1995, p.26 e 99), antes mesmo da criação da Lei nº 806/54, o governo estadual do Espírito Santo demonstrava interesse em adquirir terras para reunir todas as atividades acadêmicas em um único espaço. Isso foi formalmente firmado através da Lei Municipal nº 379, de 28 de outubro, com a doação à Universidade uma área de 1.168.000 m² no bairro Maruípe, em Vitória (PMV, 1954).

Dois meses depois, ainda em 1954, outra área, de 4.350 m², foi desapropriada e incorporada à Universidade. Em 1955, um esboço para a cidade universitária foi feito e apresentado ao Conselho Universitário¹⁵. Nesta ocasião, o conselheiro e diretor da Faculdade de Odontologia, Antônio de Oliveira Pantoja, alegou que a Faculdade de Odontologia deveria estar próxima à futura Escola de Medicina, já demonstrando a intenção de um *campus* integrado (BORGO, 1995, p.99-100).

A Universidade do Espírito Santo foi federalizada pelo decreto Lei nº 3.868, de 30 de janeiro de 1961, no governo de Juscelino Kubitschek, com as seguintes escolas e faculdades: Faculdade de Direito, Escola Politécnica, Faculdade de Ciências Econômicas, Escolas de Belas Artes, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Faculdade de Medicina e Escola de Educação Física (BRASIL, 1961b). Manteve-se praticamente o mesmo núcleo da instituição estadual, excluindo-se apenas a Faculdade de Direito, que já havia sido federalizada em 1950 (BORGO, 1995, p.39 e 41).

Por vários motivos, a intenção de se construir uma cidade universitária na região do Maruípe não foi adiante, tanto pela dificuldade em se efetivar a doação do

¹⁵ Ivantir Antônio Borgo não cita o arquiteto responsável por esse esboço.

terreno da Prefeitura, como pela impossibilidade de se conterem as invasões que estavam acontecendo na área. Algumas unidades chegaram a ser construídas, como o edifício da Escola Politécnica, o Instituto Anatômico e o Instituto Agrícola. O Hospital das Clínicas foi iniciado, mas não concluído. Posteriormente, algumas instalações deram lugar a outras, como o edifício da Escola Politécnica, onde passou a funcionar o Serviço de Extensão, e o Instituto Anatômico, que passou a fazer parte do Centro Biomédico, iniciado a partir de 1973. Em 1978 foram incorporados os terrenos e pavilhões do antigo Sanatório Getúlio Vargas (Figura 8), que posteriormente seria o Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (Figura 9), assumindo sua “configuração definitiva dando origem ao atual Campus Universitário Thomaz Tommasi” (BORGIO, 1995, p.99-101).



Figura 8: Imagem antiga do edifício do Sanatório Getúlio Vargas.

Fonte: <http://protomodernos.blogspot.com.br>.



Figura 9: Imagem do Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes.
Fonte: Site da Ufes.

Com a inviabilidade do *campus* de Maruípe, em 1962, o reitor e professor Jair Dessaune solicitou ao MEC a desapropriação de uma área às margens da estrada para a Serra (atualmente BR 101-N) onde se localizava o Victoria Golf & Country Club (BORGO, 1995, p.42). Essa desapropriação não foi efetivada, tendo sido executada somente em 1966, por meio de uma das duas ações promovidas pelo então reitor Alaor de Queiroz Araújo para a criação do *campus* das Goiabeiras: a primeira foi a desapropriação do terreno onde se instalava anteriormente o Victoria Golf & Country Club, uma área total de 239.260 m²; a segunda, a criação da Comissão de Planejamento.

3.1.2 Propostas de reestruturação

Paralelamente à federalização da Universidade e à reestruturação acadêmica, Rudolph Atcon foi contratado pela Universidade Federal do Espírito Santo, em setembro de 1966, para fazer uma proposta de reestruturação da mesma, o que rendeu a publicação intitulada *Proposta para a Reestruturação da Universidade Federal do Espírito Santo*, entregue em dezembro do mesmo ano (ATCON, 1966b, p.1).

Em 1967, foi aprovada pelo Conselho Universitário a nova estrutura da Universidade, substituindo as faculdades e escolas por: Centro de Estudos Gerais, Centro de Artes, Centro Tecnológico, Centro Agropecuário, Centro Biomédico, Centro de Educação Física e Desportos, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas

e Centro Pedagógico. Em novembro de 1968, essas mudanças foram aprovadas pelo decreto federal nº 63.577 (BORGIO, 1995, p.48).

Em sua proposta para a Ufes, Rudolph Atcon sugeriu que o Centro de Estudos Gerais (CEG) se limitasse à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, deixando a cargo da Universidade a decisão de quais departamentos o comporiam, “em que ordem se constituiriam e de que maneira desenvolver-se-iam”. Propôs, ainda, a imediata departamentalização no novo *campus*, “a fim de facilitar seu futuro desdobramento físico e garantir, desde logo, seu ininterrupto crescimento”. O consultor acreditava que a Ufes deveria prever para o CEG onze departamentos: Departamento de Matemática, Departamento de Química, Departamento de Física, Departamento de Biologia, Departamento de Geo-Estudos, Departamento de Educação, Departamento de Disciplinas Sociais, Departamento de Psicologia, Departamento de História e Departamento de Línguas e Letras. Estes possibilitariam um aumento significativo de “cursos curtos, de formação, de especialização e de nível pós-graduado”, o que facilitaria a entrada de um maior número de estudantes (ATCON, 1966b, p.28-29).

Uma das recomendações prioritárias de Rudolph Atcon para a Ufes foi a aquisição imediata das terras da “ilha contígua ao atual ‘campus’ central” (ATCON, 1966b, p.268), sugestão prontamente acatada pelo reitor, que submeteu a ideia à Comissão Universitária. Em seguida, foi concluída a compra das terras da ilha do Cercado, no total de 375.174.87 m² (BORGIO, 1995, p.108).

A transferência da Universidade, então instalada no centro da cidade de Vitória, seria gradual, iniciando-se em 1968, com a possibilidade de finalização em 1970, a depender da urgência de sua reestruturação, das prioridades do Conselho Universitário e dos recursos financeiros disponíveis. De qualquer forma, Rudolph Atcon sugeriu iniciar a mudança pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, instalando-a em um dos seis pavilhões previstos no *campus* (ATCON, 1966b, p.28).

Para a Ufes, Rudolph Atcon previu sete setores: Estudos Gerais, Tecnológico, Cibernético, Biomédico, Agropecuário, Artístico e Desportivo. O Setor Tecnológico deveria abranger toda a Engenharia e Tecnologia, organizadas em departamentos *materiocêntricos*, e não *carreirocêntricos*. Para esse objetivo, o Setor Tecnológico deveria prever onze departamentos, que atenderiam a todas as faculdades desses setores, como: Hidráulica, Termodinâmica, Mecânica, Eletricidade, Metalurgia,

Desenho, Topografia, Sistemas de Controle, Mecânica do Solo, Estruturas e Operações (ATCON, 1966b, p.29-37) (Figura 10).

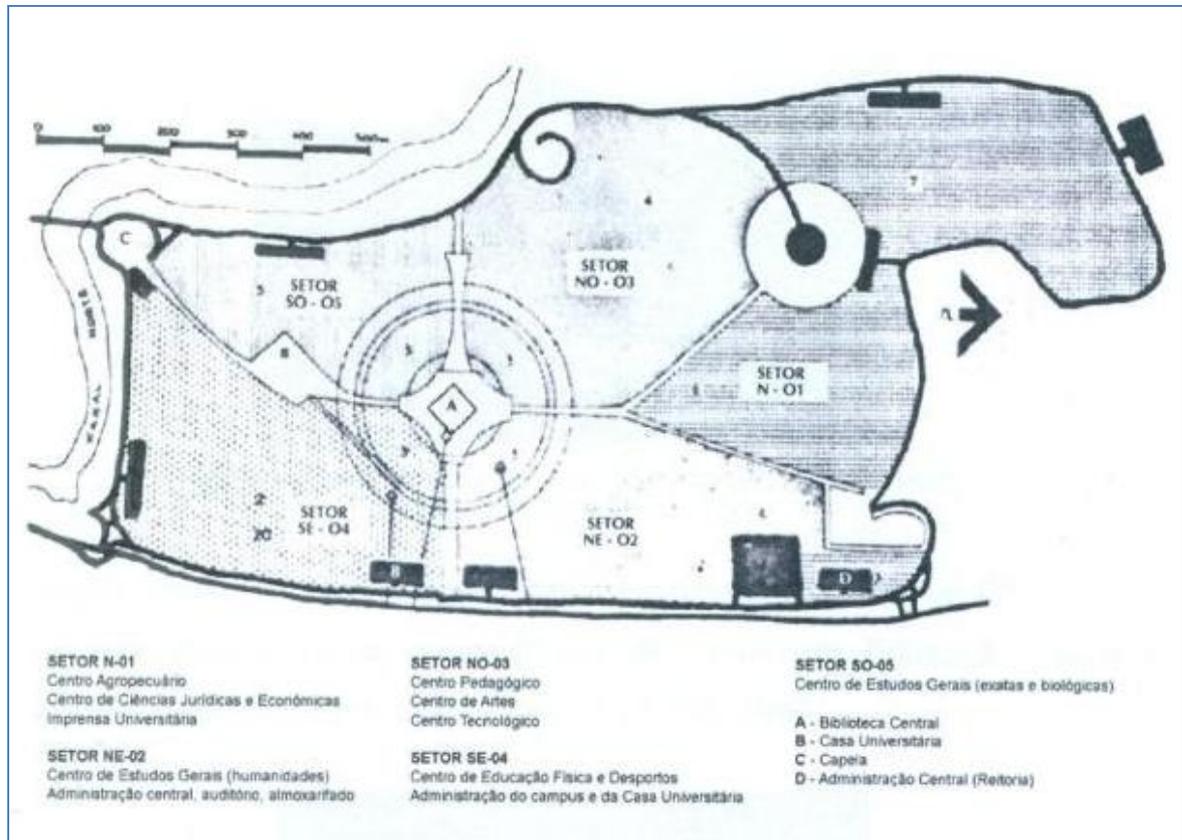


Figura 10: “Plano diretor da Ufes — Campus Alvor de Queiroz Araújo”
Fonte: BORG, 1995, p.108.

À época, a Engenharia da Ufes já contava com uma área própria localizada entre o Centro Biomédico e o *campus*, espaço que as autoridades da Universidade pensavam em transformar futuramente no Centro Tecnológico. Outra corrente, formada por alguns professores, pensava em localizá-lo em um sítio independente, o que Rudolph Atcon não excluía como possibilidade, embora, naquele momento, ainda acreditasse que o melhor seria manter a Engenharia onde estava, considerando que o espaço permitia a possibilidade de crescimento. Assim, optou por decidir no futuro a sua locação definitiva, decisão justificada pela existência de outras prioridades naquele momento (ATCON, 1966b, p.30-31).

Segundo Rudolph Atcon, a universidade tradicional já possuía o que ele considerava Centro Cibernético, mas com a diferença de valorizar apenas a carreira de Direito. Posteriormente, a universidade em transição englobava também os cursos de Economia, Administração, Jornalismo e Ciências Políticas. Não significava

que todas as universidades possuíam todos esses cursos, mas já com uma abrangência maior, apesar de ainda repetindo disciplinas quase idênticas, mostrando a necessidade da departamentalização como forma de integração das áreas afins. Com isso, sugere que, na transferência da Universidade para o *campus*, em 1968, a primeira carreira que poderia se departamentalizar seria a das Ciências Econômicas, ocupando um dos seis primeiros pavilhões previstos; futuramente passaria para os pavilhões definitivos do Centro Cibernético, utilizando-se do Centro de Estudos Gerais para as disciplinas básicas do conhecimento. Segundo Rudolph Atcon, o Direito não seria tratado como prioridade por não ter ainda condições de sofrer uma reforma de departamentalização, sendo sua transferência física imediata a única preocupação do consultor, por não mais atender às suas necessidades. Por questões de prioridade, essa mudança não seria ainda a definitiva, e Atcon cita alguns locais como possíveis para a relocação do Direito. Os demais cursos que surgiriam com o tempo, como Ciências Administrativas, Políticas, Jornalísticas etc., seriam locados no *campus* dentro da departamentalização recomendada anteriormente (ATCON, 1966b, p.231-33). Essa postura de Rudolph Atcon demonstra que, em alguns pontos, ele era flexível, principalmente na questão física do *campus*, contrariamente ao caráter denominado pelo pesquisador Luiz Cunha (2007b, p.195), que o considerava autoritário, e compartilhado pela pesquisadora Maria de Lourdes Fávero (1991, p.27), ao afirmar que

[...] o discurso do "especialista tecnocrata", desde que se imbua da "verdade absoluta" contida em suas proposições, adequa-se aos regimes autoritários, exigindo para sua efetivação um aparelho de Estado forte, que impeça a contestação de qualquer grupo que venha a pôr em dúvida sua pseudo-autoridade técnico-científica.

No caso do Centro Biomédico, especificamente da Faculdade de Medicina, que à época contava com dois hospitais e um terceiro em andamento, Rudolph Atcon propôs que a sua localização “em meio a um denso povoado cujo abastecimento em serviços médicos dificilmente se alcança com os recursos disponíveis”, deveria ser mantida (Figura 11), principalmente pela verba existente e pelo terreno no entorno do hospital, o que possibilitaria um planejamento de integração das carreiras Biomédicas, Bióticas e Paramédicas, unindo a pesquisa ao serviço médico urbano e evitando a duplicidade das disciplinas. Neste caso em

especial, três andares, acessados por rampas, não por elevadores (ATCON, 1966b, 1974, p.264).



Figura 11: Mapa de localização do *campus* Goiabeiras e do *campus* Maruípe - Ufes.

Fonte: Núcleo de Pesquisa Ágora - UFJF.

Segundo o consultor, para atender aos cursos do Centro Biomédico, as Ciências Bióticas deveriam prever: Departamento de Morfologia, Departamento de Fisiologia, Departamento de Patologia e Departamento de Medicina Preventiva. Já o Centro Clínico contaria basicamente com: Departamento de Obstetrícia, Departamento de Pediatria, Departamento de Cirurgia, Departamento de Traumatologia, Departamento de Neurologia e Doenças Mentais, Departamento de Medicina Interna (com especializações) e Departamento de Serviço de Internado. O curso de Odontologia também deveria se transferir para o Centro Biomédico, com função tanto de atendimento ao público, quanto pesquisa e ensino. Ele esperava que, no futuro, o Sanatório Estadual e o hospital geral particular da cidade se uniriam à Ufes com a intenção de prestação de serviços à região, ensino e pesquisa, atendendo a um número cada vez maior de alunos (ATCON, 1966b, p.33-36).

Rudolph Atcon acreditava que a universidade deveria atender à comunidade e auxiliar a região no seu desenvolvimento. Com essa premissa, criticou a não valorização de um Setor Agropecuário na Ufes, considerando que o estado era extremamente agropecuário. Nesse contexto, o consultor identifica a necessidade de se priorizar a criação e o desenvolvimento dos estudos agropecuários, que deveriam

ser instalados na ilha adjacente ao *campus* existente, local proposto por ele como prioridade de compra. O espaço se destinaria à Agronomia, Zootecnia e Veterinária, de forma integrada, com matérias básicas disponíveis no CEG; quanto às bióticas, seriam feitas no Centro Biomédico (ATCON, 1966b, p.36).

Rudolph Atcon valorizava universidades com cursos relacionados às artes, dizendo que “é uma legítima expressão criativa da humanidade, que qualquer universidade tem o dever de cultivar”, o que rendeu elogios à Ufes, que já contava com uma Escola de Belas Artes. Essa unidade estava então com problemas em suas instalações, o que a colocava em situação de prioridade de transferência para o novo *campus*. Rudolph Atcon sugeriu sua transferência em 1967 para um dos pavilhões a serem construídos já no Setor Artístico, onde posteriormente se ampliaria e constituiria sua departamentalização (ATCON, 1966b, p.36-37).

Como já mencionado, o consultor norte-americano acreditava que uma das reformas a serem feitas na estrutura das universidades brasileiras seria a inserção da disciplina de Educação Física no primeiro ano para todos os alunos, atendendo ao ideal de “mens sana in corpore sano”. À época, a Ufes já dispunha da Educação Física como carreira, com profissionais qualificados, espaço adequado e possibilidade de crescimento dos serviços oferecidos aos demais alunos da instituição. Um passo visto por Rudolph Atcon como inovador para o país. Um dos seis primeiros pavilhões a serem construídos na Universidade seria destinado a essa atividade, evitando-se gastos com o então atual local. O citado pavilhão deveria ser edificado nas dependências do futuro Setor Desportivo, acrescentando a construção de uma piscina olímpica (ATCON, 1966b, p.37).

No campo pedagógico, Rudolph Atcon expôs, na proposta para a Ufes, a importância dos institutos, dos departamentos e a hierarquia dos seus professores, coordenadores e administradores. Esses temas foram explicados em outros trabalhos publicados por ele e tratados nesta pesquisa no capítulo 2.2.2, motivo pelo qual se optou por não se reescreverem as ideias mantidas na publicação da Ufes. Quanto à mudança de pensamento em relação aos Institutos Gerais e aos Centros de Estudos Gerais, a Ufes adotou os Institutos Gerais, primeira ideia do consultor.

No âmbito da zonificação, e seguindo seus ideais propostos em todos os seus estudos, Rudolph Atcon (1966b, p.41-42) sugeriu sete critérios para a Ufes:

1. Considerando em quase todos os casos a disponibilidade territorial, os novos prédios deveriam ser de um só andar, tipo pavilhão, porém, com suas colunas capacitadas de suportar até quatro; 2. Considerando a total indiferença da comunidade pelo ruído em geral, deveria minimizar-se o mesmo arquitetônica, organizatória e administrativamente em todo o “campus”; 3. Considerando a prevalente fase de transição da universidade contemporânea e das ainda não previsíveis necessidades do futuro, deveria incorporar-se o fator **tempo** no planejamento integral do “campus”; 4. Considerando a natureza transitória da estrutura universitária, deveria aceitar-se sem receios, que os pavilhões, na sua fase inicial, sirvam ainda fins carreirocêntricos e só em etapas posteriores à departamentalização se organizariam materiocentricamente; 5. A distribuição de áreas acadêmico-científicas deveria ser habilmente intercalada por centros de congregação, diversão e estar dos corpos discente e docente, incluindo áreas de descanso, de teatro, de esportes, de refeitório e de concentração; 6. O trânsito interno do “campus” deveria organizar-se só para pedestres, deixando a mobilização mecânica na sua circunferência; e 7. As distâncias entre os edifícios principais deveriam ser organizadas de tal forma que nenhum estudante tenha que caminhar mais de dez minutos, no máximo, entre prédios que abriguem matérias contribuintes a qualquer combinação previsível de carreiras.

O terreno da Universidade possuía rochas naturais (Figura 12), que deveriam ser incorporadas ao urbanismo do *campus* devido à sua difícil remoção e também pelo valor estético atribuído pelo consultor. A forma organizacional proposta por ele seria a de um triângulo, com a ponta voltada para o rio e a base na estrada principal. No seu centro, existia um parque natural formado por eucaliptos, o qual sugeria dever ser preservado e ampliado com a função de Parque Central (ATCON, 1966b, p.42).



Figura 12: Imagem atual das pedras no *campus* Goiabeiras - Ufes, citadas por Rudolph Atcon.
Fonte: Núcleo de Pesquisa Ágora - UFJF.

No *Manual Sobre o Planejamento Integral de Campus*, Rudolph Atcon destacou que a zonificação deveria ser iniciada pelo Setor Biomédico e pelo Setor Desportivo, de forma que se localizassem nos extremos opostos. No caso da Ufes, o Setor Biomédico seria implantado em outro local, fora dos domínios do *campus*.

Desta forma, o ponto a ser trabalhado seria a instalação do Setor Desportivo em um local de fácil acesso à comunidade por meio da artéria principal, afastado das demais atividades acadêmicas (ATCON, 1966b, p.42).

Mantendo posições relatadas no *Manual Sobre o Planejamento Integral de Campus*, o espaço destinado ao convívio, alimentação e serviços seria locado perto do Parque Central. O CEG foi locado por Rudolph Atcon atrás do eucaliptal, em uma área plana, em cujo centro seria erguida a Biblioteca Central, circundada pelos “edifícios dos departamentos das matérias básicas, de seus laboratórios e de suas aulas de uso comum, além do Centro de Comunicações e Processamento de Dados para servir à Universidade e à comunidade” (ATCON, 1966b, p.43).

O Setor Artístico ficaria perto do Desportivo e bem próximo ao Tecnológico, unidos através do curso de Arquitetura. O Setor Cibernético deveria ser disposto entre o CEG e o Centro Agropecuário, que, por sua vez, se situaria “de um lado, nas terras contidas entre o Centro Cibernético e o fim da 'ilha', e, pelo outro, entre a estrada e o rio” (ATCON, 1966b, p.43-44). A malha viária permitiria um acesso rápido e fácil a todo o *campus*, que deveria prever em seu plano urbanístico espaços destinados a estacionamento, tanto perto da via principal, como junto às vias de pedestres (ATCON, 1966b, p.44).

A Administração Central da Ufes deveria ser localizada em uma das pontas do triângulo, oposta ao Setor Desportivo, mas de fácil acesso, sem destaque; ao contrário da Biblioteca Central, que merece evidência por ser destinada à pesquisa aos livros (ATCON, 1966b, p.45), o que foi pensado pelo arquiteto Marcelo Vivacqua, que projetou a Administração Central em extremo contrário ao Setor Desportivo e próximo à via periférica, com estacionamento próximo (Figura 13).

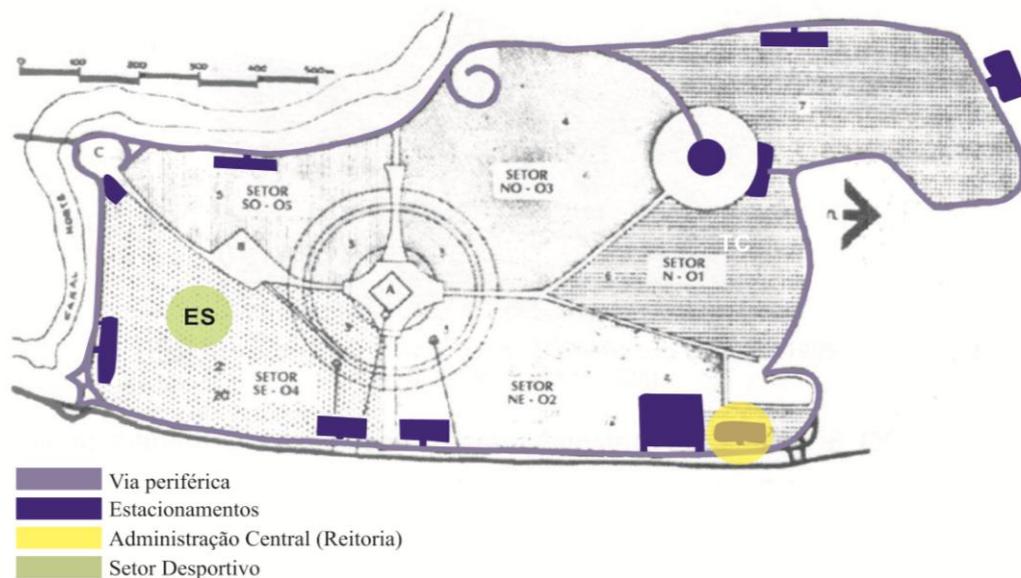


Figura 13: “Plano diretor da Ufes – Campus Almor de Queiroz Araújo” adaptado pela autora.
Fonte: BORG, 1995, p.108.

Quanto ao método construtivo para a Ufes, Rudolph Atcon mantém a simplicidade e a funcionalidade, tipo pavilhão, inclusive para o Centro Biomédico, que, apesar de afastado do *campus*, deveria manter a proposta técnica utilizada em todos os edifícios universitários, permitindo, neste setor, até três andares com acessos feitos através de rampas, e, nos demais setores, dar preferência a edificações de apenas um pavimento (ATCON, 1966b, p.33).

O consultor ainda confeccionou um cronograma de planejamento do *campus* de janeiro de 1966 a março de 1968, apontando as prioridades de execução para o início da vida acadêmica ainda em 1968 (ATCON, 1966b, p.45-47).

O arquiteto contratado para o projeto do *campus* da Ufes foi Christiano Woelffel Fraga, que afirmou se basear nas diretrizes de Rudolph Atcon ao pensar o primeiro edifício do *campus*: gabarito térreo; orientação solar estimando que as salas de aula receberiam sol de novembro a abril até as 8 horas da manhã, reiniciando a partir das 17 horas; boa ventilação, com as salas de aulas voltadas para o norte, onde receberiam o vento nordeste, predominante em Vitória; valorização do silêncio externo, propiciado por uma circulação prevista pelo arquiteto. Segundo Christiano, esse edifício nem chegou a ser construído, porque, quando esteve no canteiro de obras, a convite do reitor, percebeu que o mesmo estava rotacionado em 180°, o que invalidaria todos os estudos feitos. Posteriormente, seu projeto e sua utilização foram modificados, tendo outra destinação (BORG, 1995, p.110-112).

Em um segundo momento, através da assessoria da Comissão de Planejamento, o arquiteto Marcelo Vivacqua¹⁶ concebeu um edifício flexível, que permitiria diversas funções acadêmicas, chamado “célula modular universitária”, Cemuni (Figuras 14, 15 e 16), dando início ao planejamento global do *campus*. Além de flexível, o edifício tinha uma planta versátil com um pátio central (Figura 15), mas não seguia uma importante recomendação de Rudolph Atcon – a preocupação com o silêncio –, devido ao seu pátio interno, o que, posteriormente, chamou a atenção dos críticos. Possuía também um acabamento simples (Figura 16).

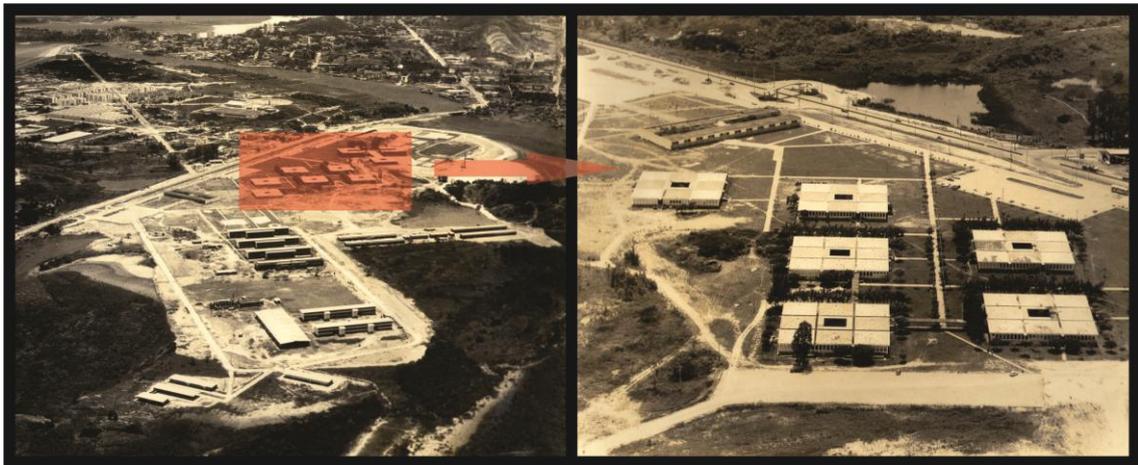


Figura 14: Fotografias destacando os Cemuni.

Adaptação feita pela autora.

Fonte: Arquivo histórico da Ufes.

¹⁶ Em 1958, como um dos membros do Planejamento Físico de Universidade, em Houston, Marcelo Vivacqua palestrou sobre o planejamento de universidades no momento no Brasil. (<http://www.morrodomoreno.com.br/materias/marcello-vivacqua-o-arquiteto-que-projetou-a-Ufes.html-05/11/2014>).

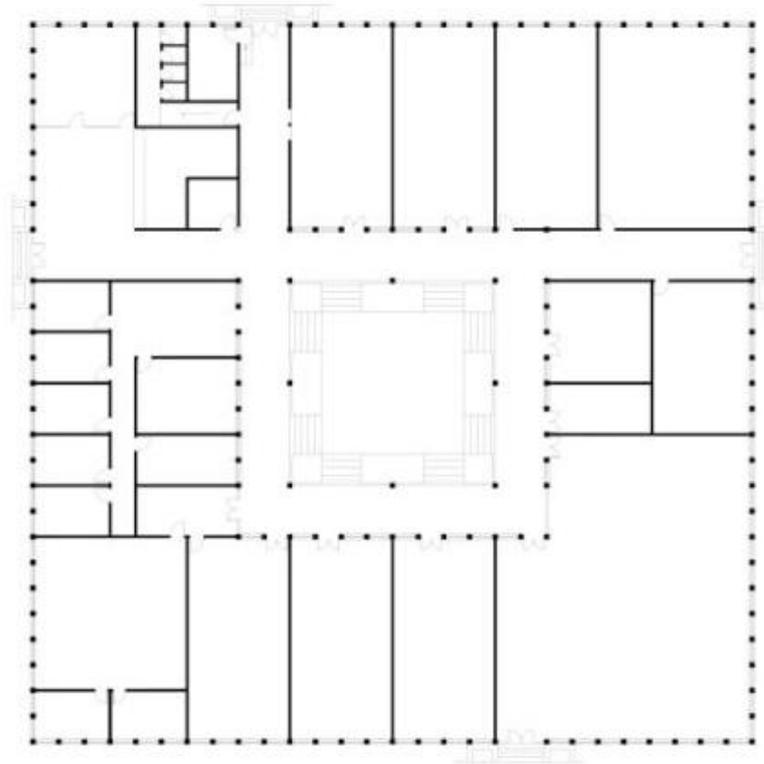


Figura 15: Planta do Cemuni.
Fonte: Arquivo histórico da Ufes.

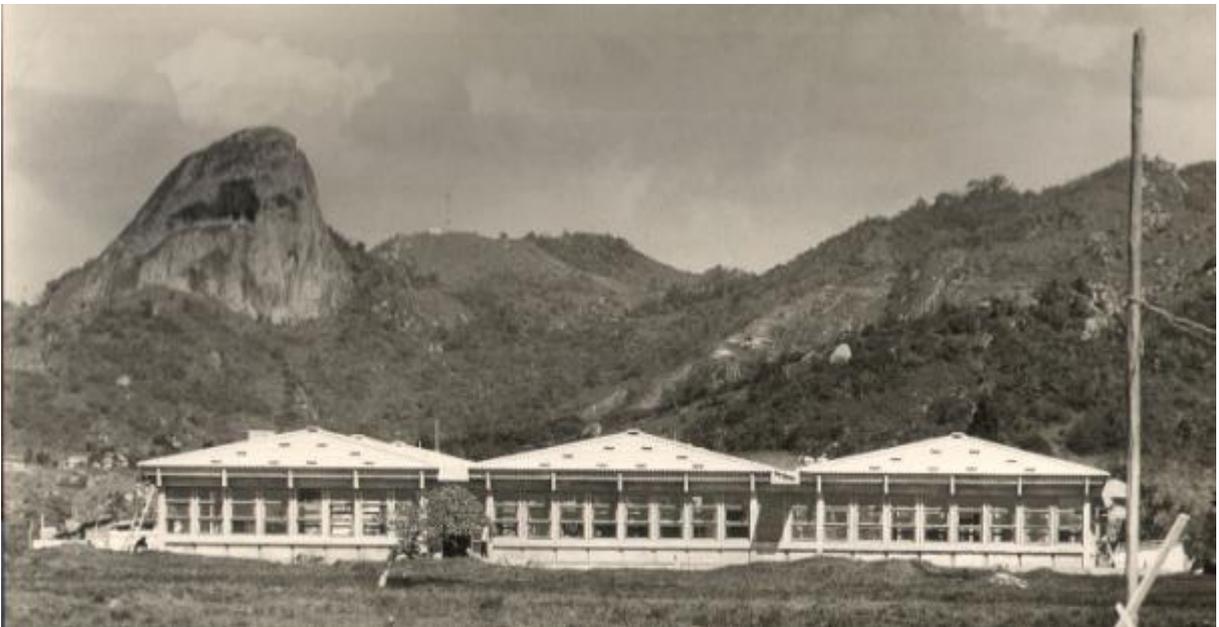


Figura 16: Cemuni em detalhe.
Fonte: Arquivo histórico da Ufes.

A ideia de Marcelo Vivacqua era a de um *campus* que atendesse a 15 mil pessoas, em terreno praticamente plano de mais ou menos 100 hectares,

privilegiando o pedestre com uma avenida periférica e grandes estacionamentos (BORG, 1995, p.112-117). Este quantitativo de alunos previsto pela Ufes era superior ao que Rudolph Atcon previa (de até 5.000 alunos), mas considerava que aumentaria, e que a Universidade deveria ter um planejamento adequado desde o seu início prevendo uma futura expansão. Finalizou dizendo que o “planejamento de até 10.000, até 15.000, até 20.000 etc. são pura fantasia que, na prática, não funciona” (ATCON, 1970, p.24). Segundo Greicikelly Gaburro Paneto (2007, p.10), a distância dos edifícios aos estacionamentos seria de no máximo 280 metros, trajeto que o pedestre faria em menos de três minutos.

No zoneamento, acompanhando a orientação de Rudolph Atcon sobre a localização da Biblioteca Central (Figura 17), o arquiteto a valorizou em detrimento das demais edificações do entorno ocupando “o centro geométrico do Plano-Piloto, construída sobre um espelho d’água que a isola dos passantes, garantindo-lhe tranquilidade e conferindo-lhe serena, sóbria e bem proporcionada preponderância sobre as outras construções” (BORG, 1995, p.113), relacionando com dois pontos que o consultor destacava para as edificações acadêmicas: o silêncio e o gabarito superior às demais edificações. O edifício da Administração “não exige passagem pelo ‘campus’ e tem estacionamento próprio” (BORG, 1995, p. 114).

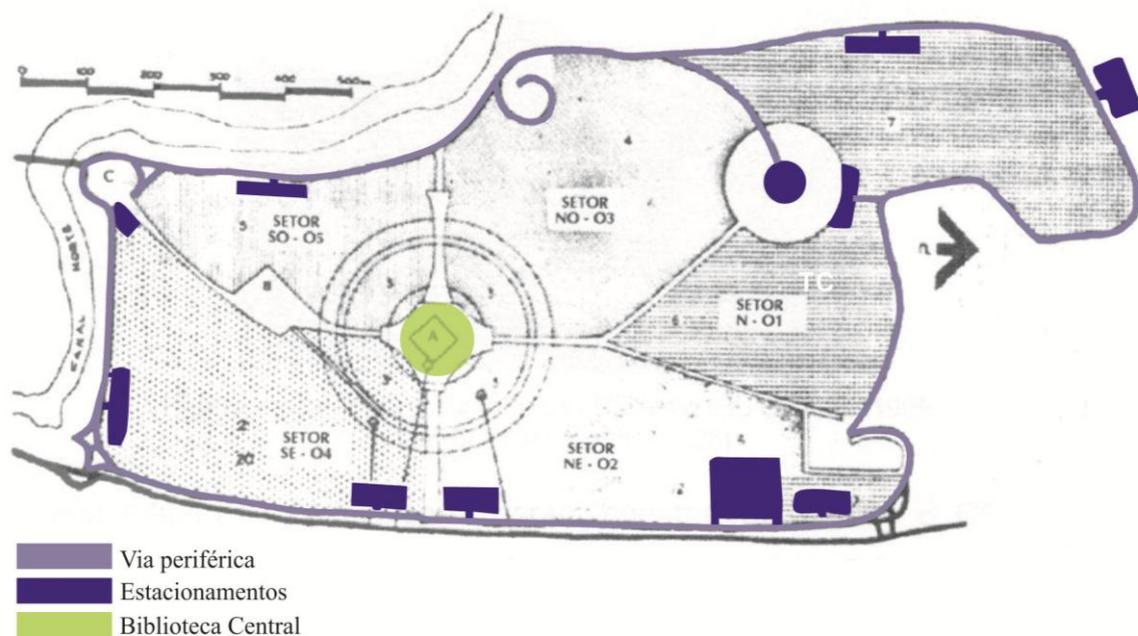


Figura 17: “Plano diretor da Ufes - Campus Alaor de Queiroz Araújo” adaptado pela autora.

Fonte: BORG, 1995, p.108.

Seis Cemuni foram construídos de 1968 a 1970, e mais “três adaptados às necessidades do Centro de Educação Física e Desportos”. Em 1971 foi feito um Estudo Crítico que censurou suas instalações acerca da “insolação, aeração, ventilação e acústica dos pavilhões didáticos”. Essas críticas e a necessidade de mudanças das edificações nortearam alterações no Plano Diretor inicial, que aconteceram entre 1973 e 1975 através do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Superior (Premesu), e também em momentos posteriores, como em 1976, quando o arquiteto e engenheiro Alcyr Meira (projetista da UFPA) foi contratado para um estudo que diagnosticou uma grande necessidade de reformulação dos edifícios existentes (BORGIO, 1995, p.115-117).

3.1.3 Análise comparativa das ideias do consultor sobre as ideias adotadas pela Ufes

A partir dos planos e da bibliografia acessada, percebe-se a estreita relação entre o projeto e as ideias de Rudolph Atcon. No campo pedagógico, em relação à adoção dos Institutos Centrais ou dos Centros de Estudos Gerais, o pesquisador Cunha (2007b, p.199) aponta que a Ufes foi a primeira universidade que criou o Centro de Estudos Gerais, e “adotou a estrutura centros-departamentos”. Mas nem todas as propostas do consultor foram incorporadas à Ufes. O próprio CEG “teve os seus próprios cursos de graduação voltados para o mercado de trabalho: Matemática (bacharelado e licenciatura), Letras (licenciatura, com duas opções), História (licenciatura), Geografia (licenciatura)”.

No campo físico, seguem as análises abaixo:

1. Localização dos *campi* na cidade:

Como citado anteriormente, o *campus* de Maruípe foi formado por escolas isoladas. Posteriormente, a Universidade foi adquirindo novas instalações no bairro, possivelmente, por esse motivo, sua localização é próxima ao centro da cidade, demarcada por 4 quilômetros (Figura 18).

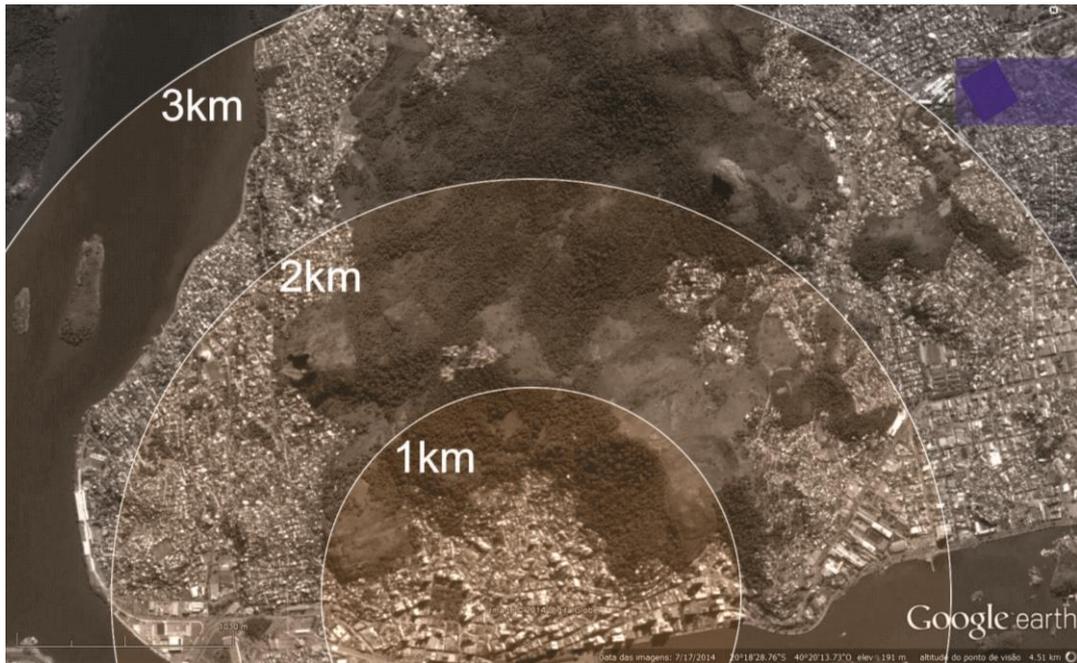


Figura 18: Mapa demonstrando a distância do *campus* Maruípe - Ufes ao centro da cidade de Vitória.

Fonte: Núcleo de Pesquisa Ágora - UFJF.

O terreno do Victoria Golf & Country Club escolhido para receber o *campus* das Goiabeiras é afastado do *campus* Maruípe por apenas 2 quilômetros. Ainda no meio urbano, este se distancia do centro da cidade de Vitória em 5 quilômetros (Figura 19).

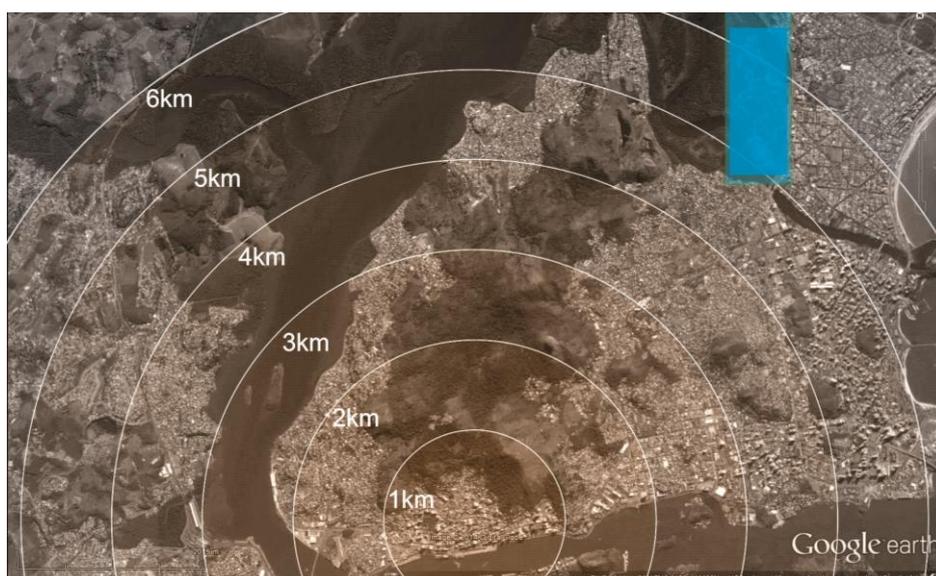


Figura 19: Mapa demonstrando a distância do *campus* das Goiabeiras - Ufes ao centro da cidade de Vitória.

Fonte: Núcleo de Pesquisa Ágora - UFJF.

2. Dimensão do *campus*:

A soma das áreas dos terrenos do Victoria Golf & Country Club (239.260m²) e do terreno da ilha do Cercado (375.174,87m², sugestão de Rudolph Atcon) totalizava 614.434,87m², sendo que o *campus* não receberia o Setor Biomédico, que permaneceria no *campus* do Maruípe em razão do alto custo de transferência das instalações do hospital já existente.

No entanto, para o projeto do *campus* das Goiabeiras, o arquiteto Marcelo Vivacqua previa um *campus* para uma população de 15 mil pessoas em um terreno em torno de 100 hectares, tamanho inferior aos 500 hectares que Rudolph Atcon acreditava ser o adequado para um *campus* com possibilidade de crescimento, ainda mais ao se considerar a previsão de uma comunidade de 15 mil pessoas.

3. Limite dos *campi*:

Apesar da distância ao centro da cidade de Vitória (Figura 20), dois terços do limite do terreno do *campus* das Goiabeiras é feito por uma mata próxima a um dos braços do Rio Santa Maria, o que significa que o contato do *campus* com o meio urbano é feito através de apenas um terço do seu limite. Essa divisa do *campus* com a cidade é feita por uma via de circulação, e não por um cinturão verde, como o indicado pelo consultor.



Figura 20: Mapa demonstrando os limites do *campus* das Goiabeiras - Ufes.
Fonte: Autora.

4. Hierarquia do sistema viário:

Conforme demonstrado na Figura 21, Marcelo Vivacqua privilegiou o pedestre, criando uma avenida periférica exatamente como o indicado por Rudolph Atcon. Essas avenidas circundavam o *campus* com bolsões de estacionamento próximos às vias de pedestres.

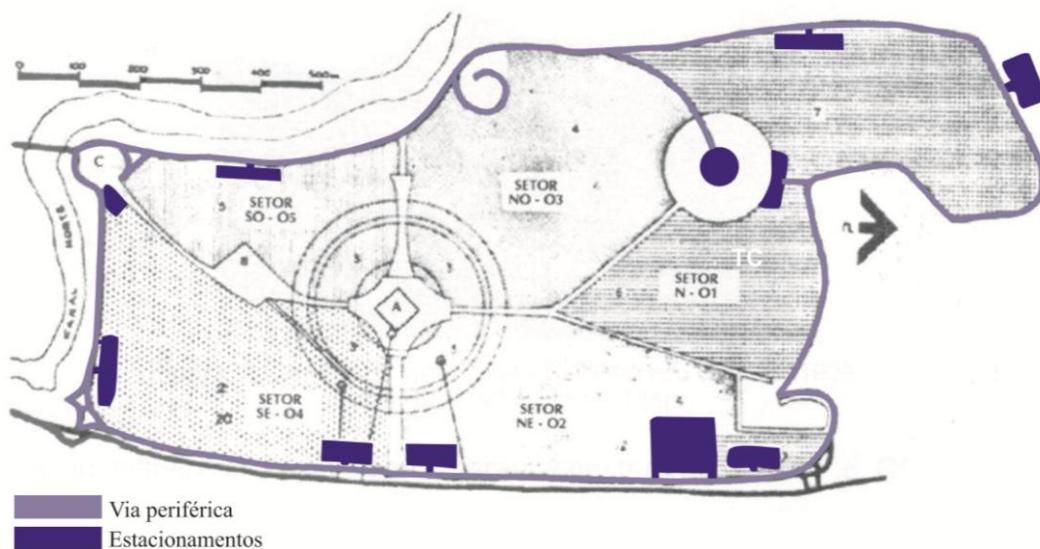


Figura 21: “Plano diretor da Ufes - Campus Alvor de Queiroz Araújo”.
Adaptação feita pela autora demarcando a avenida periférica
Fonte: BORG, 1995, p.108

5. Relação física entre os Setores:

Segundo a planta do zoneamento (Figura 22), o projeto de Vivacqua e as diretrizes de Rudolph Atcon para a Ufes se assemelham em diversos pontos. O projeto não previa um CEG central, e sim dois, o que não correspondia à configuração formal da proposta de Rudolph Atcon. Todavia, suas relações foram mantidas, concluindo-se que essa divisão não prejudicou as ideias do consultor para a Instituição. Um dos CEG's foi destinado às exatas e biológicas, que atenderia o Setor Artístico, Tecnológico e Desportivo. O outro, destinava às humanidades, que atenderia o Agropecuário e Cibernético.

Segundo o pesquisador Luiz Antônio Cunha (2007b, p.199), o Setor ou Centro Cibernético foi introduzido com outra nomenclatura – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas –, concluindo-se, na atual pesquisa, que foi implantado fisicamente, segundo diretrizes de Rudolph Atcon, entre o Setor Agropecuário e o CEG. As relações entre os Setores Artístico e Tecnológico também foram mantidas, assim como a implantação da Reitoria afastada do Setor Desportivo, a Casa Universitária perto do Parque Central e a destacada Biblioteca Central coroando a zonificação.

6. Localização da Biblioteca Central e gabarito:

A localização sugerida, de destaque, da Biblioteca Central foi seguida no plano de Marcelo Vivacqua, bem como seu gabarito, superior às demais edificações. O arquiteto ainda se preocupou com os ruídos e locou um espelho d'água afastando os pedestres da edificação, relacionando outro ponto que o consultor destacava para as edificações acadêmicas: o silêncio.

7. Método construtivo adotado:

O método construtivo adotado por Marcelo Vivacqua para os Cemuni se adequava às orientações de Rudolph Atcon, formando edifícios de apenas um pavimento, flexíveis e com acabamentos simples. Alguns aspectos propostos pelo consultor não foram previstos pelo arquiteto ao projetar as “células”, como a acústica e o conforto térmico, o que em 1971 ocasionou críticas a essas edificações.

Com esta análise, é possível compreender que o projeto feito por Vivacqua incorporou muitas das propostas de Rudolph Atcon para a Ufes.

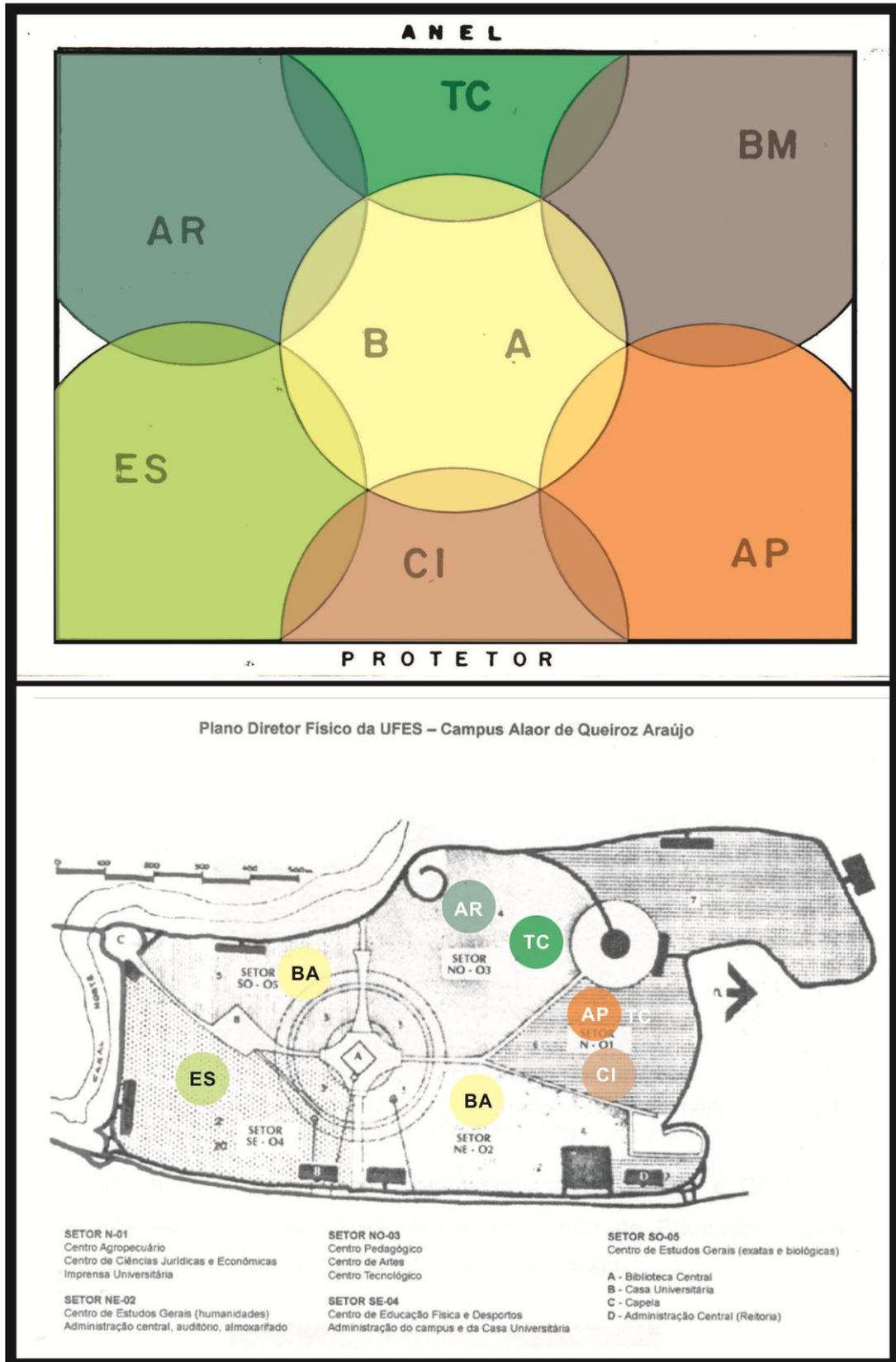


Figura 22: Comparação das propostas de zoneamento de Rudolph Atcon para o *Manual Sobre o Planejamento Integral de Campus* e o Plano Diretor idealizado pelo arquiteto Vivacqua
Fonte: Núcleo de Pesquisa Ágora - UFJF

3.2 ANÁLISE DE RUDOLPH ATCON: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)

A história física do *campus* da Universidade Federal do Pará teve três momentos. O primeiro foi o período de desenvolvimento do Plano Diretor, em 1970, no qual os idealizadores do projeto do *campus* se basearam na Carta de Atenas para conceber as ideias fundamentais; o segundo momento foi demarcado pela criação do Programa de Planejamento Universitário, denominado Sistema de Facilidades, em 1974, em que foi possível fazer um levantamento dos espaços físicos da instituição e de sua utilização, o que norteou a aprovação dos recursos do programa MEC-BID em 1975 e 1976; no terceiro período, ocorrido na gestão de 1985 a 1989, se deu continuidade ao levantamento físico com ênfase nos espaços internos e sua população (UFPA, 2002, p.38-40). Este estudo terá como foco o primeiro momento, em que foi desenvolvido o Plano Diretor para o *campus*, procurando entender suas influências e direção.

3.2.1 Criação da UFPA

A UFPA foi criada no governo de Juscelino Kubitschek, por meio da Lei nº 3191, de 02 de julho de 1957. Inicialmente não possuía um *campus*, como a grande maioria das universidades daquela época; tratava-se da reunião de faculdades e escolas isoladas, instaladas em vários pontos da cidade de Belém. Contava com sete unidades: Faculdade de Direito (1902), Faculdade de Odontologia (1914), Faculdade de Medicina (1919), Escola de Engenharia (1931), Faculdade de Farmácia (1941), Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais (1947) e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1948) (UFPA, 2002, p.18-19).

Em 1958 foi criada a Divisão de Obras da Universidade (D.O.), ainda com a ideia de readequar os edifícios existentes para as novas exigências do ensino superior, sob a direção do engenheiro Alcyr Boris de Souza Meira. Em 1960, ao assumir o cargo de reitor (1960-1969), o Prof. José Rodrigues da Silveira Netto aventou a intenção de criar um *campus* universitário para a instituição, apoiado por Alcyr Meira. Através da Divisão de Obras, juntamente com uma equipe de arquitetos

liderada pelo também arquiteto Jorge Moreira – após buscarem em outros países referências para consolidar seus anseios –, Alcyr criou uma proposta que foi “pautada em conceitos inéditos que se configuraram num padrão de arquitetura regional” (UFPA, 2002, p.25). Com a reformulação do vestibular e o alto número de excedentes, fazia-se necessário o aumento de vagas em todo o Brasil, inclusive na UFPA, e, por meio do acordo MEC-BID, foram enviados consultores de universidades internacionais para auxiliar na criação de *campi* universitários no país, o que possibilitou a idealização de Silveira Netto e Alcyr Meira. Este último passou a palestrar sobre o tema em diversas cidades do Brasil e do exterior (UFPA, 2002, p.24-25 e 47), rendendo projetos para outros *campi* no país¹⁷.

Dando continuidade à Divisão de Obras e ao posterior Departamento de Planejamento de Obras, Silveira Netto criou a Comissão de Planejamento do Conjunto Universitário (Coplancu) com o intuito da idealização do *campus*, mantendo à frente Alcyr Meira, que à época cursava a recém-criada Faculdade de Arquitetura, juntamente com outros engenheiros da Comissão. Diferentemente de suas antecessoras, a Coplancu era formada por arquitetos, engenheiros e técnicos particulares sem vínculo empregatício com a Instituição, o que possibilitou a contratação de profissionais de renome. Considerando que o tema *campus* universitário no Brasil era novo, muitos seminários aconteciam como forma de troca de informações entre os idealizadores de várias partes do país – o que muito influenciou as ideias da Comissão –, além de estudos de casos feitos por meio de visitas a Fortaleza, Paraíba e Brasília (UFPA, 2002, p.52-53).

A aquisição do espaço se iniciou com a publicação de um edital em jornais explicitando a procura por um terreno com determinadas proporções, ação que não surtiu resultado, já que nenhum dos que apareceram supria as necessidades da Universidade. A partir daí, pensou-se nos terrenos do Instituto Agrônomo do Norte, afastados seis quilômetros do centro da cidade de Belém do Pará (Figura 23), cuja aquisição foi efetivamente concluída por meio de um acordo entre o MEC e o Ministério da Agricultura. Posteriormente, terrenos do entorno foram agregados por meio de desapropriação e compra.

¹⁷ O plano diretor da Universidade Federal do Pará foi o primeiro plano diretor de universidades idealizado por Alcyr Meira. Posteriormente, o engenheiro e arquiteto projetou a “Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1972/1974), Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - Mossoró (1972), Fundação Cultural e Educacional do Território Federal do Amapá (1976), Fundação Centro Universitário do Território Federal de Rondônia (1976) e o da Universidade Nacional de Asunción no Paraguai (1977/1979)” (CAMPÉLO, 2012, p.215).

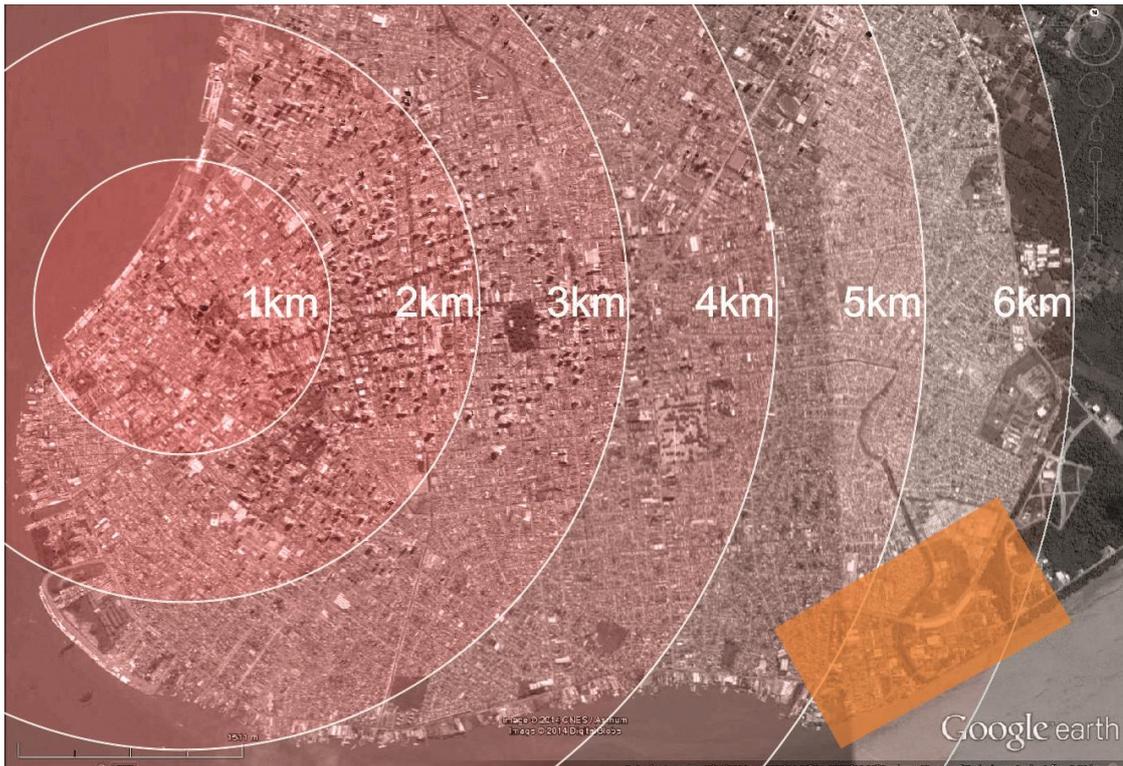


Figura 23: Mapa demonstrando a distância do *campus* da UFPA e o centro da cidade de Belém do Pará.
Fonte: Núcleo de Pesquisa Ágora - UFJF.

Desta forma, o *Campus Pioneiro do Guamá* ou *Núcleo Pioneiro do Guamá* foi locado na divisa com o Rio Guamá (Figura 24), em um terreno alagadiço cortado por igarapés que chegavam a inundar a cidade de Belém. Por este motivo muitos aterros foram feitos, o que prejudicou a vegetação local e elevou a temperatura ambiente, demandando, posteriormente (1969), uma política de reflorestamento que culminou em um Jardim Botânico (UFPA, 2002, p.18-42), cuja implantação, segundo Alcyr Meira (2014), minimizou significativamente a temperatura do *campus*. Grande parte da divisa do terreno do *campus* se faz com o rio e com uma área de preservação natural, restando apenas um terço com divisa para a área urbana de Belém (Figura 24). Alcyr Meira complementou, em entrevista à pesquisadora, que a divisa com a cidade acabou sendo influenciada por significativas invasões de famílias de pouca renda, ocasionadas, a seu ver, pela falta de preocupação dos reitores da época (MEIRA, 2014)¹⁸.

¹⁸ MEIRA, Alcyr. Entrevista concedida à autora via Skype em 4 nov. 2014. Gravada.

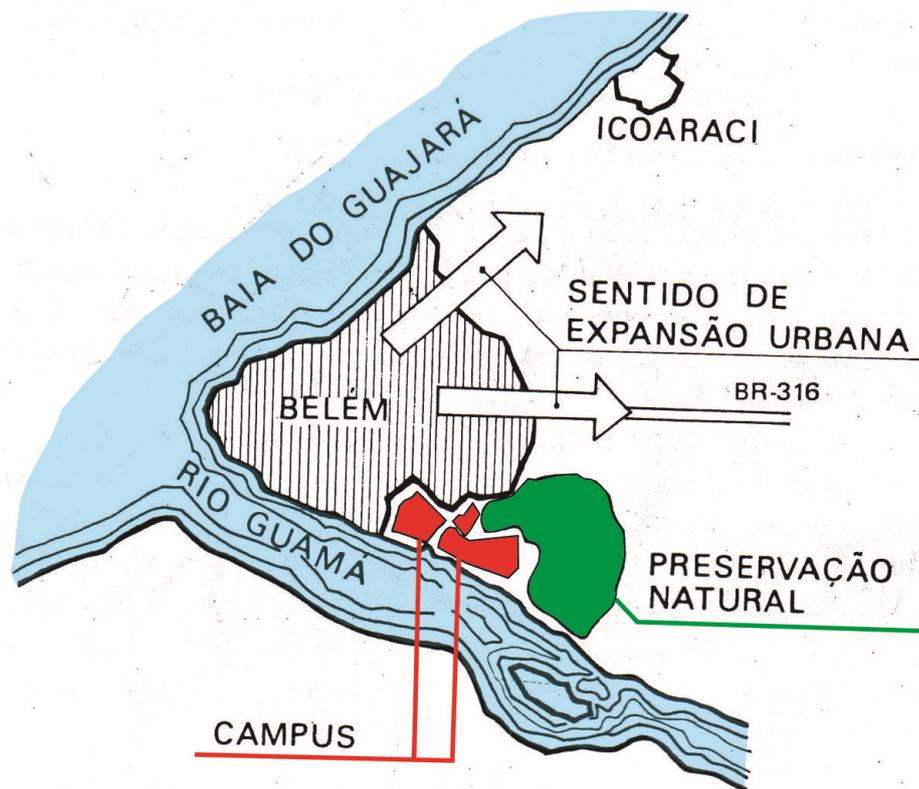


Figura 24: Entorno do *campus* da UFPA. Adaptação feita pela autora
Fonte: UFPA, 1979, p.33

Para a execução do projeto idealizado, portanto, foi necessário aterrar o espaço que receberia o Setor Básico (atualmente Setor I), que continha uma das primeiras instalações do *campus* – os Pavilhões de Aulas Teóricas –, juntamente com as instalações do Pórtico de Entrada e do Reservatório Elevado (UFPA, 2002, p.18 e 25). Inicialmente, foram criados dez Pavilhões, cada um abrigando de quatro a seis salas de aula. Até 1979, esse número aumentou para 17 unidades (UFPA, 1979, p.63). Foi somente após a Reforma Universitária que o Setor Básico se expandiu significativamente, já com modificações do projeto original para atender às mudanças pedagógicas e administrativas da Reforma (UFPA, 2002, p.18-19).

3.2.2 Propostas de reestruturação

Rudolph Atcon esteve em Belém para inspecionar a UFPA por duas vezes, sendo a primeira em 1954 e a segunda em 1965. Desde sua primeira visita, a Universidade já demonstrava uma estrutura acadêmica desenvolvida em relação às demais existentes — apesar da configuração de faculdades profissionais —, e tinha,

na pessoa do diretor da Faculdade de Medicina, Prof. José Rodrigues da Silveira Netto, um grande idealizador de mudanças na qualidade do ensino. Em 1965, Rudolph Atcon destacou que a Reitoria estava a cargo do antigo diretor da Faculdade de Medicina e constatou que a Universidade se encontrava em constante crescimento e melhora. No campo administrativo, observou melhora em relação aos onze anos anteriores, quando da sua primeira visita. No âmbito educacional, o regime catedrático estava perdendo forças; apartou que “mais de 2/5 partes do atual corpo docente se encontra incorporado ao novo conceito, enquanto os restantes parecem demonstrar cada vez menos interesse em defender as prerrogativas da cátedra tradicional”; Atcon teceu elogios à qualificação de grande parte do corpo docente por meio de intercâmbios estaduais e nacionais, e aproveitou para reforçar a importância do Centro de Estudos Gerais em detrimento dos Institutos Centrais. No campo físico, a UFPA já possuía um terreno que superava os 500 hectares, sugeridos no *Manual Sobre o Planejamento Integral de Campus* (ATCON, 1970, p.24) como um valor significativo para a construção de um bom *campus*, à época, ainda sem nivelamento e arruamento com ligação à cidade de Belém. E finalizou o texto com estímulo à Universidade, alegando que ela merecia “mais amplos recursos e uma maior liberdade de ação, para que esta universidade possa seguir seu caminho acertado de renovação e crescimento” (ATCON, 1966c, p.23-26).

A implantação do *campus* foi feita em três áreas: Centros Básicos, Centros Profissionais e Área de Esportes, demarcadas por igarapés que deságuam no Rio Guamá (Figura 25). As duas primeiras são “subdivididas por sua vez em quatro setores: Setor de Aulas Práticas, Setor de Aulas Teóricas, Setor Didático-Administrativo, Setor de Recreação”. À direita do terreno foi destinado um espaço para previsão de crescimento futuro (UFPA, 1979, p.35). Alcyr Meira complementa que a primeira área a ser executada foi a Área de Centros Básicos, e, por este motivo, alocou a Biblioteca Central (projeto do arquiteto) em local de destaque dentro do Setor, com a preocupação de atender às necessidades da edificação, e não com seu gabarito. Quanto ao tema da zonificação, o Igarapé do Tucunduba separava as duas áreas – o Básico e o Profissional –, o que, segundo o arquiteto, não impossibilitou a integração necessária dos Setores, feita por diversas pontes no decorrer do citado igarapé (MEIRA, 2014). (Figura 26).

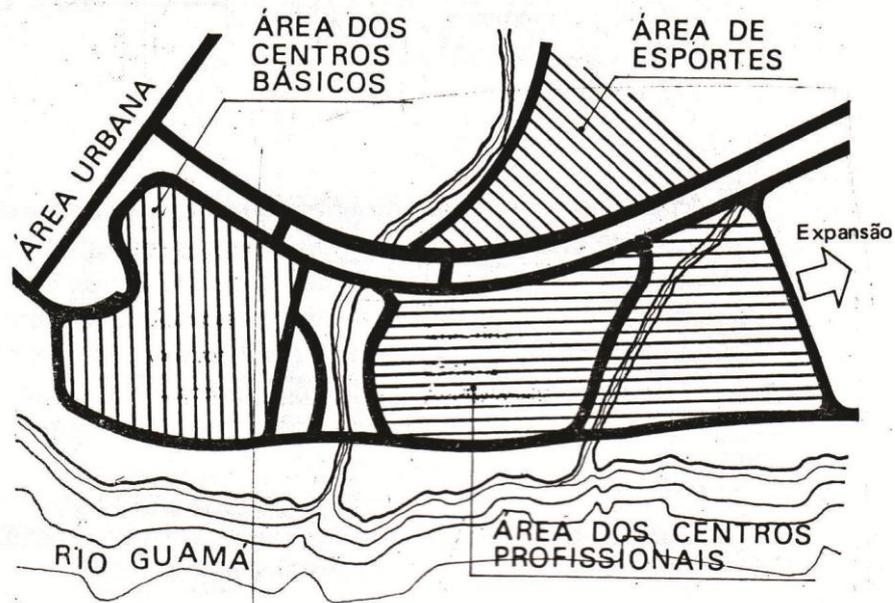


Figura 25: Zonificação da UFPA
Fonte: UFPA, 1979, p.35



Figura 26: Ponte¹⁹ de pedestres sobre o Igarapé do Tucunduba ligando a Área dos Centros Básicos à Área dos Centros Profissionais.
Fonte: Site UFPA, out. 2014.

¹⁹ Segundo o site da Universidade Federal do Pará, em 1970 foi construída uma determinada ponte sem levar em conta a navegação. Em 2008 foi construída a nova ponte com uma abertura maior que a anterior, com o objetivo de despertar a importância nos alunos para essa necessidade (UFPA).

A distribuição das edificações dentro do terreno disponível para a Universidade foi feita de forma intercalada com a criação de espaços verdes (Figura 27). Foi adotado o eixo de implantação Norte-Sul, priorizando a ventilação natural através de grandes aberturas, deixando as fachadas cegas voltadas para o nascente e para o poente do sol. Ainda se pensou em grandes beirais, considerando-se as vastas chuvas (UFPA, 1979, p.36-63), e circulações cobertas por todo *campus*, pelo mesmo motivo (MEIRA, 2014).

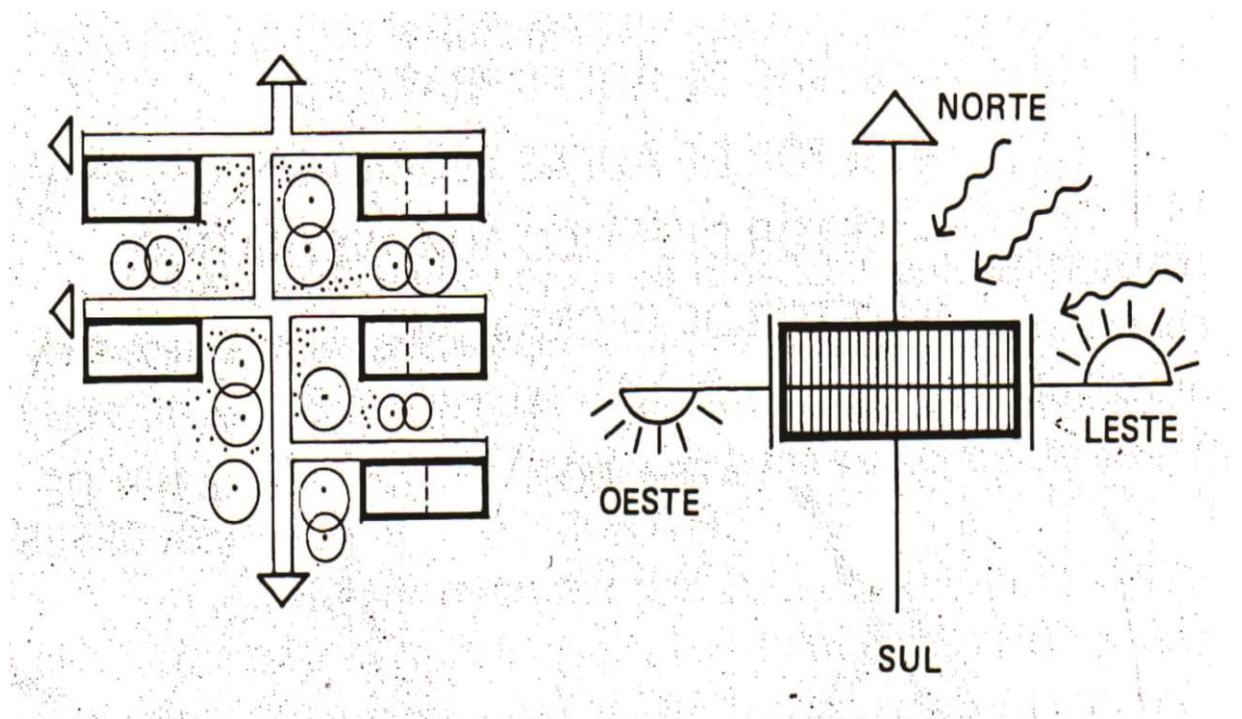


Figura 27: Implantação das edificações da UFPA.
Fonte: UFPA, 1979, p.36

Inserido no contexto da ditadura militar, o *campus* da UFPA precisava se adequar aos modelos defendidos pela Reforma Universitária de integração. Desta forma,

adotou-se um partido geral para o Campus que foi definido pela adoção de um anel viário e um sistema de vias de penetração internas do tipo “cou de sac” [sic] e bolsas de estacionamentos, obedecendo a outro princípio que tinha como ponto principal privilegiar o pedestre (UFPA, 2002, p. 41).

Quanto ao método construtivo, foram adotados pavilhões articulados com paredes divisórias removíveis e acabamentos simples, utilizando-se concreto e tijolos aparentes e esquadrias em madeira. Segundo o texto da UFPA (2002),

mantiveram-se as ideias do governo federal de espaços com acabamentos simples para diminuir o custo da obra, diretriz traçada por Atcon em seu *Manual Sobre o Planejamento Integral de Campus*. Alcyr Meira complementa que, para surpresa da Comissão, a escolha desses materiais exerceu influência nas construções subsequentes da própria cidade de Belém, que voltaram a demandar materiais anteriormente empregados, mas com a utilização de nova tecnologia (MEIRA, 2014). Na visão do texto da UFPA (2002), essa solução causa resultados negativos para a comunidade acadêmica, assim como a sua não interferência quanto às possibilidades do projeto, restrito a uma equipe de professores da Arquitetura e da Engenharia da própria Universidade (UFPA, 2002, p.39-67).

Para Alcyr Meira, a constituição do curso de Arquitetura da UFPA – e, possivelmente, os conhecimentos de seus docentes durante a criação do *campus* –, foi fundamental na escolha de materiais e recursos que minimizassem os efeitos do clima da cidade de Belém no próprio *campus*, o que acabou se tornando, posteriormente, um modelo arquitetônico regional (UFPA, 2002, p.54). Esses aspectos englobavam:

Amplios beirais e passarelas cobertas, como proteção à insolação e às chuvas abundantes; Laje de piso elevada do terreno, para combater a umidade excessiva (90=100% na região); Esquadrias amplas com emprego de materiais regionais e envernizadas; Sistema de ventilação cruzada, com a disposição das aberturas no sentido Norte-Sul; Sistema de colchão de ar, proporcionando a aeração do espaço entre o forro das salas e o telhado, impedindo a formação do ar quente, estagnado, melhorando sensivelmente as condições ambientais dos pavilhões (UFPA, 1979, p.63).

3.2.3 Análise comparativa das ideias do consultor sobre as ideias adotadas pela UFPA

Em que pese o *campus* da UFPA não ter sido trabalhado diretamente por Atcon, como no caso da Ufes, percebe-se que suas ideias circularam. A partir de suas visitas ao *campus* em momentos distintos (1954 e 1965), Rudolph Atcon teve a oportunidade de apresentar seus conhecimentos após analisar o crescimento da Universidade, que, a seu ver, rendia bons frutos. No campo pedagógico, em 1965, ainda sem a mudança para o *campus*, já existia uma modificação positiva e progressiva na questão das cátedras.

No campo físico, foram analisados os pontos determinados na metodologia:

1. Localização do *campus* na cidade:

Para a instalação do *campus* da UFPA foram adquiridos os terrenos do Instituto Agrônômico do Norte, situados a seis quilômetros do centro da cidade de Belém do Pará (Figura 23). Sua construção nesse bairro anteriormente afastado do meio urbano trouxe desenvolvimento para a região.

2. Dimensão do *campus*:

Apesar de não ter dados específicos sobre as reais dimensões do terreno da UFPA, Rudolph Atcon, na análise às 12 universidades brasileiras, afirma que o terreno superava os 500 hectares previstos por ele como um valor satisfatório.

3. Limites do *campus*:

No campo físico, apesar da aquisição do terreno ter ligação exclusiva com sua dimensão, a escolha pela área do Instituto Agrônômico do Norte possibilitou uma boa separação entre o *campus* e a cidade de Belém por meio do rio Guamá e da área de preservação natural, valores em torno de 70% de divisa, incluindo-se a área destinada à expansão futura. Os 30% restantes fazem divisa com edificações simples ocasionadas por invasões, com limites feitos através de muros, o que impossibilitou a divisão por cinturões verdes.

4. Hierarquia do sistema viário:

O sistema viário adotado tinha a intenção de privilegiar o pedestre por meio de um anel viário periférico com vias de penetração finalizadas por estacionamentos, ponto correspondente às diretrizes de Rudolph Atcon.

5. Relação física entre os Setores:

Apesar de o terreno da UFPA, com dois igarapés, dificultar a implantação da instituição no *campus*, separando os setores básicos dos profissionais pelo Igarapé do Tucunduba, o acesso é feito de forma rápida e fácil por meio das pontes criadas, mantendo uma boa relação entre os setores (MEIRA, 2014).

6. Localização da Biblioteca Central e gabarito:

A Biblioteca Central foi implantada no Setor Básico, já que este foi o primeiro a ser iniciado. Obteve um local de destaque e uma preocupação com a questão do silêncio, conforme pensamentos de Rudolph Atcon. Entretanto, um ponto difere das ideias do consultor. Segundo o arquiteto, a preocupação do projeto foi voltada para a melhor adequação do espaço às suas necessidades, e não para o gabarito da construção.

7. Método construtivo adotado:

A UFPA optou pelo método construtivo adotado por grande parte dos *campi* brasileiros, com pavilhões flexíveis e de simples acabamento, em conformidade com as ideias propostas por Atcon, de que o foco é o estudo, não a ostentação.

3.3 REFLEXOS DAS ATUAÇÕES DO CONSULTOR: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp)

3.3.1 Criação da Unicamp

Em um contexto de mudanças do ensino superior na década de 1960, no estado de São Paulo, o governador Adhemar de Barros, por meio de nota do Diário Oficial de junho de 1950, afirma que,

Para resolver o problema do excesso de alunos aprovados em exames vestibulares, mas não aproveitados nas instituições existentes, o governo sugere três soluções: 1) aguardar a iniciativa privada construir novas Instituições de Ensino Superior; 2) Integrar outros institutos e faculdades à USP; 3) Criar Institutos isolados no interior que possam ser, futuramente, centros de outras universidades. Outro benefício desta medida é que ela abriria perspectivas de desenvolvimento e vida cultural no interior (MENEHEL, 1994, p.145 apud DIÁRIO OFICIAL²⁰, 1950, p.20),

concluindo que uma das soluções para resolver o problema da falta de vagas seria a criação de novas unidades, privadas ou públicas, que absorvessem o aumento do

²⁰ Mensagem nº 156 do Governador do Estado, publicada no Diário Oficial de 15.06.1950, p.20

número de alunos e ainda sugerindo a interiorização²¹ das instituições de ensino superior.

A pesquisadora Stella Meneghel (1994, p.145) completa que a educação transformou-se, nesse período, em valor político entre prefeitos e deputados, com a necessidade de atender ao grande número de alunos do interior que buscavam educação superior na capital.

A Unicamp foi criada nesse contexto de interiorização e, também, de reflexão da comunidade acadêmica quanto à qualidade do ensino superior no Brasil. Em 1965, foi criada uma comissão para estimular discussões entre os profissionais capacitados para a viabilização da Instituição, denominada Comissão de Planejamento da Universidade de Campinas (Coplan). A proposta da Comissão, aprovada em 19 de dezembro de 1966, teve como base o “modelo tripartido (faculdades, institutos e órgãos complementares) do sistema de créditos, do ciclo básico, da estrutura departamental, da interdisciplinaridade, da dedicação às atividades de ensino, pesquisa e extensão, etc” (MENEGHEL, 1994, p.146), modelo experimentado inicialmente pela UnB. Meneghel destaca que o modelo aprovado se enquadrava nos moldes dos acordos MEC-USAID em aspectos tais como: regime Estado-Universidade-Empresa; desenvolvimento de pós-graduação; programas de bolsas; forma diferenciada de se administrar a universidade como se fosse empresa privada. Na visão de Zeferino, uma universidade se tratava de uma “empresa de produção de cultura”, que deveria render lucros para a economia que se expandia industrialmente, como forma de trabalho especializado para o país (MENEGHEL, 1994, p.146 e 148).

A Unicamp nasceu, assim, da reflexão de um grupo de educadores a respeito do estágio de desenvolvimento alcançado pelas instituições brasileiras implantadas anteriormente, que buscavam equiparação com o ensino dos países desenvolvidos (MENEGHEL, 1994, p.150 e 158). Segundo Fausto Castilho (2008, p.17), um dos protagonistas do início da trajetória da Universidade, a criação da Unicamp foi uma

²¹ Alguns exemplos de universidades criadas na década de 1960, no interior do estado de São Paulo: Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB), atualmente Universidade Estadual Paulista (Unesp), implantada em 1963; Faculdade de Medicina de Marília (Famema), criada pela Lei Estadual nº 9236, de 19 de janeiro de 1966, pelo então governador Adhemar de Barros; Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), fundada em 1968; Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Famerp), fundada em 1968.

oportunidade de auxiliar na solução do problema da época em relação ao ensino superior:

Em primeiro lugar, tratou-se de uma universidade construída quase completamente na ausência de estruturas anteriores; em segundo lugar, seus organizadores puderam aprender com as experiências anteriores [...], o caso da USP; em terceiro lugar, havia grande discussão sobre o conceito moderno (Humboldtiano) de universidade na formulação de seu projeto.

Imbuído dos pensamentos da época, segundo o pesquisador Eustáquio Gomes (2007, p.48), Zeferino Vaz vincula sua proposta pedagógica à intenção de um *campus* integrado, “um organismo, e não uma colônia de organismos”, priorizando a interação entre alunos, professores e pesquisadores de diversos cursos, o que estimularia a criatividade.

Para Fausto Castilho, a Comissão se baseava, no âmbito nacional, no primeiro projeto para a USP e no projeto da UnB. No âmbito internacional, dispunha de sete projetos de universidades federais da Alemanha²², iniciados em 1965, como exemplos. Essas universidades desenvolveram propostas físicas e estruturais simultaneamente. No caso da USP, os relatos de Fausto Castilho demonstram que os envolvidos na criação da Unicamp perceberam dois aspectos problemáticos: 1) a disparidade entre as ideias iniciais dos fundadores e a realidade implantada como forma de se precaver de um infortúnio similar; 2) a falta de sincronismo entre a criação da estrutura universitária e a estrutura da cidade universitária, que ocasionou o “irrecuperável defasamento que se interpõe entre o momento da concepção e o momento de sua implementação” (CASTILHO, 2008, p.97-98). Já no caso da UnB, segundo Gomes (2007, p.48), Zeferino Vaz aproveitou-se dos preceitos científicos, didáticos e administrativos da Universidade como uma importante fonte para a construção da Unicamp. No entanto, Castilho criticava o mau aproveitamento da área do *campus* ao optar por uma solução arquitetônica, alocando o Instituto Central de Ciências em um único grande edifício — que não poderia atender às necessidades de expansão dos institutos —, em detrimento de uma solução urbanística que diluiria os departamentos em um maior número de edifícios, permanecendo como institutos centrais (CASTILHO, 2008, p.48; GOMES, 2007, p.103).

²² Como um dos membros da Comissão, Fausto Castilho aproveitou sua estada na França, durante trabalhos na Universidade de Besançon, para conhecer a reforma pela qual as universidades alemãs estavam passando, visitando a primeira de um programa de sete instituições de ensino superior (CASTILHO, 2008, p.46 e 115-118).

Segundo a pesquisadora Luz Helena Sanchez (1996, p.67), posteriormente, a Unicamp foi obrigada a seguir a Reforma Universitária Brasileira de 1968, substituindo os Institutos Centrais pelo Ciclo Básico ou Centro de Estudos Gerais (CEG).

Assim como aconteceu à UnB, em 1969 a Unicamp também tinha conceitos iniciais que não foram implantados. Um deles seria “a praça central não ter sido preparada para acolher os Estudos Gerais” (CEG), onde os calouros passariam como forma de estágio antes da graduação, possibilitando uma reflexão melhor sobre que curso seguir. A não implantação dos CEG acarretou aos alunos o ingresso a uma faculdade profissional isolada, contrariamente ao previsto acesso imediato à Universidade (CASTILHO, 2008, p. 137 e 148). A Medicina também acabou sendo afastada, e, por este motivo, afastou-se da pesquisa, restringindo-se não a um Hospital Escola, mas a um Hospital das Clínicas, apesar de continuar sendo financiada pela Universidade (CASTILHO, 2008, p.141-142).

O pleno apoio do Governo do Estado possibilitou a contratação de pelo menos 230 cientistas de instituições dos Estados Unidos e Europa (GOMES, 2007, p.44 e 57). O corpo docente da Unicamp contava ainda com profissionais brasileiros, como pesquisadores de renome da USP, ex-alunos do ITA e profissionais que viviam no exterior (MENEGHEL, 1994, p.151).

3.3.2 Planejamento físico

Segundo Castilho (2008, p.130-131), a Coplan (Comissão de Planejamento da Universidade de Campinas) via a integração universitária por

dois princípios *a priori* — e um corolário deles resultante[...] 1º *a priori* da estrutura centrada, incorporado ao conceito de universidade, desde 1934; 2º *a priori* do campus radial, proposto em 1963 como primeiro passo na busca de uma solução urbanística para superar os obstáculos em que esbarrou a implementação do projeto Darcy Ribeiro em Brasília; 3º corolário resultante da combinação dos dois princípios, a saber: que a enciclopédia integrada deve instalar-se em sua totalidade em um *campus único*.

Castilho afirma que a escolha pelo formato “radial” (Figura 28) possibilitaria articularem-se as duas estruturas propostas: “a estrutura da universidade e a estrutura da porção propriamente funcional da cidade universitária”. Essa concepção, segundo Fausto Castilho, teve como base quatro pontos:

1) A campanha em defesa da escola pública; 2) os debates sobre as propostas de reforma universitária; 3) minha permanência por todo um mês em Brasília para discutir, a convite de Darcy Ribeiro, o plano da UnB; e 4) os estudos, as discussões e a reflexão sobre o projeto da Universidade Federal de São Paulo durante os trabalhos do seu conselho universitário (CASTILHO, 2008, p.18).



Figura 28: Imagem da construção da Unicamp, demarcando o formato radial.
Fonte: Arquivo Histórico Unicamp.

A integração de todos os departamentos proposta por Zeferino como uma unidade interferiria na estrutura física do *campus*, e o urbanismo seria o seu aliado para materializar sua ideia. Partiriam de uma grande Praça Central, e os edifícios dos Institutos e a Reitoria a circundariam, promovendo um ponto de encontro e interação entre alunos, professores e pesquisadores dos diversos cursos. A Biblioteca se destacaria na praça como símbolo da sabedoria, e os demais edifícios se subordinariam a ela (GOMES, 2007, p.48-49).

Para colocar em prática todas as intenções da Coplan, incumbiram ao arquiteto João Carlos Bross o projeto do *campus*, cuja execução ficou a cargo do Escritório Técnico de Engenharia (Estec), sob a supervisão do engenheiro Paulo D'Andrea (CASTILHO, 2008, p.122; PINTO & BUFFA, 2009, p.129-136). Segundo Bross (1970, p.85), o *campus* foi projetado para receber os conceitos e a filosofia da Unicamp, favorecendo a pesquisa. Foi instalado em uma área de 52 alqueires, localizado a 1,5 quilômetros do anel rodoviário que circunda a cidade, com a

pretensão de crescimento futuro (1980-1984) para 12 mil²³ alunos, entre graduação e pós-graduação, e população de três a cinco mil pessoas, entre docentes, pesquisadores, técnicos e serviços gerais (BROSS, 1970, p.85-86).

Como zoneamento, foi adotado pelo escritório o modelo de *campus* “radial” (Figura 28) aprovado pela Coplan, contendo no centro uma grande praça; quanto ao entorno, receberia os edifícios dos Institutos, a Biblioteca, a Reitoria e os serviços de apoio. Conforme esquematizado na Figura 29, em seu perímetro seriam construídos os edifícios de todos os Institutos (VAZ et al, 1966, p.17-18). A Coplan também definiu a localização dos edifícios de forma sequenciada e por afinidades, com a ideia de se criar algo entre as duas implantações distintas da USP e UnB. No caso da USP, a crítica se remetia às grandes distâncias adotadas no *campus*, o que dificultava a relação entre as áreas de pesquisa. Já na proposta da UnB, a implantação de um único edifício de enormes proporções para abrigar seus Institutos foi o que Castilho considerou um erro, se “assemelhando a departamentos de faculdades”, apesar do *campus* contar com uma grande área de terra (CASTILHO, 2008, p.132 e 135; GOMES, 2007, p.48-49).

A justificativa de Bross para sua implantação foi que

O *Campus* terá um ponto focal, estabelecido através de um “cuore” ou grande praça, locada como área externa de conagração e vivência, encarada como polo (...). Com isto, no primeiro contato com o “*Campus*” através desta praça, o visitante terá a imediata ideia e sentimento do destino e integração das áreas circundantes, o que evidencia o verdadeiro universo da Universidade (BROSS, 1970, p.85).

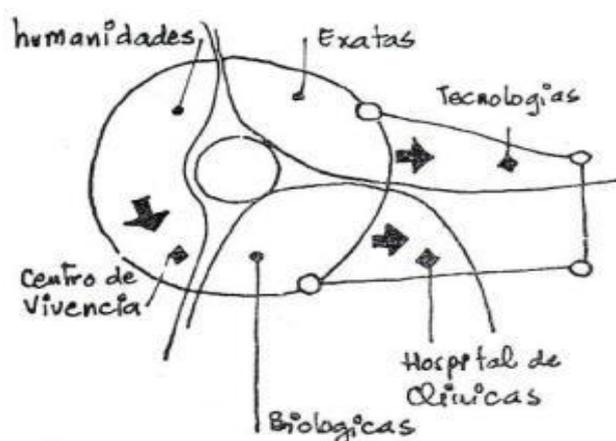


Figura 29: Esquema da estrutura física da Unicamp.
Fonte: BROSS, 1970, p. 85.

²³ Valor acima do aprovado inicialmente pela Coplan, que seria de até 10 mil (CASTILHO, 2008, p.133).

O esquema da estrutura física da Unicamp, representado na Figura 29, demonstra que as diretrizes traçadas pela Coplan foram seguidas por Bross, que buscou aproximar as áreas afins, divididas

em 3 grandes setores: ciências exatas, ciências biológicas e humanidades. Os sub-setores foram agrupados de forma a propiciar um intercâmbio na utilização dos espaços e aprimorar o relacionamento entre estudantes e atividades (BROSS, 1970, p.86).

A setorização partiu do *cuore*, localizado no centro e com fácil acesso ao Centro de Vivências, que abriga as “atividades socioculturais (museu pinacoteca, aula-magna, shopping-center, etc) ao lado do Centro de Informática e Reitoria” (BROSS, 1970, p.86). O setor de Ciências Biológicas foi locado na entrada do *campus*, o que facilitaria o acesso dos pacientes ao Hospital das Clínicas. A proximidade das Humanidades e Ciências Exatas se deve às artes, que forma um elo entre as duas áreas. Segundo mostra a Figura 30, na área das Humanidades estava previsto um estádio, que não teria relação com as Ciências Biológicas. Fechando o *campus*, todas as suas instalações foram circundadas por um anel viário (PINTO; BUFFA, 2009, p.129-136).

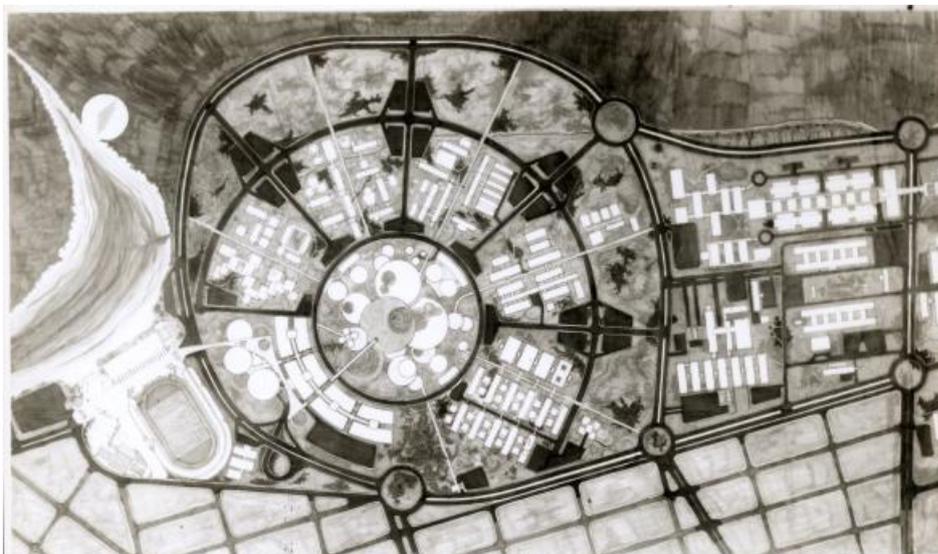


Figura 30: Planta da Unicamp.
Fonte: Arquivo Histórico Unicamp.

No decorrer do livro *O conceito de universidade no projeto da Unicamp*, Castilho coloca que não atribui o mesmo significado para *campus* e cidade universitária. Segundo seu conceito, *campus* é o local onde se concentra a área de

pesquisa e ensino, o *cuore*, que está inserido na cidade universitária que abrange o administrativo e financeiro (CASTILHO, 2008, p.133). Desta forma, ilustrada pela Figura 31, a cidade universitária de Barão Geraldo foi dividida em duas fatias; em uma delas foi locada (área 1)

a área do *campus* — onde se reúnem as unidades de pesquisa-e-ensino que são propriamente definidoras da universidade — e, de outro lado, a restante área da cidade universitária (área 2), onde se localizam as demais unidades (CASTILHO, 2008, p.131).



Figura 31: Diagrama do *campus* radial.
Fonte: CASTILHO, 2008, p.134.

Nessa divisão de conceitos, as escalas são trabalhadas de formas diferentes, como ilustra a Figura 32. Enquanto o *campus* é projetado para o pedestre, a cidade universitária permite o deslocamento por meio de automóveis, sendo o transporte dentro do *campus* feito por coletivos e individuais (patins ou bicicletas) (CASTILHO, 2008, p.133-134).

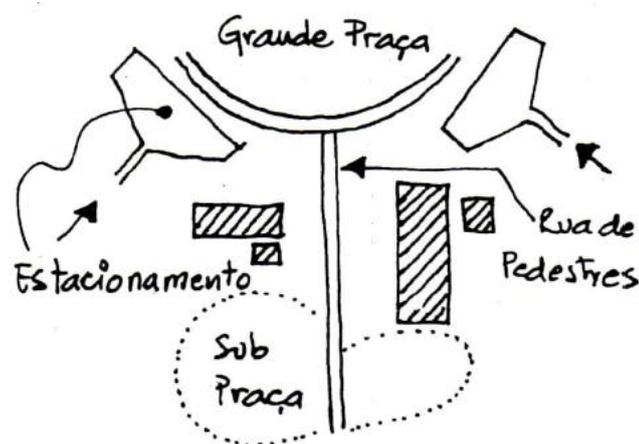


Figura 32: Relação pedestre/automóveis - Unicamp.
Fonte: BROSS, 1970, p. 86.

O método construtivo adotado para o *campus* da Unicamp foi baseado na simplicidade e na uniformidade, com o mesmo acabamento para todas as edificações como forma de minimizar custos; os edifícios seriam flexíveis, com o mínimo de alvenaria, permitindo alterações através de paredes removíveis; as instalações elétricas, hidráulicas e de gás seriam feitas através de tubulações aparentes para facilitar a manutenção; o gabarito das edificações não ultrapassaria três andares, dispensando a utilização de elevadores (VAZ et al, 1966, p.16-18).

3.3.3 Análise comparativa das ideias do consultor sobre as ideias adotadas pela Unicamp

É possível identificar no estudo as semelhanças entre o plano proposto por Atcon e a Universidade Federal de Campinas (Unicamp). No campo administrativo, a relevante mudança estava na necessidade de se ver a universidade como uma empresa privada que rende lucros, como determinado por Rudolph Atcon em suas consultorias.

No campo pedagógico, é possível perceber que a Unicamp partilha da proposta da departamentalização dos Institutos. Inicialmente adotou os Institutos Centrais para, posteriormente, seguindo a Reforma Universitária Brasileira de 1968, adotar os Centros de Estudos Gerais (CEG).

No campo físico, por meio da análise feita com os itens determinados nos objetivos da pesquisa, foram encontradas as seguintes semelhanças e diferenças com as diretrizes do consultor norte-americano Rudolph Atcon:

1. Localização do *campus* na cidade:

De todos os *campi* analisados nesta pesquisa (Ufes, UFPA e Unicamp), o *campus* da Universidade Estadual de Campinas é o mais afastado do centro da cidade. Segundo o arquiteto do projeto João Carlos Bross, localiza-se a 1,5 quilômetros do anel rodoviário que circunda a cidade. De acordo com o mapa da Figura 33, encontra-se a 10 quilômetros do centro da cidade de Campinas.

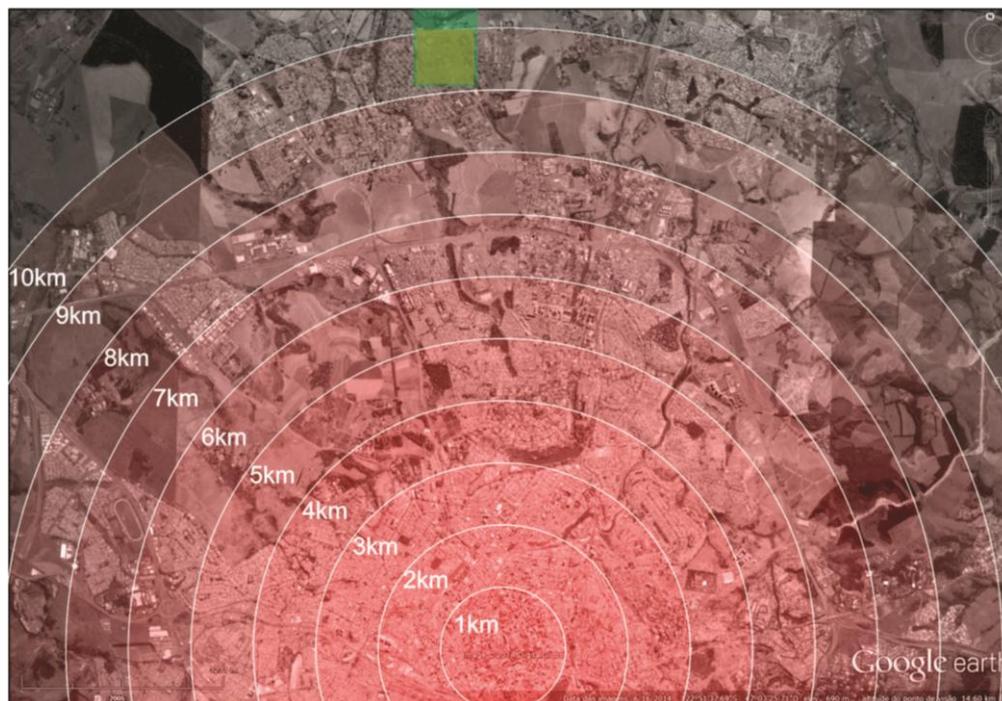


Figura 33: Mapa demonstrando distâncias do *campus* da Unicamp
Fonte: Núcleo de Pesquisa Ágora - UFJF

2. Dimensão do *campus*:

O terreno adquirido pela Unicamp possuía uma dimensão bem inferior ao que Rudolph Atcon acreditava ser o ideal. Apesar de ter a possibilidade de expansão, o terreno de 52 alqueires não chegava perto dos 500 hectares recomendados.

3. Limite do *campus*:

Grande parte do limite do *campus* da Unicamp é feito com o meio urbano da cidade de Campinas. Uma diferença encontrada entre as diretrizes de Rudolph Atcon e o executado na Unicamp foi a mudança entre o anel verde no entorno proposto pelo consultor e o anel viário concebido pela Unicamp, considerando que, nos dois casos, as instalações ficam afastadas do meio urbano, atingindo o objetivo do consultor.

4. Hierarquia do sistema viário:

Assim como os demais *campi*, a Unicamp também valorizou o pedestre com a criação de um anel viário externo, indo ao encontro da sugestão do consultor norte-americano.

5. Relação física entre os setores:

Na zonificação, a similaridade inicia-se pela proposta do *cuore*, com a grande Praça Central circundada pelos demais setores que compõem a Universidade. A proposta da Unicamp é fiel à de Rudolph Atcon, ao manter os institutos no entorno da praça, objetivando relacionar os setores com os institutos de forma rápida.

6. Localização da Biblioteca Central e gabarito:

No projeto, a Biblioteca Central seguiria os preceitos de Rudolph Atcon, destacando-se das demais edificações circundantes e, como símbolo de sabedoria, sendo locada no centro da Praça Central.

7. Método construtivo adotado:

Quanto ao método construtivo, a Unicamp adotou edificações econômicas baseadas em estruturas modulares, padronizadas, que se utilizaram da flexibilidade para permitir as mais variadas ocupações. Essas diretrizes se afinam com as recomendações de Rudolph Atcon para os *campi* brasileiros.

Concluindo, como se viu nesse capítulo, as semelhanças entre as propostas do consultor e as ideias, implantadas ou não, da Unicamp indicam que Rudolph Atcon compartilhou dos mesmos ideais de muitos estudiosos no campo do ensino superior da época, como foi o caso da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade de São Paulo (USP). Além disso, teve grande influência no processo de reforma universitária no Brasil na década de 1960, não apenas por atuar no campo político e administrativo, mas também por relacionar suas propostas para a reforma universitária com uma estratégia de planejamento físico das universidades.

4 CONSIDERAÇÕES

A pesquisa foi iniciada com a hipótese de que Rudolph Atcon foi o real responsável pela reformulação do ensino superior no país, entendendo o consultor como um personagem autoritário, como denominado pelo pesquisador Luiz Cunha (2007b, p.195), e teocrata, como definido pela pesquisadora Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero (1991, p.27), além de fortemente relacionado com o governo militar. A forma com que os Estados Unidos interferiam no país, a atuação militar e as inovadoras ideias do consultor influenciaram para que Rudolph Atcon não obtivesse o respeito dos estudantes, mesmo tentando se afastar dos meios políticos nos seus trabalhos e alegando estar trabalhando para o ensino, e não para uma determinada política. Rudolph Atcon obteve apoio profissional de muitos intelectuais da época, como Anísio S. Teixeira, que o indicou para diversos trabalhos. O consultor também recebeu muitas críticas sobre o resultado negativo de sua análise a 12 universidades brasileiras no campo administrativo (PROFESSOR, 1967), como citado no capítulo 2.1, mas durante o estudo foi possível compreender suas ideias a partir de um novo ângulo.

Em entrevista à pesquisadora Magda Campêlo, o engenheiro e arquiteto Alcyr Meira descreve sua relação profissional com o consultor Rudolph Atcon e demais consultores norte-americanos durante os acordos MEC-BID como muito produtiva, o que rendeu a Alcyr Meira uma palestra em Houston, a convite da Rice University, sobre planejamento de *campi* universitários, tendo como base o projeto feito para a Universidade Federal do Pará. As diretrizes de Atcon foram absorvidas por Alcyr Meira não apenas no projeto da UFPA, mas também na sua proposta para a Universidade Federal da Paraíba, em 1971 (CAMPÊLO, 2012, p.221).

Em entrevista cedida a esta pesquisa, o arquiteto da UFPA, Alcyr Meira, foi categórico em descrever o consultor Rudolph Atcon como muito acessível, flexível e em afirmar que este trocava ideias e informações com os demais especialistas da época. Mas, no desenvolvimento da pesquisa, não foi possível localizar as fontes nas quais Rudolph Atcon se espelhou para construir suas ideias.

No aspecto bibliográfico, após a leitura de um número significativo de publicações do consultor, foi possível verificar que realmente não é necessário ler

todos os seus textos para entender seu pensamento, já que, na realidade, defende as mesmas ideias, destacando-se a publicação de 1974 *Administração Integral Universitária* como um resumo contendo inclusive o *Manual sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário* (1970).

As cartas encontradas têm um peso significativo por demonstrar um entrosamento entre Anísio S. Teixeira e Rudolph Atcon, esclarecendo que o consultor era bem visto pelo educador, apesar de discordarem em alguns pontos.

Foi possível identificar que as diretrizes defendidas por Rudolph Atcon em suas diversas atuações em órgãos definidores de políticas educacionais para o ensino superior no Brasil, suas publicações e consultorias tiveram forte impacto na estruturação administrativa, pedagógica e física de diversas universidades brasileiras, destacando-se o texto sobre o planejamento de espaços universitários, *Manual Sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário* (1970), que norteou a criação e a ampliação de muitas universidades no Brasil. É possível indicar que Rudolph Atcon não foi apenas um importante personagem que influenciou o processo da Reforma Universitária no Brasil, mas compartilhou dos mesmos ideais de muitos estudiosos no campo do ensino superior da época, e suas diretrizes sobre as mudanças do ensino superior estiveram paralelas à criação de Leis e Decretos-Lei (1961, 1966, 1967 e 1968), ou à frente delas, como analisado a seguir:

Decreto-Lei nº 53 de 1966:

- **Ensino e pesquisa básicos:** o Decreto-Lei de 1966 não especifica se seriam Institutos Centrais ou Centros de Estudos Gerais. Rudolph Atcon, por sua vez, já havia criado, entre 1957 e 1960, os Institutos Centrais para a Universidad de Concepción, aos quais ele próprio fez críticas posteriormente, e desenvolveu o Centro de Estudos Gerais, em 1960/1961, na criação da Universidade Nacional de Honduras (BRASIL, 1966)

Decreto-Lei nº 252 de 1967:

- **Departamentalização:** o Decreto-Lei de 1966 ainda não havia utilizado o termo *Departamentalização*, que aparece apenas no Decreto-Lei de 1967. Neste caso, os catedráticos foram perdendo força, mas ainda estavam presentes nas universidades e com cargos de chefia dos departamentos. Rudolph Atcon tratou dessa temática no livro *The Latin American University*, de 1962, em que diz ser

este um modelo norte-americano apropriado pela América Latina de forma incorreta. Não foi possível saber se antes dessa data o consultor divulgava a departamentalização;

- **Manteve o Ensino e pesquisa básicos:** ainda sem especificação do modelo a seguir, o Decreto-Lei de 1967 trata o tema de forma mais específica do que o Decreto-Lei de 1966, contendo as seguintes áreas - Ciências Matemáticas, Físicas, Químicas e Biológicas, Geociências, Ciências Humanas, Filosofia, Letras e Artes. Essas áreas selecionadas pelo Decreto-Lei estão contidas nas sugestões feitas pelo consultor em 1966 na publicação *Proposta para a reestruturação da Universidade Federal do Espírito Santo*, que era mais ampla: Ciências Sociais - Matemática, Física, Química, Biologia e Geografia; Humanidades - Filosofia, História, Línguas/Letras, Geografia; Ciências Naturais - Antropologia, Sociologia, Etnologia, Psicologia (BRASIL, 1967b).

Reforma Universitária Brasileira - Lei nº 5.540, de 1968:

- **Dedicação exclusiva dos professores:** discutida e sugerida por Rudolph Atcon desde a publicação de 1962 (*The Latin American University*);
- **Ciclo Básico ou Centro de Estudos Gerais (CEG)** (SANCHEZ, 1996, p.67): como citado anteriormente, Rudolph Atcon já havia desenvolvido a ideia do Centro de Estudos Gerais na criação da Universidade Nacional de Honduras, em 1960/1967;
- **Criação de um *campus*:** a Lei de 1968 diferenciou-se das demais Leis e Decretos-Lei no âmbito físico, promovendo a integração universitária. Desde 1962, no texto *The Latin American University*, Rudolph Atcon já defendia a criação de um espaço físico exclusivo para a universidade, que integraria a comunidade acadêmica de acordo com as suas relações.

Rudolph Atcon acreditava em um princípio único para todas as universidades brasileiras e estrangeiras, defendendo que suas recomendações eram “quase idênticas às proporcionadas a outras universidades, dentro e fora do país”. Contudo

seus princípios deveriam sofrer adaptações de acordo com a necessidade individual de cada universidade, variando “não só de país para país, senão também de cidade a cidade dentro de um mesmo país, e até de instituição a instituição dentro da mesma cidade”, fugindo da uniformização universitária, “mas se reconhece [...] as ideias atrás dos acontecimentos, os princípios fundamentais, as premissas conceituais neste campo da educação e pesquisa são, em determinadas épocas do seu desenvolvimento, os mesmos para toda a humanidade” (ATCON, 1966b, p.3).

No campo administrativo, a ideia da autonomia universitária como um todo demonstra sua imparcialidade quanto ao governo. A própria lei criada nessa época (1968) não dá autonomia total à universidade, corroborando a afirmação de José Serrano de que as ideias de Rudolph Atcon nada tinham a ver com linha política, e sim com conceitos firmados, independentemente dessa questão.

No decorrer da pesquisa foi possível perceber que, em vários países, Rudolph Atcon pôde demonstrar suas ideias e diretrizes em relação ao campo administrativo e pedagógico. Todavia, foi no Brasil que o consultor conseguiu desenvolver melhor suas teorias sobre o campo físico das universidades, o que é evidenciado pelo percentual de publicações oficiais brasileiras em relação aos trabalhos publicados nos demais países latino-americanos e na Alemanha. A análise feita para a Universidade Alemã não aborda questões físicas, e os estudos feitos para as universidades da América Latina não chegam aos diagramas feitos para as publicações brasileiras.

A localização dos terrenos escolhidos para as três universidades analisadas neste estudo são bem similares entre si. No caso da Ufes, que possui dois *campi*, o *campus* Maruípe, que engloba o Setor Biomédico, encontra-se a quatro quilômetros de distância do centro da cidade de Vitória, dois quilômetros a menos do que o *campus* das Goiabeiras, responsável por receber os demais setores, distância esta similar à do *campus* da UFPA, em torno de seis quilômetros. Já o terreno destinado à Unicamp possui o maior afastamento dentre os *campi* analisados, de dez quilômetros. Não foi possível confirmar se, na época da instalação das Universidades, esses terrenos estavam inseridos ou não no meio urbano. Vale acrescentar que a proximidade ou não do centro da cidade com os *campi* estudados está vinculada à disponibilidade de terrenos com dimensões necessárias para se construir um *campus*, ou ao valor a ele atribuído, diferentemente de diversos *campi* norte-americanos, que inicialmente eram pensados para ser afastados da cidade.

Fato que se modificou, segundo o pesquisador Márcio Souza (2013, p.40-41), a partir do século XX, graças a um movimento de expansão universitária nos Estados Unidos que levou muitos *campi* a serem implantados nos centros urbanos. Possivelmente não havia clareza nessa temática para Rudolph Atcon devido ao debate existente nos EUA, já que em nenhum dos seus trabalhos sugeriu seu afastamento, mas apenas se preocupou com os limites do *campus* em relação à cidade. A pesquisadora Magda Campêlo, em cuja tese de doutorado analisa sete *campi* nordestinos criados após a Reforma Universitária, concluiu que a necessidade de uma grande extensão de terra somente seria viável se fossem adquiridos terrenos de baixo valor na periferia das cidades, característica esta que a médio prazo mudou em função do desenvolvimento da região, ocasionado pela própria instalação das universidades (CAMPÊLO, 2012, p.618).

Dois dos três *campi* estudados foram locados em terrenos com dimensões inadequadas, ou seja, menores que a sugerida por Rudolph Atcon, que seria de 500 hectares. A Ufes, com uma área total de 239.260 m², correspondendo, conforme dito pelo arquiteto Marcelo Vivacqua, a 100 hectares; e a Unicamp, implantada em um terreno de 52 alqueires²⁴, (correspondente a 1.258,400m²) mas com possibilidade de expansão. Assim, ambas possuíam terrenos com dimensões bem inferiores ao ideal do consultor. Já os textos da UFPA não mencionam as dimensões dos terrenos, mas, segundo o próprio consultor Rudolph Atcon, a área adquirida pela Instituição superava os 500 hectares (5.000.000 m²), sendo o único *campus* estudado a estar dentro dos valores sugeridos.

Os limites dos *campi* da Ufes e da UFPA seguem grande parte do que Rudolph Atcon acreditava. Os dois *campi* possuem boa parte de suas divisas feitas por água ou reserva florestal. No caso da UFPA, a pequena parte de divisa com a cidade foi devido a invasões ocorridas no passado. Já a Unicamp não possuía em seu projeto uma preocupação com o anel verde, tendo sido esse afastamento dos edifícios ocasionado pela circulação periférica adotada. O sistema viário adotado nos três *campi* estudados privilegia os pedestres com o sistema periférico cercado por bolsões de estacionamento.

Os três *campi* estudados previam vias periféricas abrindo espaço para os pedestres se locomoverem de forma segura nos centros. A ideia de separar os

²⁴ Existem 4 tipos de alqueires, o do norte, o mineiro, o paulista e o baiano. Por se tratar de um projeto no Estado de São Paulo, foi adotado para essa pesquisa o alqueire paulista.

pedestres, como citado anteriormente, era comum em universidades no exterior, mas, diferentemente das inglesas, que apenas mantinham os tipos de vias em locais diversos, as universidades norte-americanas hierarquizaram as circulações, privilegiando o trânsito interno dos pedestres por meio de via periférica para automóveis no *campus* (ALBERTO, 2012, p.191-199).

Também se percebe que, no campo físico, Rudolph Atcon demonstra uma postura mais maleável, aceitando mudanças, como no caso da UFPA em criar dois centros, o que também veio a acontecer na Ufes com a criação de dois CEGs implantados pela Instituição. Os projetos das três universidades estudadas valorizaram a Biblioteca Central através da sua localização, como o consultor acreditava ser importante. No caso da UFPA, o gabarito não foi um ponto determinante na construção da Biblioteca, fugindo, neste aspecto, do que o consultor acreditava ser importante. Para o método construtivo, todos os arquitetos pensaram em materiais simples e flexíveis, conforme sugeridos por Rudolph Atcon, incluindo a altura das edificações em até três andares.

O resultado da análise proposta reafirmou a importante atuação do consultor norte-americano Rudolph Atcon no país, e ainda demonstrou sua participação em um grupo de pensadores que estavam em busca de um melhor ensino superior. Os fóruns, seminários e demais encontros formais ou informais com esses profissionais que buscavam respostas sobre como mudar, considerando-se que a transformação necessária era grande e brusca, foram um importante avanço para o ensino brasileiro. Nesse cenário, Rudolph Atcon aparece como um importante personagem na construção das ideias, acessível e sempre pronto a discutir o assunto, demonstrando-se aberto a novas iniciativas e ideias. Como toda mudança, a Reforma Universitária Brasileira obteve aspectos positivos e negativos.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, Klaus Chaves. **Formalizando o ensino superior na década de 1960: a cidade universitária da UnB e seu projeto urbanístico**. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2008.

ALBERTO, Klaus Chaves. **A Noção de Integração Universitária nos Campi da universidade de Brasília e da Universidade de Campinas: Duas interpretações de um mesmo ideal**. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE DO URBANISMO, 2012, Porto Alegre.

ACORDO MEC-USAID. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 abr. 1967. Arquivo: PROEDES/UFRJ AMU 4 CA 20.

ATCON, Rudolph P. **Proposta para a reestruturação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 10 dez. 1966a. 53 p. Idioma original português.

_____. **Proposta para a reestruturação da Universidade Federal do Espírito Santo**. 1 dez. 1966b. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 1967.

_____. **Rumo à Reformulação estrutural da Universidade Brasileira**. Rio de Janeiro: MEC/DES, 1966c.

_____. **La Universidad Alemana - transformación estructural**. Revista de la Cultura de Occidente: ECO. Bogotá, 1966d. Tradução do original **Zum Strukturwandel der deutschen Universität**. Essen-Bredene; Gesprächskreis Wissenschaft und Wirtschaft BDI/DIHT/SV; Bezug durch Gemeinnützige Verwaltungsgesellschaft für Wissenschaftspflege 1964.

_____. **Manual sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário**. 1970.

_____. Teoria sobre Administracion Universitaria. In: ATCON, Rudolph P., TRUCCO, Henrique Tono. **Teoria sobre Administracion Universitaria. Administracion Academica**. Guadalajara: UAG/OEA, 1973a.

_____. **Uma Teoria Unificada sobre Estruturação e Administração Universitária**. 1973b.

_____. **Administração Integral Universitária: uma teoria unificada da estruturação e administração universitárias**. Rio de Janeiro: MEC/BID/PREMESU, 1974a.

_____. **Princípios da Reforma Integral da Universidade Brasileira**. 1968. In: SERRANO, José (org.). **Atcon e a universidade brasileira**. Rio de Janeiro: Equipe técnica de planejamento, pesquisa e empreendimentos LTDA, 1974b.

_____. **A síndrome da densidade**. Rio de Janeiro: Eu e você, 1984.

_____. **Thema cosmo-logico-sophicon**. Rio de Janeiro: {S.N.}, 1988.

_____. **La Universidad Latinoamericana - Clave para un enfoque conjunto del desarrollo coordinado social, económico y educativo en América Latina**. Edición digital por Christian Hernández Amaya. Bogotá, 2009.

BORGO, Ivantir Antônio. **Ufes: 40 Anos de História**. Vitória: Ufes. Secretaria de Produção e Difusão Cultural. 1995.

BRASIL. Decreto-Lei nº 53, de 18 de novembro de 1966. **Princípios e normas de organização para as Universidades Federais**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0053.htm>. Acesso em: 22 set. 2014.

_____. Decreto-Lei nº 252, de 28 de fevereiro de 1967b. **Normas complementares ao Decreto-Lei nº 53, de 18 de novembro de 1966**. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=91979&norma=117229>. Acesso em: 22 set. 2014.

_____. Lei nº 806, de 5 de maio de 1954. **Criação da Universidade do Espírito Santo**. In: Ufes. Universidade do Espírito Santo: Criação e Instalação. Vitória, 1954.

_____. Lei nº 3.868, de 30 de janeiro de 1961b. **Criação da Universidade do Espírito Santo e outras providências**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-3868-30-janeiro-1961-353637-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 24 set. 2014.

_____. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961a. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm>. Acesso em: 22 set. 2014.

_____. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. **Reforma Universitária Brasileira**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5540.htm>. Acesso em: 22 set. 2014.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **A propósito dos convênios MEC-USAID**. Documento nº 69, mai. 1967a. Arquivo: PROEDES/UFRJ AMU 16 PU 100.

_____. Projeto de Lei. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Departamento de Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1952.

BROSS, João Carlos. **Considerações sobre o Plano Diretor da Universidade Estadual de Campinas**. Órgão informativo do diretório acadêmico Adolfo Lutz. 1970.

CAMPÊLO, Magda. **Campus no nordeste: Reforma Universitária de 1968.** 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2012.

CASTILHO, Fausto. **O conceito de universidade no projeto da Unicamp/** Fausto Castilho: organizador: Alexandre Guimarães Tadeu de Soares - Campinas, SP: Ed.da Unicamp, 2008.

CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Crítica: o ensino superior na república populista.** 3. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2007a.

_____. **A universidade reformada: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior.** 2.ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2007b.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **E ele voltou... o segundo governo Vargas - Comissão Mista Brasil-Estados Unidos.** Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/EleVoltou/ComissaoMista>. Acesso em: 8 jul. 2014.

DIAS, Fernando Correia. **A Construção do Sistema Universitário no Brasil; Memória Histórica do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.** Brasília: CRUB, 1989.

DIAS, Stelio; NORTH, Stewart D. **A study of atconian university principles and their influence on higher education reform in Brazilian universities.** 1973. Tese (Doutorado em Educação) – University of Houston. Texas. USA. 1973. UNESCO. Documento. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001588/158866eb.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

DUARTE, Sérgio. **A presença americana na educação nacional.** 1968. Arquivo: PROEDES/UFRJ AMU 16 PU 102.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. **Da Universidade “Modernizada” à universidade disciplinada: Atcon e Meira Mattos.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

GOMES, Eustáquio. **O Mandarim: história da infância da Unicamp.** 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

MANSAN, Jaime Valim. **Os Expurgos na UFRGS: Afastamentos sumários de professores no contexto da ditadura civil-militar (1964 e 1969).** 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

MEC-USAID: Acordo virá ampliado. **Correio da Manhã.** 3 mai. 1967. Arquivo: PROEDES/UFRJ AMU 23 PU 130.

MENEGHEL, Stella Maria. **Zeferino Vaz e a Unicamp - Uma trajetória e um modelo de Universidade.** 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994.

MINTO. Histedbr. **MEC-USAID.** Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_mec-usaid%20.htm>. Acesso em: 27 abr. 2013.

MOTTA, Rodrigo P. Sá. **As universidades e o regime militar:** cultura política brasileira e modernização autoritária. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

NUNES, Clarisse. Anísio Teixeira entre nós: **A defesa da educação como direito de todos.** Revista Educação & Sociedade, ano XXI, n. 9, p. 73, dez. 2000.

PANETO, Greicikelly Gaburro. **Crescimento do campus:** uma questão de planejamento. O caso do Centro Tecnológico - Ufes. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2007.

PROFESSOR diz que acordo MEC-USAID interessa ao Brasil. **Jornal do Brasil.** 30 abr. 1967. Arquivo: PROEDES/UFRJ AMU 23 PU 134.

PINTO, Gelson de Almeida; BUFFA, Ester. **Arquitetura e educação:** câmpus universitários brasileiros. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

PMV – Prefeitura Municipal de Vitória. Lei nº 379, de 28 de outubro de 1954. **Doação de terreno.** In: Ufes. Universidade do Espírito Santo: Criação e Instalação. Vitória, 1954.

SANCHEZ, Luz Helena Toro de. **A extensão universitária:** o histórico da experiência da Unicamp. 1996. Dissertação (Mestrado em Metodologia do Ensino) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1996.

SERRANO, José. **Atcon e a universidade Brasileira.** Rio de Janeiro: Equipe técnica de planejamento, pesquisa e empreendimentos LTDA, 1974.

SOUZA, Márcio de Oliveira Resende. **O programa MEC/BID III e o CEDATE na consolidação dos campi universitários no Brasil.** 2013. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) – Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2013.

SUPLICY acha que convênio MEC-USAID vai reformar a universidade brasileira. **Jornal do Brasil.** 20 jul.1965b. Arquivo: PROEDES/UFRJ AMU 23 PU 124.

SUPLICY afirma que 65 será o ano de reformulação das universidades brasileiras. **Jornal do Brasil.** 13 jan. 1965a. Arquivo: PROEDES/UFRJ AMU 23 PU 125.

TEIXEIRA, Anísio S. A expansão do ensino superior no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Rio de Janeiro, v.36, n.83, p.3-4, jul./set. 1961c.

_____. **Aspectos americanos de educação:** Anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927 / Anísio Teixeira; 1900-1971. Organização de Clarice Nunes. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

_____. **Carta de Anísio S. Teixeira a Dr. J. Kellum Smith (Secretário Assistente da John Simon Guggenheim Memorial Foundation) tecendo elogios sobre o profissional Atcon.** s.l. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). 1961b.

_____. **Carta de Anísio S. Teixeira a Rudolph P. Atcon acusando recebimento de correspondência.** Rio de Janeiro. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). jun.1961c.

_____. **Carta de Anísio S. Teixeira a Rudolph P. Atcon enviando-lhe material sobre o ensino superior e a Universidade de Brasília.** s.l. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). 1961a.

_____. Confronto entre a educação superior dos Estados Unidos e a do Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, vol. 33, n.78, p.63-74, abr./jun. 1960.

_____. **Educação e universidade / Anísio Teixeira.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1988.

_____. **Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969/ Anísio Spínola Teixeira; 1900-1971.** Apresentação Hélio Trindade. Prefácio de Luiz Vianna Filho. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

Universidade Federal do Pará (UFPA). **Nova ponte de pedestres da UFPA facilita navegabilidade do Tucunduba,** Disponível em: <http://www.portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=2684>. Acesso em: 03 nov. 2014.

_____. **O Espaço Acadêmico da UFPA.** Prefeitura do campus universitário. Escritório Técnico Administrativo - ETA. 1979.

_____. **Univer[CS]idade: Uma leitura sobre a infra-estrutura, estrutura e super estrutura da UFPA no espaço tempo.** Prefeitura Multicampi da Universidade Federal do Pará. 2002.

VAZ, Zeferino; ROMEO, Paulo Gomes; ALMEIDA, Antônio Augusto de. **Relatório da Comissão Organizadora da Universidade de Campinas ao Egrégio Conselho Estadual de Educação.** 1966.

ANEXO I - Linha do Tempo Rudolph Atcon

ANEXO II - QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA COM ALCYR MEIRA

1. De acordo com o texto da UFPA, seu vínculo de trabalho com a Instituição remota ao início da Universidade, iniciado pelo trabalho junto ao Departamento de Obras, que tinha a intenção de reformar as edificações das faculdades e escolas isoladas. Dessa forma, o senhor participou desde os primeiros questionamentos sobre o campus. Em algum momento existiu um planejamento quantitativo de alunos para o campus? Se sim, se recorda qual o valor estimado?
2. O texto da UFPA de 2002, diz que através da Divisão de Obras, juntamente com uma equipe de arquitetos liderada pelo arquiteto Jorge Moreira, o Sr. criou uma proposta após buscarem em outros países referências para consolidar seus anseios, que foi "pautada em conceitos inéditos que se configuraram num padrão de arquitetura regional". Primeiramente, o Jorge Moreira citado seria o Jorge Machado Moreira, responsável pelo plano urbanístico da Universidade do Brasil? Segundo, quais foram os países utilizados como referência? Quais eram os projetos-referência, nacionais e internacionais?
3. Antes do projeto foram definidos os setores que iriam fazer parte do campus? Se sim, qual foi o determinante para essa definição? E quem os definiu? Quais eram eles?
4. A zonificação proposta por Atcon se baseava num campus, possivelmente, radial, com o Centro Básico (termo anteriormente denominado por ele como Institutos Centrais) no centro e as faculdades ao redor. Pela planta que encontramos nos textos da UFPA, a área dos centros básicos e as faculdades acabaram sendo divididas por um igarapé. Considerando que Atcon acreditava que a UFPA era um dos modelos de suas ideias física, e ao mesmo tempo para nós pesquisadores, com esse ponto citado como diverso,

acredita-se haver uma relação nos Centros Básicos e também nas áreas profissionais, que mantém essas suas teorias. O Sr. se lembra de alguma discussão a esse respeito e qual relação poderia ser? Foi um ponto debatido pela Comissão? O senhor acredita que Atcon teve alguma influência nessas diretrizes?

5. Atcon acreditava que no entorno dos campi se deveria adotar um anel verde, que possibilitaria uma futura expansão da universidade, bem como, uma forma de lucro futura para a instituição. No caso da UFPA grande parte da divisa é feita com o rio Guamá, e uma boa parte com uma reserva florestal, ficando uma pequena parte que se relaciona com a cidade. Por acaso se pensou em uma solução de anel verde para a divisa com Belém e foram interrompidos pelo problema dos aterros que o terreno exigia ou não?
6. Alguns *campi* foram pensados para abrigar habitações estudantis e ou para atender também aos docentes. Algumas delas locaram essas instalações juntamente com os edifícios acadêmicos, diferente do proposto por Atcon, que acreditava que essas edificações deveriam se localizar perto dos *campi*, porém fora deles, evitando assim manifestos estudantis. Para UFPA foram criados esses espaços? Se sim, baseados em que ideal foram implantados?
7. Em algum momento durante o processo de projeto o Sr. teve contato com algum livro do Atcon? Em que circunstância?
8. Outro ponto que Atcon abrangia era a diminuição de ruídos em alguns pontos do campus, como forma de melhorar a concentração dos estudantes. Na implantação dos edifícios para salas de aula e bibliotecas, houve alguma preocupação quanto aos ruídos produzidos pela comunidade acadêmica? Se sim, como foram solucionados?
9. O texto da UFPA de 2002 fala que não foram feitos estudos de orientação solar e ventilação. Já outro texto também da UFPA de 1979, demonstra que a implantação privilegiou a ventilação. Qual texto está correto?

10. Segundo o texto da UFPA 2002, o método construtivo adotado era simples e flexível, mantendo as ideias do Governo Federal, mas o gabarito das edificações não é citado. Vocês acompanharam a ideia de no máximo três pavimentos para minimizar questões de custo e manutenção com elevadores?
11. Atcon acreditava que a Biblioteca era o centro do saber e por esse motivo deveria ter um local de destaque no campus. No projeto para a UFPA o Sr. se lembra se sua localização era central e se seu gabarito se destacava dentre as demais edificações do entorno?
12. O senhor se lembra qual foi o seu primeiro encontro com Atcon e em que situação ele aconteceu? Se recorda a quem eles estava vinculado profissionalmente na época?
13. Quais os pontos que o senhor acredita que Atcon mais influenciou na UFPA? E quais foram as contribuições de Atcon para a Universidade quando a visitou e também nas trocas de ideias entre vocês?
14. Àquela época o senhor chegou a trocar cartas pessoais e profissionais com Atcon?
15. O senhor se vê como um amigo pessoal de Atcon ou a relação de vocês era estritamente profissional?
16. Como o senhor descreveria a pessoa de Atcon, tanto no âmbito pessoal quanto no âmbito profissional?
17. Existiam muitos seminários naquela época já que era um tema ainda novo para todos vocês, no qual trocavam ideias e segundo os textos que li, esses seminários influenciaram muito a Comissão da UFPA. O Atcon esteve presente em algum seminário que o Sr. tenha ido?

18. A UFPA foi o seu primeiro projeto de campus, correto? Posteriormente fez outros estudos e projetos? Para quais Instituições foram? Nesses projetos, quais princípios se mantiveram?
19. Também faz parte do meu estudo a Ufes, e em um dos textos que li fala que o Sr. foi convidado, em 1976, a fazer um estudo que diagnosticou uma grande necessidade de reformulação dos edifícios existentes. O Sr. chegou a fazer alguma proposta? Sabe dizer se os projetos do arquiteto Marcelo Vivacqua, o segundo arquiteto da Ufes, haviam sido seguidos?
20. Qual é o "peso" das teorias de Atcon em seus projetos?
21. O projeto para a UFPA, aconteceu posteriormente a Reforma Universitária, mas informalmente o Sr. me disse que fez parte das discussões que resultou na Reforma Universitária Brasileira. O Sr. fez parte da Comissão de julho de 1968 criada para promover a reforma, ou sua participação foi anterior? Como foi dada? Houve um convite? Por parte de quem?
22. Atcon esteve presente em algum destes encontros?
23. Para o Sr. qual o "peso" das teorias de Atcon na Reforma Universitária Brasileira?
24. Para finalizar, o Sr. tem fotos, plantas e documentos da UFPA ou da Ufes?